



MEG CABOT

A MEDIADORA

Crepúsculo

sempre de sexta
19h30 da TV Povo



Série A Mediadora

Vol. 6 - Crepúsculo

Meg Cabot

Sob o pseudônimo de Jenny Carroll
Da autora da série O Diário da Princesa

Sinopse

Suzannah já está acostumada com fantasmas. Eles a acordam no meio da noite. Assombram seu armário na escola. E ela até já viu alguns na praia de Carmel. Afinal de contas, Suze é mediadora e a comunicação com os mortos faz parte de seu cotidiano. A última coisa que ela esperava era se apaixonar por um deles: Jesse, um gato do século XIX.

Mas quando ela e Paul Slater — mediador de força inegável e intenções dúbias — descobrem que seus poderes vão muito além de ajudar fantasmas a resolver seus problemas terrenos, Suze pira de vez. É muito aterrorizante ter o destino dos fantasmas nas mãos e saber que pode alterar o curso da História, principalmente porque Paul também pode. E ele adoraria evitar o assassinato de Jesse, impedindo-o de virar fantasma e lhe garantindo uma vida tranqüila, finalmente... mas no século XIX, o que significaria que Jesse e Suzannah jamais se conheceriam.

Suze então está diante da decisão mais importante da sua vida: deixar o único cara que já amou voltar para seu próprio tempo... ou mantê-lo enclausurado eternamente na semivida ao seu lado. O que Jesse escolheria: viver sem Suzannah ou morrer por amor?

Crepúsculo é o sexto, e último, volume da série *A Mediadora*, iniciada com *A terra das sombras*, *O arcano nove*, *Reunião*, *A hora mais sombria* e *Assombrado*.

Prólogo

Havia sido uma típica manhã de sábado no Brooklyn. Nada extraordinário. Nada que me fizesse suspeitar de que era o dia em que minha vida mudaria para sempre. Absolutamente nada.

Eu havia acordado cedo para assistir a desenhos animados. Não me importava e acordar cedo se isso significasse passar algumas horas com Pernalonga e seus amigos. Eu me ressentia era de acordar cedo para ir à escola. Mesmo naquela época não gostava muito de escola. Nos dias de semana, meu pai tinha de fazer cócegas nos meus pés para me tirar da cama.

Mas não aos sábados.

Acho que meu pai sentia a mesma coisa. Quero dizer, com relação aos sábados. Era sempre o primeiro a sair da cama no nosso apartamento, mas acordava ainda mais cedo aos sábados, e em vez de aveia com açúcar mascavo, que fazia para mim no café-da-manhã dos dias de semana, preparava rabanadas. Mamãe, que nunca agüentou o cheiro da calda que usávamos, sempre ficava na cama até que nossos pratos tivessem sido passados na água e postos na lava-louças e até que todas as bancadas tivessem sido limpas e o cheiro tivesse sumido.

Naquele sábado — logo depois de eu fazer seis anos —, meu pai e eu havíamos limpado os pratos e as bancadas melados de xarope e eu tinha voltado aos desenhos animados. Não lembro a qual estava assistindo quando meu pai entrou para se despedir, mas era um desenho tão bom que desejei que ele já tivesse saído.

— Vou dar uma corrida — disse ele, plantando um beijo no topo da minha cabeça — Vejo você, Suze.

— Tchau.

Acho que nem me incomodei em olhar para ele. Sabia como ele era. Um cara alto e grande com um monte de cabelo escuro e cheio que tinha ficado branco em alguns lugares. Naquele dia estava usando calça de moletom cinza e uma camiseta onde estava escrito HOMEPORT, MENEMSHA, FRUTOS DO MAR FRESCOS O ANO INTEIRO, que havia sobrado de nossa última viagem a Martha's Vineyard.

Nenhum de nós tinha idéia de que seria a última roupa em que alguém iria vê-lo.

— Tem certeza de que não quer ir ao parque comigo? — perguntou ele.

— Paaai — respondi, pasma com a idéia de perder um minuto de desenho. — Não.

— Então tá — disse ele. — Diga a sua mãe que tem suco de laranja fresco na geladeira.

— Tá. Tchau.

E ele saiu.

Será que eu teria feito alguma coisa diferente se soubesse que era a última vez em que o veria — pelo menos vivo? Claro que teria. Teria ido ao parque com ele. Teria feito com que ele andasse, em vez de correr. Se soubesse que ele sofreria um ataque cardíaco lá na pista de corrida e morreria na frente de estranhos, em primeiro lugar teria impedido que ele fosse ao parque, faria com que fosse ao médico.

Só que não sabia. Como poderia saber?

Como?

Capítulo 1

Encontrei a pedra exatamente onde a Sra. Gutierrez disse que estaria, embaixo dos galhos caídos do enorme hibisco em seu quintal dos fundos. Apaguei a lanterna. Mesmo que aquela devesse ser uma noite de lua cheia, à meia-noite uma espessa camada de nuvens tinha sido soprada do mar, e uma névoa úmida havia reduzido a visibilidade a zero.

Mas eu não precisava mais de luz para ver. Só precisava cavar. Enfiei os dedos na terra úmida e macia e arranquei a pedra do lugar onde repousava. Ela se moveu com facilidade, não era pesada. Logo eu estava tateando embaixo, à procura da lata que a Sra. Gutierrez garantira que estaria ali...

Só que não estava. Não havia nada embaixo dos meus dedos além do solo úmido.

Foi então que ouvi — um galho estalando sob o peso de alguém ali perto.

Congelei. Afinal de contas eu estava invadindo uma propriedade; a última coisa que precisava era ser arrastada para casa pelos policiais de Carmel, Califórnia.

De novo.

Então, com a pulsação freneticamente acelerada enquanto tentava deduzir como, afinal, iria sair dessa, reconheci a sombra magra — mais escura do que todas as outras — a alguns metros dali. Meu coração continuou a martelar nos ouvidos, mas agora por um motivo totalmente diferente.

— Você — falei, levantando-me devagar, trêmula.

— Olá, Suze. — A voz dele, flutuando até mim através da névoa, era profunda e nem um pouco insegura... diferente da minha, com uma tendência irritante para tremer quando ele estava por perto.

E não era a única parte de mim que tremia quando ele estava por perto.

Mas eu estava decidida a não deixar que ele notasse.

— Devolva — falei estendendo a mão.

Ele virou a cabeça para trás e riu.

— Você está louca?

— Sério, Paul — insisti com a voz firme, mas a confiança já começando a se esvaír como areia entre os pés.

— São dois mil dólares, Suze — disse ele como se eu pudesse não saber. — Dois mil.

— E pertencem a Julio Gutierrez. — Eu parecia mais segura, mesmo que não estivesse me sentindo exatamente assim — E não a você.

— Ah, certo. — A voz profunda de Paul pingava sarcasmo. — E o que Gutierrez vai fazer, chamar a polícia? Ele não sabe que o dinheiro está sumido, Suze. E nunca soube que ele estava aí.

— Porque a avó dele morreu antes de ter chance de lhe dizer — lembrei.

— Então ele não vai notar, não é? — Apesar da escuridão, eu podia dizer que Paul estava sorrindo. Eu podia ouvir em sua voz. — Não se pode sentir falta do que nunca se teve.

— A Sra. Gutierrez sabe. — Eu havia baixado a mão para disfarçar que ele não a visse tremendo, mas não conseguia disfarçar com a mesma facilidade a insegurança crescente na voz. — Se ela descobrir que você roubou o dinheiro, virá atrás de você.

— O que faz você achar que ela já não fez isso? — perguntou Paul, numa voz tão tranqüila que os pêlos do meu braço se eriçaram... e não por causa do tempo frio do outono.

Eu não queria acreditar nele. Ele não tinha motivos para mentir. E obviamente a Sra. Gutierrez o havia procurado também, ansiosa por qualquer ajuda que pudesse conseguir. De que outro modo ele saberia do dinheiro?

Coitada da Sra. Gutierrez. Definitivamente havia depositado sua confiança no mediador errado. Porque parecia que Paul não tinha simplesmente roubado seu dinheiro: ah, não.

Mas como uma idiota fiquei ali no meio do quintal e chamei o nome dela, só para garantir, o mais alto que pude. Não queria acordar toda a família de luto dentro da modesta casa de estuque a poucos metros de distância.

— Sra. Gutierrez? — Inclinei o pescoço, sibilando o nome no escuro, tentando ignorar o frio no ar... e no coração. — Sra Gutierrez? Está aí? Sou eu, Suze... Sra. Gutierrez?

Não fiquei totalmente surpresa quando ela não apareceu. Eu sabia, claro, que Paul era capaz de fazer os mortos desaparecerem. Só não achava que seria suficientemente baixo para isso.

Deveria conhecê-lo melhor.

Um vento frio veio do mar enquanto eu me virava para encará-lo. O vento jogou um pouco do meu cabelo escuro e comprido no meu rosto, até que os fios grudaram no meu brilho labial. Mas eu tinha coisas mais importantes com que me preocupar.

— São as economias da vida dela — falei, não importando que ele notasse minha voz embriagada. — Tudo que ela tinha para deixar para os filhos.

Paul deu de ombros, as mãos enterradas no fundo dos bolsos da jaqueta de couro.

— Então deveria ter posto no banco.

Talvez se eu argumentar com ele, pensei. Se eu explicar...

— Um monte de gente não confia em bancos...

Mas não adiantava.

— A culpa não é minha — disse Paul dando de ombros de novo.

— Você nem precisa do dinheiro — gritei. — Seus pais compram tudo que você quer. Dois mil dólares não são nada para você, mas para a família da Sra. Gutierrez é uma fortuna!

— Então ela deveria ter cuidado melhor do dinheiro — foi tudo que ele disse.

Então, aparentemente vendo a minha expressão — mas não sei, já que as nuvens eram mais densas do que nunca —, ele suavizou a voz.

— Suze, Suze, Suze — disse, tirando uma das mãos do bolso e se aproximando para passar o braço em volta dos meus ombros. — O que vou fazer com você?

Não falei nada. Acho que não poderia ter falado, mesmo que tentasse. Respirar já era difícil o bastante. Só conseguia pensar na Sra. Gutierrez e no que ele havia feito com ela. Como alguém que cheirava tão bem — o perfume nítido e limpo de sua colônia enchia meus sentidos — ou que irradiava tanto calor — especialmente bem-vindo diante do frio no ar e da relativa finura do meu casaco — podia ser tão...

Bem... demoníaco?

— É o seguinte — disse Paul. Dava para sentir sua voz profunda reverberando através dele, de tão perto que me segurava. — Vou dividir com você. Mil para cada um.

Precisei engolir alguma coisa — alguma coisa com gosto realmente ruim — antes de conseguir responder:

— Você é doente.

— Não seja assim, Suze — zombou ele. — Você precisa admitir que é justo. Pode fazer o que quiser com sua metade. Por mim, pode mandar pelo correio para os Gutierrez. Mas se for inteligente vai usar para comprar um carro, agora que finalmente conseguiu tirar carteira. Com essa grana você poderia dar entrada num carrinho decente, e não ter de se preocupar em pegar escondida o carro da sua mãe depois que ela tiver dormindo...

— Odeio você — respondi bruscamente, soltando-me e ignorando o ar frio que veio correndo encontrar o local onde seu corpo havia me esquentado.

— Não, não odeia — disse ele. — A luz pareceu momentaneamente, saindo de trás do cobertor de nuvens, apenas por tempo suficiente para eu ver que seus lábios tinha um sorriso torto. — Só está furiosa porque sabe que eu estou certo.

Não conseguia acreditar nos meus ouvidos. Ele estava falando sério?

— Tirar dinheiro de uma mulher morta é a coisa certa a fazer?

— Obviamente. — A luz havia desaparecido outra vez, mas por sua voz dava para ver que Paul achava aquilo engraçado. — Ela não precisa mais dele. Você e o padre Dom. Vocês são dois grandes idiotas. Agora tenho uma pergunta: como soube o que ela estava falando? Achei que você estudava francês, e não espanhol.

Não respondi logo. Isso porque estava freneticamente tentando pensar numa resposta que não incluísse a palavra que menos gostava de falar na presença dele, a palavra que, a cada vez que eu ouvia ou mesmo pensava, parecia fazer com que meu coração desse cambalhotas no peito e minhas veias zumbissem de modo agradável.

Infelizmente era uma palavra que não provocava exatamente a mesma reação em Paul.

Mas antes que eu pudesse pensar numa mentira, ele deduziu sozinho.

— Ah, certo — subitamente sua voz estava sem expressão. — Ele. Idiotice minha.

Então, antes que eu pudesse pensar em algo para dizer e aliviar a situação — ou pelo menos afastar sua mente de Jesse, a última pessoa no mundo em quem eu queria que Paul Slater estivesse pensando — ele falou num tom bem diferente:

— Bem, não sei quanto a você, mas estou morto de cansado. Estou encerrando o dia. Vejo você por aí, Simon.

E se virou para ir embora. Assim: simplesmente se virou.

Eu sabia o que precisava fazer, claro. Não estava ansiosa por isso... na verdade meu coração praticamente escorregou subindo pela garganta e minhas palmas ficaram subitamente, inexplicavelmente úmidas.

Mas que opção eu tinha? Não podia deixar que ele fosse embora com todo aquele dinheiro. Tinha tentado ser razoável com ele, e não deu certo. Jesse não ia gostar disso, mas a verdade era que não havia alternativa. Se Paul não quisesse dar o dinheiro por livre e espontânea vontade, bem, eu teria de arrancá-lo.

E disse a mim mesma que tinha boa chance de sucesso. Paul estava com a lata enfiada no bolso de dentro da jaqueta. Eu havia sentido quando ele me abraçou. Só precisava distraí-lo de algum modo — um bom soco no plexo solar provavelmente serviria —, depois pegar a lata e jogar pela janela mais próxima. Os Gutierrez iriam pirar, claro, com o som do vidro se quebrando, mas eu duvidava seriamente que chamariam a polícia... principalmente quando encontrassem dois mil dólares espalhados no chão.

Em termos de plano, não era dos meus melhores, mas era o único que eu tinha.

Chamei o nome dele.

Ele se virou. A lua escolheu esse momento para escorregar de trás do denso véu de nuvens, e pude ver, à sua luz pálida, que Paul tinha uma expressão absurdamente esperançosa. A esperança aumentou enquanto eu atravessava devagar o gramado entre nós. Acho que ele pensou, por um minuto, que finalmente havia me dobrado. Encontrado meu ponto fraco. Que havia me atraído para o lado negro.

E tudo pelo preço baixo, muito baixo, de mil pratas.

Não.

Mas a expressão esperançosa abandonou seu rosto no segundo em que ele notou meu punho. Pensei até, só por um instante, que havia

captado uma expressão de dor em seus olhos azuis, pálidos como o luar ao redor. Então a luz voltou para trás das nuvens e mergulhamos outra vez na escuridão.

A próxima coisa que eu soube foi que Paul, movendo-se mais depressa do que eu teria achado possível, segurou meus pulsos num aperto doloroso e chutou meus pés. Um segundo depois eu estava presa na grama molhada, comprimida pelo peso do corpo dele, com o rosto a centímetros do meu.

— Isso foi um erro — disse ele casualmente demais, considerando a força com que eu sentia seu coração martelando contra o meu. — Estou rescindindo a oferta.

Mas sua respiração, diferentemente da minha, não saía em jorros ásperos. Mesmo assim tentei esconder o medo.

— Que oferta? — ofeguei.

— De dividir o dinheiro. Agora vou ficar com tudo. Você realmente magoou meus sentimentos, sabia, Suze?

— Tenho certeza — falei com o máximo de sarcasmo que pude. — Agora saia de cima de mim. Essa é minha calça de cintura baixa predileta e você a está manchando de grama.

Mas Paul não estava pronto para me soltar. Também não pareceu apreciar minha débil tentativa de fazer piada com a situação. Sua voz, sibilando para mim, estava mortalmente séria.

— Quer que eu faça seu namorado desaparecer, como fiz com a Sra. Gutierrez? — perguntou.

Seu corpo estava quente de encontro ao meu, de modo que não havia outra explicação para meu coração ter ficado subitamente frio como gelo, a não ser que sua voz me aterrorizava a ponto de o sangue parecer congelado nas veias.

Mas não podia deixar que o medo aparecesse. A fraqueza só parece provocar a crueldade, e não a compaixão, em pessoas como Paul.

— Nós temos um acordo — falei, com a língua e os lábios formando as palavras com dificuldade porque, como o meu coração, estavam gelados de pavor.

— Eu prometi que não iria matá-lo. Não falei nada sobre impedir que ele morresse.

Pisquei, sem compreender.

— O que... o que você está falando? — gaguejei.

— Deduza você. — Paul se inclinou e me beijou de leve nos lábios gelados. — Boa noite, Suze.

Então ele se levantou e sumiu na névoa.

Levei um minuto para perceber que estava livre. O ar frio correu para todos os lugares onde seu corpo estivera tocando o meu. Por fim consegui rolar, me sentindo como se tivesse acabado de sofrer uma colisão de cabeça com uma parede de tijolos. Mesmo assim tive força suficiente para chamar:

— Paul! Espere!

Foi então que alguém dentro da casa dos Gutierrez acendeu as luzes. O quintal dos fundos ficou claro como uma pista de aeroporto. Ouvi uma janela se abrir e alguém gritando:

— Ei, você! O que está fazendo aqui?

Não fiquei para saber se eles planejavam chamar a polícia ou não. Saltei e corri para o muro que eu havia escalado há meia hora. Encontrei o carro da minha mãe onde tinha deixado. Pulei dentro dele e comecei a longa jornada para casa, xingando um certo colega mediador — e as manchas de grama nos jeans novos — por todo o caminho.

Naquela noite não fazia idéia de como as coisas ficariam ruins entre mim e Paul.

Mas ia descobrir.

Capítulo 2

Ele havia feito. Finalmente. Exatamente como, bem no fundo, acho que eu sempre soube que ele faria. Você poderia pensar que, depois de tudo que passei, eu poderia prever. Não sou exatamente nova nisso. E não é como se todos os sinais de alerta não estivessem ali.

Mesmo assim, quando chegou, o golpe pareceu um raio vindo do nada.

— Então, onde você vai jantar antes do Baile de Inverno? — perguntou Kelly Prescott no laboratório de línguas, no quarto período. Nem esperou para ouvir minha resposta. Porque Kelly não se importava com a resposta. Esse não era seu objetivo ao me fazer a pergunta.

— Paul vai me levar ao Cliffside Inn — continuou. — Você conhece o Cliffside Inn, não conhece, Suze? Em Big Sur?

— Ah, claro. Conheço.

Pelo menos foi o que eu disse. Não é estranho como o cérebro da gente pode ligar o piloto automático? Tipo, como você consegue falar uma coisa e pensar em outra totalmente diferente? Porque, quando Kelly disse isso — que Paul ia levá-la ao Cliffside Inn —, a primeira coisa que pensei não foi Ah, claro, conheço. Nem de longe. Meu primeiro pensamento foi mais do tipo O quê? Kelly Prescott? Paul Slater vai levar KELLY PRESCOTT ao Baile de Inverno?

Mas não foi o que falei em voz alta, graças a Deus. Quero dizer, considerando que o próprio Paul estava sentado a poucas carteiras de distância, ajustando o som de seu toca-fitas. A última coisa no mundo que eu queria que ele pensasse era que eu estava, você sabe, pê da vida porque ele havia convidado outra pessoa para o baile. Já era bem ruim ele notar que eu tinha ao menos olhado em sua direção, quanto mais que estava falando dele. Paul levantou as sobrancelhas, todo interrogativo, como se dissesse: “Em que posso ajudá-la?”

Foi então que vi que ele ainda estava com os fones. Percebi com alívio que Paul não ouvira o que Kelly tinha dito. Estava escutando a interessante conversa entre Dominique e Michel, nossos amiguinhos franceses.

— Tem cinco estrelas — continuou Kelly, acomodando-se na carteira. — Quero dizer, o Cliffside Inn.

— Maneiro — respondi, decididamente desviando o olhar para longe de Paul e puxando a cadeira para a minha carteira. — Tenho certeza de que vocês dois vão se divertir muito.

— Ah, vamos. — Kelly jogou seu cabelo louro-mel para trás, para conseguir colocar os fones de ouvido. — Vai ser tão romântico! E aonde você vai? Quero dizer, jantar antes do baile.

Ela sabia, claro. Sabia perfeitamente bem.

Mas ia fazer com que eu dissesse. Porque as garotas do tipo de Kelly são assim.

— Acho que não vou ao baile — respondi, sentando-me ao lado dela e colocando meus fones.

Kelly espiou por cima da divisória entre as carteiras do laboratório de línguas, com o rosto bonito retorcido de simpatia. Simpatia falsa, claro. Kelly Prescott não gosta de mim. Nem de ninguém, a não ser de si mesma.

— Não vai? Ah, Suze, que terrível! Ninguém convidou você?

Apenas sorri em resposta. Sorri e tentei não sentir o olhar de Paul se cravando na minha nuca.

— Que pena! — disse Kelly. — E parece que Brad também não pode ir, já que Debbie está com mononucleose. Ei, tive uma idéia. — Kelly deu um risinho. — Você e Brad poderiam ir juntos ao baile!

— Engraçado — respondi, sorrindo debilmente enquanto Kelly fazia “tsc, tsc” com sua própria piada. Porque, você sabe, não existe nada tão patético quanto uma garota ser levada ao Baile de Inverno pelo próprio meio-irmão.

A não ser, possivelmente, não ser levada por ninguém.

Liguei meu toca-fitas. Dominique começou imediatamente a reclamar com Michel sobre seu dormitório. Tenho certeza de que Michel murmurou respostas simpáticas (ele sempre faz isso), mas não as ouvi.

Porque não fazia nenhum sentido. Quero dizer, o que havia acabado de acontecer. Como Paul podia levar Kelly ao baile quando, pelo menos até onde eu sabia, era eu que ele vinha caçando para um encontro... qualquer encontro? Não que eu me sentisse especialmente empolgada com isso, claro. Mas precisava lhe jogar um osso de vez em quando, pelo menos para impedir que ele fizesse ao meu namorado o que havia feito com a Sra. Gutierrez.

Espera aí. Era isso que estava acontecendo? Paul finalmente havia se cansado de correr atrás de uma garota que ele precisava chantagear para passar um tempo com ele?

Bem, isso era bom. Certo? Quero dizer, se Kelly quisesse, podia ficar com ele.

O único problema é que eu estava tendo dificuldades para não me lembrar da sensação do corpo de Paul encostado no meu naquela noite no quintal dos Gutierrez. Porque a sensação foi boa — o peso dele, o calor — apesar do meu medo. Boa mesmo.

Sensação certa... cara errado.

Mas e o cara certo? É, ele não é exatamente o tipo de pessoa que prende uma garota na grama. E calor? Ele não havia emitido nenhum em um século e meio.

O que não era sua culpa, certo. Quero dizer, o negócio do calor. Jesse não podia evitar a condição de morto assim como Paul não podia evitar ser... bem, Paul.

Mesmo assim, esse negócio de ter convidado Kelly e não a mim para o baile... estava me deixando louca. Há semanas eu vinha me preparando para o convite — e para sua reação quando eu recusasse. Eu tinha até pensado que finalmente começara a entender a natureza de vaivém do nosso relacionamento... como se fosse um jogo de tênis no balneário onde nos conhecemos, no verão passado.

Só que agora eu tinha uma sensação terrível de que Paul simplesmente havia jogado uma bola que eu nunca poderia rebater.

Que negócio foi esse?

As palavras flutuavam diante dos meus olhos, rabiscadas num pedaço de papel arrancado de um caderno, e eram balançadas para mim por cima da divisória de madeira que separava minha carteira da que ficava na frente. Tirei o papel dos dedos que o seguravam e escrevi: Paul convidou Kelly para o Baile de Inverno, depois passei o papel por cima da divisória.

Alguns segundos depois o papel flutuou de volta à minha frente.

Pensei que ele ia convidar você!!!, escreveu Cee Cee, minha melhor amiga.

Acho que não, rabisquei em resposta.

Bem, talvez seja melhor assim, foi a reação de Cee Cee. Você não queria ir com ele, de qualquer modo. Quero dizer, e o Jesse?

Mas era exatamente isso. E o Jesse? Se Paul tivesse me convidado para o Baile de Inverno e eu reagisse com algo menos do que entusiasmo ao seu convite, ele soltaria uma de suas ameaças cifradas sobre Jesse — a mais nova, de fato, sugerindo que ele havia descoberto um jeito de impedir que os mortos tivessem feito a passagem, para início de conversa... O que quer que isso significasse.

No entanto hoje ele havia me dado as costas e convidado outra pessoa para o baile. E não apenas outra pessoa, e sim Kelly Prescott, a garota mais bonita e mais popular da escola... mas também uma pessoa que eu sabia que Paul desprezava.

Alguma coisa não estava certa... e não era só o fato de eu estar tentando guardar todos os meus bailes para um cara que estava morto há uns 150 anos.

Mas não mencionei isso a Cee Cee. Melhor amiga ou não, uma garota de 16 anos — até mesmo uma garota de 16 anos albina que por acaso tem uma tia paranormal — só pode entender até certo ponto. É, ela sabe sobre o Jesse. Mas sobre o Paul? Eu não tinha dito nenhuma palavra.

E queria manter as coisas assim.

É isso aí, rabisquei. E você? Adam já te convidou?

Olhei ao redor para garantir que a irmã Marie-Rose, nossa professora de francês, não estivesse olhando, antes de empurrar o bilhete de volta para Cee Cee, e em vez disso vi o padre Dominic acenando para mim, da porta do laboratório de línguas.

Tirei os fones de ouvido sem arrependimento verdadeiro — as lamúrias de Dominique e Michel não seriam fascinantes em inglês; em francês eram absolutamente insuportáveis — e corri até a porta. Senti, mais do que vi, que um certo olhar estava grudado em mim.

Mas não lhe daria a satisfação de olhar em sua direção.

— Suzannah — disse o padre Dominic quando saí do laboratório para uma das passagens abertas que serviam como corredores entre as salas de aula na Academia da Missão Junipero Serra. — Que bom que consegui encontrar você antes de partir.

— Partir? — Foi só então que notei que o padre D. estava segurando uma bolsa de viagem e tinha uma expressão extremamente ansiosa. — Aonde o senhor vai?

— A São Francisco. — O rosto do padre Dominic estava quase tão branco quanto seu cabelo bem aparado. — Acho que aconteceu uma coisa terrível.

Levantei as sobrancelhas.

— Terremoto?

— Não exatamente. — O padre Dominic empurrou seus óculos de aro de metal para o lugar, no topo de seu nariz perfeitamente aquilino, enquanto me olhava. — É o monsenhor. Houve um acidente e ele está em coma.

Tentei parecer apropriadamente chateada, mas a verdade é que nunca gostei de verdade do monsenhor. Ele vive se irritando com coisas sem importância — como garotas que usam minissaia na escola. Mas nunca se irrita com coisas que realmente importam, como o fato de os cachorros-quentes servidos no almoço estarem sempre totalmente frios.

— Uau — falei. — O que aconteceu? Acidente de carro?

O padre Dominic pigarreou.

— Ah, não. Ele... é... sofreu uma sufocação.

— Foi estrangulado por alguém? — perguntei, esperançosa.

— Claro que não. Realmente, Suzannah — censurou o padre Dom. — Ele engasgou com um pedaço de cachorro-quente num churrasco da paróquia.

Uau! Justiça poética! Mas não disse em voz alta, já que sabia que o padre Dom não iria aprovar. Em vez disso falei:

— Que pena! Quanto tempo o senhor vai ficar fora?

— Não faço idéia. — O padre Dom parecia abalado. — Isso não poderia ter acontecido em hora pior, com o leilão deste fim de semana.

A Academia da Missão é incessante nos esforços para conseguir verbas. Neste fim de semana aconteceria o leilão anual de antigüidades. Os donativos haviam chegado durante toda a semana e estavam sendo guardados no porão da casa da reitoria. Dentre os itens mais notáveis que o clube fomentador havia recebido estavam um tabuleiro de Ouija da virada do século (cortesia de Pru, a tia paranormal de Cee Cee) e uma fivela de prata — que segundo a Sociedade Histórica de Carmel teria mais de 150 anos —, descoberta por meu meio-irmão Brad enquanto estava limpando nosso sótão, tarefa designada como punição por um ato maligno cuja natureza eu não conseguia mais lembrar.

— Mas eu queria que você soubesse onde estarei. — O padre Dominic pegou um celular no bolso. — Você vai me ligar se alguma coisa... é... fora do comum acontecer, não vai, Suzannah? O número é...

— Eu sei o número, padre D. — lembrei a ele. O celular do padre Dom era novo, mas não tão novo assim. Será que devo acrescentar que é um horror completo o padre Dominic, que nunca quis (nem tem a mínima idéia de como usar) um celular ter um, e eu não? — E quando o senhor diz fora do comum, está se referindo a coisas como Brad tirar nota para passar em trigonometria ou fenômenos mais sobrenaturais, como manifestações de ectoplasmas na basílica?

— A segunda hipótese — respondeu o padre Dom, guardando o celular outra vez. — Espero não ficar longe por mais de um ou dois dias, Suzannah, mas sei perfeitamente que, no passado, não demorou muito mais do que isso para você se meter em perigo mortal. Enquanto eu estiver longe, faça a gentileza de tomar alguma cautela nesse sentido. Não gostaria de voltar para casa e descobrir que outra parte da escola foi explodida de vez. Ah, e, por favor, poderia garantir que o Spike tivesse comida suficiente...

— Na-na-ni-na-não — respondi, recuando. Era a primeira vez em muito tempo que meus pulsos e mãos estavam sem arranhões vermelhos medonhos, e queria mantê-los assim. — Agora aquele gato é responsabilidade sua, não minha.

— E o que vou fazer, Suzannah? — O padre D. pareceu frustrado. — Pedir à irmã Ernestine para cuidar dele de vez em quando? Nem deveria haver bichos na reitoria, por causa das graves alergias dela. Tive de aprender a dormir de janela aberta para que aquele bicho infernal entre e saia quando quiser, sem ser visto por nenhuma noviça...

— Ótimo — interrompi, suspirando satisfeita. — Vou dar uma passada na PETCO depois da escola. Mais alguma coisa?

O padre Dominic pegou uma lista amarrotada no bolso.

— Ah — disse depois de examiná-la. — E o enterro da Sra. Gutierrez. Tudo foi resolvido. E coloquei a família na nossa lista de mais necessitadas, como você pediu.

— Obrigada, padre D. — falei baixinho, olhando, através das aberturas em arco da passagem, em direção à fonte no centro do pátio. No Brooklyn, onde cresci, novembro significava a morte de toda a flora. Aqui na Califórnia (mesmo sendo o norte da Califórnia), em novembro só

parece que os turistas, que visitam a missão diariamente, usam calça cáqui em vez de bermudas, e que os surfistas na praia de Carmel têm de trocar as roupas de neoprene de manga curta pelas de manga comprida. Flores vermelhas e rosa ofuscantes ainda enchem os canteiros da missão, e quando somos liberados para o almoço, ao meio-dia, ainda é possível suar sob os raios de sol.

Mesmo assim, a temperatura acima dos vinte graus ou não, estremecei... e não somente porque estava à sombra fresca da passagem aberta. Não: era um frio que vinha de dentro e provocava arrepios nos braços. Porque, por mais lindos que fossem os jardins da missão, não havia como negar que por baixo daquelas pétalas gloriosas espreitava algo sombrio e...

...bem à la Paul.

Era verdade. O cara tinha a capacidade de fazer com que até mesmo o dia mais luminoso ficasse nublado. Pelo menos para mim. Não sabia se o padre Dominic sentia o mesmo... mas duvidava um pouco. Depois de seu início um tanto agitado no ano letivo, Paul acabara sem ter tanto contato regular com o diretor da escola quanto eu. O que, visto que nós três somos mediadores, pode parecer meio estranho.

Mas Paul e o padre D. parecem gostar da coisa assim, cada um preferindo manter a distância, tendo eu como intermediária quando a comunicação é extremamente necessária. Isso em parte porque eles eram — vamos encarar — homens. Mas também porque o comportamento de Paul, pelo menos na escola, havia melhorado consideravelmente, e não havia motivo para ele ser mandado à sala do diretor. Paul tinha se tornado um aluno modelo, tirando notas impressionantes e até sendo nomeado capitão do time masculino de tênis da Academia da Missão.

Se eu não tivesse visto pessoalmente, não teria acreditado. Mas ali estava. Sem dúvida Paul preferia manter o padre D. por fora de suas atividades após a escola, sabendo que ele dificilmente aprovaria.

Veja o incidente com a Sra. Gutierrez, por exemplo. Um fantasma havia nos procurado pedindo ajuda, e Paul, em vez de fazer a coisa certa, tinha roubado dois mil dólares dela. Não era algo que o padre Dominic deixaria passar, caso soubesse.

Só que não saberia. Quero dizer, o padre Dom. Porque Paul não contaria e, francamente, nem eu. Porque se eu contasse — se dissesse ao padre Dominic qualquer coisa que fizesse Paul parecer algo menos que o

cara que ele fingia ser, o cara que só tirava dez, o que acontecera com a Sra. Gutierrez iria acontecer com meu namorado.

Ou, sabe, o cara que seria meu namorado. Se não estivesse morto.

Eu estava nas mãos de Paul. Bem onde ele queria. Bem, talvez não exatamente onde queria, mas bem perto...

Motivo pelo qual eu havia precisado recorrer a um subterfúgio para garantir algum tipo de justiça para os Gutierrez, que haviam sido roubados, mesmo não sabendo. Eu não poderia procurar a polícia, claro. (Bom, veja bem, Sr. policial, o fantasma da Sra. Gutierrez me contou que o dinheiro estava escondido embaixo de uma pedra no quintal dos fundos, mas quando cheguei descobri que outro mediador o havia tirado... Ah, o que é um mediador? É uma pessoa que serve como elemento de ligação entre os vivos e os mortos. Ei, espere um minuto... o que está fazendo com essa camisa-de-força?)

Em vez disso eu havia posto o nome da família na lista de mais necessitados da Missão, o que havia garantido um enterro decente à Sra. Gutierrez e dinheiro suficiente para seus entes queridos pagarem algumas de suas dívidas. Mas não o equivalente a dois mil dólares, isso era certo...

— ...enquanto eu estiver fora, Suzannah.

Voltei um pouquinho tarde a prestar atenção ao que o padre Dominic estava dizendo. E não podia perguntar: O que foi, padre D.? porque então ele iria querer saber o que eu estava pensando em vez de ouvi-lo.

— Promete, Suzannah?

Os olhos azuis do padre Dominic se cravaram nos meus. O que eu poderia fazer além de engolir em seco e confirmar com a cabeça?

— Claro, padre D. — respondi, não tendo a mínima idéia do que estava prometendo.

— Bem, devo dizer que isso faz com que eu me sinta muito melhor — disse ele, e era verdade que seus ombros pareceram perder parte da rigidez que estivera aparente enquanto conversávamos. — Eu sei, claro, que posso confiar em vocês dois. É só que... bem, odiaria que você fizesse alguma coisa... é... idiota, na minha ausência. A tentação é bastante difícil para qualquer pessoa resistir, em particular para os jovens, que não consideram totalmente as conseqüências de seus atos.

Ah. Agora eu sabia do que ele estava falando.

— Mas para você e Jesse — continuou o padre Dominic — haveria repercussões especialmente catastróficas se os dois por acaso... é...

— ...cedêssemos à luxúria desembestada que sentimos um pelo outro? — sugeri quando ele deixou no ar.

O padre Dominic me olhou infeliz.

— Estou falando sério, Suzannah. Jesse não pertence a este mundo. Com sorte não permanecerá aqui por muito mais tempo. Quanto mais profunda a conexão que vocês tiverem um com o outro, mas difícil será dizer adeus. Porque você terá de dizer adeus a ele um dia, Suzannah. Você não pode desafiar a ordem natural do...

Blablablá. Os lábios do padre D. estavam se movendo, mas eu o desliguei de novo. Não precisava escutar aquele sermão outra vez. E daí se as coisas não deram certo para o padre Dominic e a garota por quem ele se apaixonou, lá pela Idade Média? Isso não significa que Jesse e eu estávamos destinados a seguir o mesmo caminho. Em especial sem considerar o que eu havia conseguido captar do Paul, que parecia saber muito mais do que padre Dom sobre o que é ser mediador...

...particularmente o pouco conhecido fato de que os mediadores podem trazer os mortos de volta à vida.

Havia apenas uma pequena mosca na sopa: era preciso ter um corpo onde colocar a alma de quem não deveria ter morrido. E corpos não são algo em que eu tropece por aí regularmente. Pelo menos não os que estejam dispostos a sacrificar a alma que os ocupa no momento.

— Claro, padre Dom — falei quando seu discurso finalmente acabou. — Escute, divirta-se bastante em São Francisco.

O padre Dominic fez uma careta. Acho que as pessoas que vão a São Francisco visitar monsenhores em coma não têm necessariamente muito tempo para coisas turísticas como visitar a ponte Golden Gate, o Bairro Chinês ou sei lá o quê.

— Obrigado, Suzannah. — Em seguida ele me cravou um olhar significativo. — Seja boazinha.

— E alguma vez eu não fui? — perguntei com alguma surpresa.

Ele se afastou balançando a cabeça, sem se incomodar em responder.

Capítulo 3

— Então sobre o que você e o bom padre papearam durante o laboratório de línguas hoje? — quis saber Paul.

— O enterro da Sra. Gutierrez — respondi com sinceridade. Bem, mais ou menos. Descobri que não vale a pena mentir para o Paul. Ele tem uma capacidade incrível de descobrir a verdade sozinho.

Claro, não que isso signifique que eu lhe diga a mais completa verdade. Simplesmente não pratico uma política de revelação total quando se trata de Paul Slater. Parece mais seguro assim.

E definitivamente pareceu mais seguro não deixar Paul saber que o padre Dominic estava em São Francisco, sem data para voltar.

— Você não continua chateada com aquilo, continua? — perguntou Paul. — Quero dizer, o negócio da tal da Gutierrez. O dinheiro vai ser bem usado, você sabe.

— Ah, claro, sei. O jantar no Cliffside Inn deve custar o quê... cem dólares o prato? E presumo que você vai alugar uma limusine.

Paul sorriu preguiçosamente, nas almofadas em que estava recostado.

— Kelly contou? Já?

— Na primeira chance que teve.

— Não demorou muito.

— Quando você convidou? Ontem à noite?

— Isso mesmo.

— Então umas 12 horas — disse eu. — Nada mau, se a gente considerar que durante umas oito ela provavelmente estava dormindo.

— Ah, duvido. É quando eles fazem o melhor trabalho, quero dizer, os súcubos. Aposto que Kelly só precisa dormir uma ou duas horas por noite, no máximo.

— Romântico. — Virei uma página do livro velho e quebradiço que estava entre nós, na cama de Paul. — Quero dizer, chamar de súcubo sua convidada para o Baile de Inverno.

— Pelo menos ela quer ir comigo — disse Paul com o rosto inexpressível, com exceção de uma única sobrancelha escura, que subiu,

quase imperceptivelmente, mais alta do que a outra. — Devo dizer que é uma mudança revigorante, com relação ao estado das coisas por aqui.

— Você me ouviu reclamar? — perguntei, virando outra página. E me orgulhei de estar mantendo, pelo menos externamente, uma atitude de suprema indiferença com relação a coisa toda. Por dentro, claro, era outra história. Porque por dentro eu gritava: O que está acontecendo? Por que convidou Kelly e não eu? Não que eu me importe com o baile idiota, mas exatamente que jogo você acha que está fazendo agora, Paul Slater?

Mas era incrível como nada disso aparecia. Pelo menos para mim.

— Só que eu agradeceria algum aviso antecipado de que eu tinha sido cortado da agenda — foi o que eu disse em voz alta. — Pelo que você sabia, eu já podia ter gasto uma fortuna num vestido.

Um canto da boca de Paul subiu rapidamente.

— Não gastou. E não ia, também.

Desviei os olhos. Algumas vezes era difícil sustentar seu olhar, era tão penetrante, tão...

Azul.

Uma mão forte e bronzeada baixou sobre a minha, prendendo os dedos na página que eu ia virar.

— É esta. — Paul não parece ter o mesmo problema de olhar nos meus olhos que eu tenho de olhar nos dele (provavelmente porque os meus são verdes e quase tão penetrante quanto... bem... algas). Seu olhar no meu rosto era inabalável. — Leia.

Olhei para baixo. O livro que Paul havia apanhado para nossa última “aula de mediador” era tão velho que as páginas tinham uma tendência a se desfazer entre meus dedos enquanto eu as virava. Pertencia a um museu, e não ao quarto de um cara de 17 anos.

Mas era exatamente onde foi parar, tirado — ainda que eu duvidasse que Paul tivesse alguma idéia de que eu sabia — da coleção de seu avô. O livro dos mortos, era como se chamava.

E o título não era o único lembrete de que todas as coisas têm um prazo de validade. O cheiro era como se um camundongo ou alguma outra pequena criatura tivesse sido esmagada entre as páginas num passado não tão distante e deixada ali para se decompor lentamente.

— “Se a tradução de 1924 for digna de crédito” — li em voz alta, feliz por minha voz não estar tremendo como eu sabia que meus dedos estavam (como meus dedos sempre tremem quando Paul me toca) — “a

habilidade do deslocador não incluía meramente a comunicação com os mortos e o teletransporte entre seu mundo e o nosso, mas também a capacidade de viajar à vontade através da quarta dimensão”.

Vou admitir que não li com muito sentimento. Não era exatamente uma piada ir para a escola o dia inteiro e depois ter de cursar mediação. Certo, era apenas uma vez por semana, mas era mais do que suficiente, acredite. A casa de Paul não havia perdido nada de sua esterilidade nos meses em que eu ia lá. No mínimo o lugar era assustador como sempre...

...assim como o avô de Paul, que continuava a viver o que ele havia descrito, em suas próprias palavras, como uma “semi-vida”, num quarto mais adiante no corredor. Essa semi-vida parecia feita de enfermeiros 24 horas por dia, contratados para cuidar das muitas doenças do velho, e de assistir incessantemente a programas de auditório. Portanto não é de espantar que Paul evite o Sr. Slater — ou o Dr. Slaski, que, como o próprio bom doutor me havia confidenciado, era seu verdadeiro nome — como se ele fosse a peste. Seu avô não é exatamente uma companhia empolgante, mesmo quando está se fingindo de drogado com os remédios.

Mas, apesar de meu desempenho menos do que inspirado, Paul soltou minha mão e se recostou de novo, parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo.

— E então? — outra sobrelanceira erguida.

— Então o quê? — virei a página e vi somente uma cópia dos hieróglifos dos quais o texto falava.

O meio sorriso de Paul desapareceu. Seu rosto estava inexpressivo como a parede atrás dele.

— Então é assim que você vai jogar.

Eu não fazia idéia do que ele estava falando.

— Jogar o quê?

— Eu poderia fazer isso, Suze — disse ele. — Não pode ser difícil de deduzir. E quando eu fizer... bem, você não vai poder me acusar de não ter mantido o acordo.

— Que acordo?

Paul trincou o maxilar.

— De não matar o seu namorado — disse com uma voz chapada.

Simplesmente o encarei, genuinamente pasma. Não fazia idéia de onde esse papo tinha vindo. Estávamos tendo uma tarde perfeitamente maneira — bem... legalzinha, não maneira, mas comum — e de repente ele

ameaçava matar meu namorado... ou não matá-lo, na verdade. O que estava acontecendo?

— Do... do que você está falando? — gaguejei. — O que isso tem a ver com Jesse? Isso é... Isso é por causa do baile? Paul, se você tivesse me convidado, eu iria. Não sei por que foi convidar a Kelly sem ao menos...

O meio sorriso voltou, mas dessa vez tudo que Paul fez foi se inclinar para a frente e fechar o livro. O pó subiu das páginas antigas, quase até o meu rosto, mas não reclamei. Em vez disso esperei que ele respondesse, com o coração na garganta.

Mas eu estava destinada à frustração, já que tudo que ele disse foi:

— Não se preocupe com isso — em seguida pôs os pés para fora da cama e se levantou. — Está com fome?

— Paul. — Fui atrás dele, com meus sapatos Stuart Weitzman fazendo barulho no chão de ladrilhos. — O que está acontecendo?

— O que faz você pensar que está acontecendo alguma coisa? — perguntou enquanto seguia pelo corredor longo e brilhante.

— Nossa, não sei — respondi, o medo fazendo com que eu parecesse irritada. — A coisa que você falou naquela noite sobre o Jesse. E me deixar na mão para o baile. E agora isso. Você está armando alguma.

— Estou? — Paul me olhou enquanto descia a escada espiral até a cozinha. — Acha mesmo?

— Acho. Só não descobri o quê, ainda.

— Você faz alguma idéia de o quê está parecendo agora? — perguntou Paul enquanto abria a geladeira e olhava seu interior.

— Não. O quê?

— Uma namorada ciumenta.

Quase engasguei.

— E como vão as coisas no planeta Vá Sonhando?

Ele encontrou uma lata de Coca e abriu.

— Legal — disse referindo-se ao que eu falei. — Não, verdade. Gostei. Talvez até use algum dia.

— Paul. — Encarei-o com a garganta seca, o coração martelando no peito. — O que você está aprontando? Sério.

— Sério? — Ele tomou um longo gole de refrigerante. Não pude deixar de ver como sua garganta era bronzada enquanto o olhava engolir. — Estou garantindo minhas apostas.

— O que isso significa?

— Significa — disse ele fechando a porta da geladeira e se encostando nela — que estou começando a gostar das coisas por aqui. É estranho, mas é verdade. Nunca pensei em mim mesmo como o típico capitão do time de tênis. Deus sabe, na minha última escola... — ele tomou outro longo gole. — Bem, eu não entrava nessa. A verdade é que estou começando a curtir essa coisa de ensino médio. Quero ir ao Baile de Inverno. O negócio é que acho que você não vai querer ficar perto de mim por um tempo depois de... bem, depois do que eu estou planejando fazer.

Paul havia fechado a porta da geladeira, de modo que não podia ter sido ela que causou o frio súbito que senti na espinha. Ele deve ter me visto estremecer, já que, com um riso, disse:

— Não se preocupe, Suzie. Você vai acabar me perdoando. Com o tempo vai perceber que é tudo para o me...

Não conseguiu terminar. Porque eu me adiantei e arranquei a lata de Coca de sua mão. Ela foi parar com um estrondo na pia de aço inoxidável. Paul olhou para os dedos vazios, surpreso, como se não conseguisse deduzir para onde a bebida havia ido.

— Não sei o que você está planejando, mas vou deixar uma coisa clara: se algo acontecer com ele — sibilei, não muito mais alto do que o refrigerante borbulhando na pia, mas com muito mais força —, qualquer coisa, vou fazer você se arrepender do dia em que nasceu. Entendido?

A expressão de surpresa no rosto dele se transformou num olhar de séria irritação.

— Isso não fazia parte do nosso acordo. Só falei que eu não iria...

— Qualquer coisa. — falei. — E não me chame de Suzie.

Meu coração batia tão forte dentro do peito que não entendi como ele não conseguia ouvir — como não podia ver que eu estava mais apavorada do que com raiva...

Ou talvez tenha visto, porque seus lábios se relaxaram num sorriso — o mesmo sorriso que havia deixado metade das garotas da escola loucamente apaixonadas por ele.

— Não se preocupe, Suze. Só digamos que meus planos para o Jesse... são muito mais humanos do que o que você planejou para mim.

— Eu...

Paul simplesmente balançou a cabeça.

— Não me insulte fingindo que não sabe o que quero dizer.

Não precisei fingir. Não fazia idéia do que ele estava falando. Mas não tive chance de dizer isso porque naquele momento uma porta lateral se abriu e ouvimos alguém chamar:

— Olá?

Era o Dr. Slaski, junto com seu enfermeiro, voltando de uma de suas intermináveis rondas de consultas médicas. Foi o enfermeiro que cumprimentou. O Dr. Slaski — ou Slater, como Paul se referia a ele — jamais dizia olá. Pelo menos quando ninguém além de mim estava por perto.

— Ei — Disse Paul, indo para a sala e olhando seu avô preso à cadeira de rodas. — Como foi?

— Tudo bem. — Disse o enfermeiro com um sorriso. — Não foi, Sr. Slater?

O avô de Paul não disse nada. Sua cabeça estava tombada no peito, como se ele estivesse dormindo.

Só que não estava. Não estava mais adormecido do que eu. Por dentro daquele exterior arrasado e de aparência frágil havia uma mente estalando de inteligência e vitalidade. Ainda não entendo por que ele optava por esconder esse fato. Há muita coisa nos Slater que eu não entendo.

— Sua amiga vai ficar para o jantar, Paul? — Perguntou o enfermeiro.

— Vai. — Disse Paul ao mesmo tempo em que eu falava:

— Não.

Não o encarei enquanto acrescentava:

— Você sabe que não posso.

Isso, pelo menos, era verdade. O jantar era a hora da família em minha casa. Se eu perder um dos jantares de gourmet do meu padrasto eu vou escutar por toda a eternidade.

— Ótimo. — disse Paul através dos dentes que estavam obviamente trincados. — Levo você para casa.

Não questionei. Eu estava mais do que pronta para ir.

Nossa ida deveria ter sido muito mais agradável. Quero dizer, Carmel é um dos lugares mais lindos do mundo, e a casa do avô de Paul fica perto do oceano. O sol estava se pondo, parecendo incendiar o céu, e dava para ouvir ondas quebrando ritmadamente contra as pedras embaixo.

E Paul, que não é exatamente ruim de se olhar, não tem um carro velho, de segunda mão, e sim uma BMW conversível prateado em que por acaso sei que fico extremamente bem, com meu cabelo escuro, a pele clara, e meu verdadeiro bom gosto em sapatos.

Mas seria possível cortar a tensão dentro do carro com uma faca. Seguimos em silêncio absoluto até que Paul finalmente parou diante do número 99 da Pine Crest Drive, a ampla casa vitoriana nas colinas de Carmel que minha mãe e meu padrasto haviam comprado há mais de um ano, mas que ainda não tinham terminado de reformar. Como fora construída na virada do século — do XIX, e não do XX — precisava de muita reforma.

Mas nenhuma quantidade de lâmpadas embutidas poderia livrar o local de seu passado violento, ou do fato de que, alguns meses antes, haviam desenterrado o esqueleto do meu namorado no quintal dos fundos. Eu ainda não conseguia por os pés no deque sem sentir náuseas.

Já ia sair do carro sem dizer nada quando Paul estendeu a mão e segurou meu braço.

— Suze — disse ele, e quando virei a cabeça vi que seus olhos azuis estavam perturbados. — Escute. O que acha de uma trégua?

Pisquei. Ele estava brincando? Tinha ameaçado acabar com meu namorado; roubado dinheiro de pessoas que haviam pedido ajuda; e deixado de me convidar para o baile, me humilhando na frente da garota mais popular de toda a escola. E agora queria um beijo e fazer as pazes?

— Esqueça. — respondi enquanto pegava meus livros.

— Ora, Suze. — Ele disparou aquele sorriso de derreter corações. — Você sabe que sou inofensivo. Bem, basicamente. Além disso, o que eu poderia fazer com o seu garoto, o Jesse? Ele tem a proteção do padre D., não é?

Na verdade, não. Pelo menos não agora. Mas Paul não sabia disso. Ainda.

— Sinto muito pelo negócio da Kelly. — disse ele. — Mas você não queria ir comigo. Pode me culpar por querer levar alguém que... bem, gosta de mim?

Talvez fosse o sorriso. Talvez fosse o modo como ele piscou aquele olhos azul-bebê. Não sei, mas de repente me peguei amolecendo.

— E os Gutierrez? Vai devolver o dinheiro deles?

— Ah. Bem, não. Não posso fazer isso.

— Pode, Paul. Eu não conto, juro...

— Não é isso. Não posso porque... bem, eu preciso de dinheiro.

— Pra quê?

Paul riu.

— Você vai descobrir.

Abri a porta do carro e saí, com os saltos afundando no gramado cheio de agulhas de pinheiro.

— Tchau, Paul. — falei e bati a porta, cortando seu:

— Não, Suze, espere!

Virei as costas e fui para a casa. Meu padraço, Andy, tinha acendido uma das muitas lareiras da casa. O cheiro intenso de lenha queimando encheu o ar frio do fim de tarde, misturado ao cheiro de outra coisa...

Curry. Era noite de frango tandoori. Como eu poderia ter esquecido?

Atrás de mim ouvi Paul colocar o carro em marcha a ré e ir embora. Não olhei. Subi a escada até a porta da frente, pisando nos quadrados de luz refletidos na varanda através das janelas da sala de estar. Abri a porta e entrei gritando:

— Cheguei em casa!

Só que não tinha chegado, verdade. Porque, para mim, agora casa significava outra coisa, e isso há um bom tempo.

E ele não morava mais lá.

Capítulo 4

O punhado de pedrinhas que eu havia jogado fez barulho no vidro grosso.

Olhei ao redor, com medo de alguém ter ouvido. Mas era melhor escutarem pedrinhas acertando uma janela do que eu sussurrando o nome de alguém que não deveria estar vivendo ali...

Alguém que, tecnicamente falando, não estava sequer vivendo.

Ele apareceu quase imediatamente, não à janela, mas ao meu lado. É assim com os mortos. Nunca precisam se preocupar com escadas. Nem paredes.

— Suzannah. — O luar fazia com que as feições de Jesse parecessem em alto-relevo. Havia poços escuros no lugar onde os olhos deveriam estar, e a cicatriz na testa — uma mordida de cachorro na infância — aparecia num branco nítido.

Mesmo assim, com os truques da lua, ele era a coisa mais nítida que eu já tinha visto. Não acho que seja apenas o fato de eu estar loucamente apaixonada por ele que me faça pensar isso. Eu havia mostrado a Cee Cee o retrato miniatura dele, que afanei “sem querer querendo” na Sociedade Histórica de Carmel, e ela concordou. Gato extraordinaire, foi como ela disse, para ser exata.

— Você não precisa se incomodar com isso — disse ele, jogando no chão o resto das pedrinhas que eu estava segurando. — Eu sabia que você estava aqui. Ouvi quando chamou.

Só que, claro, eu não tinha chamado. Mas tanto faz. Ele estava aqui, agora, e era isso que importava.

— O que foi, Suzannah? — Jesse havia saído das sombras da reitoria, de modo que finalmente eu podia ver seus olhos. Como sempre, eram líquidos, escuros e cheios de inteligência... inteligência e alguma outra coisa. Algo que, gosto de pensar, é só para mim.

— Só dei uma passadinha para dizer olá — respondi, dando de ombros. Estava tão frio que pude ver a respiração virar névoa quando falei.

Mas isso não aconteceu quando Jesse falou. Porque, claro, ele não respira.

— Às três da manhã? — Os olhos escuros se ergueram, mas ele pareceu mais divertido do que alarmado. — Numa noite com aula no dia seguinte?

Nessa ele me pegou, claro.

— O padre D. pediu que eu comprasse um pouco de comida para gato — falei brandindo um saco. — Não queria que a irmã Ernestine me visse entrando escondida. Ela não deveria saber do Spike.

— Comida para gato. — Agora ele parecia achar definitivamente divertido. — Só isso?

Não era só isso, e ele sabia. Mas também não era o que ele pensava. Pelo menos não exatamente.

Mesmo assim, quando me puxou, não questionei exatamente. Em especial considerando que só há um lugar no mundo em que me sinto completamente segura, e era exatamente onde eu estava... nos braços dele.

— Você está gelada, hermosa — sussurrou ele nos meus cabelos. — Está tremendo.

Estava, mas não por causa do frio. Bem, não só por causa do frio. Fechei os olhos, derretendo-me no seu abraço como sempre, adorando a sensação de seus braços fortes ao meu redor, o peito duro sob minha bochecha. Queria ser capaz de ficar ali para sempre — quero dizer, nos braços de Jesse — onde nada jamais poderia me fazer mal. Porque ele nunca deixaria.

Não sei quanto tempo ficamos assim, na horta atrás da reitoria onde o padre D. morava. Só sei que por fim Jesse, que estivera acariciando meu cabelo, recuou um pouquinho, para olhar o meu rosto.

— O que é, Suzannah? — perguntou ele de novo, a voz parecendo estranhamente áspera, considerando a ternura do momento. — O que há de errado?

— Nada — menti, porque não queria que aquilo terminasse... o luar, seu abraço, nada daquilo... tudo daquilo.

Claro que o desdém mútuo também poderia ter algo a ver comigo.

Antes de Jesse ter entrado na minha vida eu costumava fantasiar sobre como seria ótimo ter dois caras brigando por mim. Mas agora que isso estava acontecendo eu percebia como tinha sido idiota. Não havia nada divertido no castigo que sofri na última vez em que os dois pegaram pesado, destruindo metade da casa no processo. E aquela briga nem havia sido minha culpa. Muito.

— É só que — falei, tendo o cuidado de não encará-lo porque sabia que se olhasse naqueles poços escuros estaria perdida, como sempre — Paul tem sido... pior do que o normal.

— Pior? — O olhar que Jesse me lançou era afiado como estilete. — Pior em que sentido? Suzannah, se ele pôs a mão em você...

— Não é isso — interrompi depressa, percebendo, com um aperto no coração, que o discurso que eu havia passado a noite ensaiando (o discurso que eu tinha me convencido de que era tão perfeito, que eu precisava ir correndo à reitoria para dizer agora, imediatamente, mesmo sendo o meio da noite e eu tendo de “pegar emprestado” o carro da minha mãe para chegar lá) não era nem um pouco perfeito... Na verdade era totalmente errado. — O que eu quero dizer é que, ultimamente, ele vem ameaçando... bem, fazer uma coisa que eu realmente não entendo. Com você.

Jesse pareceu achar divertido. E essa não era exatamente a reação que eu esperava.

— Então você veio correndo aqui, no meio da noite, para me alertar? Suzannah, estou emocionado.

— Jesse, é sério. Acho que Paul está armando alguma coisa. Lembra da Sra. Gutierrez?

— Claro. — Jesse havia traduzido a mensagem frenética do fantasma para mim porque meu espanhol praticamente se resumia a taco e, claro, mi hermosa. — O que é que tem?

Rapidamente contei que havia encontrado Paul no quintal da Sra. Gutierrez. Mesmo eu tendo passado rapidamente pela parte em que Paul havia roubado o dinheiro antes de eu ser capaz de pôr as mãos nele, o ultraje de Jesse era óbvio. Vi um brilho de aço em seus olhos e ele disse algo em espanhol que não pude entender, mas acho que não era elogioso para os genitores de Paul.

— O padre D. vai cuidar disso — apressei em garantir, para o caso de Jesse estar com alguma idéia de se meter com Paul, algo que eu havia alertado repetidamente que seria idiota demais. Não falei que o padre D. não sabia sobre o roubo... só que os Gutierrez estavam necessitados. Sabia que Jesse contaria, caso descobrisse que deixei o padre Dominic no escuro sobre a última transgressão de Paul.

Mas eu também sabia o que Paul iria fazer caso descobrisse que eu o tinha dedurado.

— Mas não é com isso que estou preocupada — acrescentei depressa. — É uma coisa que o Paul disse quando... quando tentei obrigá-lo a devolver o dinheiro. — Achei melhor deixar de fora a parte em que tentei acertar seu plexo solar. E também a coisa que Paul tinha dito antes, naquele dia, sobre como seus planos para Jesse eram mais humanos do que os meus. Porque agora eu tinha a sensação de que sabia o que Paul estava dizendo. Mas ele não poderia estar mais errado. — Era algo sobre você e o que ele ia fazer com você. Não matá-lo.

— Isso seria difícil, hermosa — interrompeu Jesse secamente. — Já estou morto.

Encarei-o irritada.

— Você sabe o que quero dizer. Ele disse que não ia matar você. Que ia... acho que ele disse que ia impedir você de ter morrido.

Mesmo na escuridão do interior do carro vi a sobrancelha de Jesse subir.

— Ele tem uma opinião muito elevada das próprias capacidades — foi só o que Jesse disse.

— Jesse. — Eu não podia acreditar que Jesse não estivesse levando Paul a sério. — Ele pretende mesmo. Já disse duas vezes. Acho seriamente que ele pode estar aprontando alguma coisa.

— Slater sempre vai estar aprontando alguma coisa quando se trata de você, Suzannah. — A voz de Jesse sugeria que ele estava mais do que um pouco cansado do assunto. — Ele está apaixonado por você. Ignore-o, e com o tempo ele vai embora.

— Jesse. — Eu não podia, claro, dizer que adoraria dar as costas a Paul e seus modos manipuladores, mas não podia porque tinha prometido que não faria isso... em troca da vida de Jesse. Ou pelo menos de sua presença contínua nessa dimensão. — Acho realmente...

— Ignore-o, Suzannah. — Agora Jesse estava sorrindo um pouquinho enquanto balançava cabeça. — Ele só está falando essas coisas porque sabe que elas perturbam você, e com isso você presta atenção a ele: Ah, Paul! Não, Paul!

Olhei-o horrorizada.

— Isso era para ser uma imitação minha?

— Não o satisfaça prestando atenção — continuou Jesse como se não tivesse me ouvido — ele vai se cansar e desistir.

— Não é assim que eu falo — morde o lábio inferior, insegura. — eu realmente falo assim?

— E agora, se é só isso — prosseguiu Jesse, me ignorando exatamente como tinha dito para eu ignorar Paul —, acho que você deveria ir para casa, hermosa. Se sua mãe acordasse e descobrisse que você sumiu, sabe que ela iria se preocupar. Além disso, você não tem aula daqui a algumas horas?

— Mas...

— Hermosa. — Jesse inclinou o corpo por cima da alavanca de marcha e passou a mão por trás do meu pescoço. — Você se preocupa demais.

— Jesse, eu...

Mas não consegui terminar o que tinha começado a dizer... e um segundo depois nem conseguia lembrar o que queria dizer. Porque ele havia me puxado — suave, mas inexoravelmente — em sua direção e coberto minha boca com a sua.

Claro, quando os lábios de Jesse estão sobre os meus é impossível pensar em qualquer outra coisa além do modo como aqueles lábios me fazem sentir. Ou seja, incredivelmente acarinhada e desejada. Não tenho muita experiência no departamento de beijos, mas até eu sei que o que acontece sempre que Jesse me beija é... bem... extraordinário.

E não somente porque ele é um fantasma. Tudo que o cara precisa é encostar os lábios nos meus e parece acontecer uma explosão de fogos de artifício de ano-novo dentro de mim, cada vez mais luminosos, até que mal consigo suportar o calor incandescente. A única coisa que parece capaz de apagar o fogo é me encostar mais nele...

Mas, claro, isso só piora as coisas, porque então Jesse — que em geral parece ter um fogo próprio queimando em algum lugar — acaba me tocando em algum lugar, por baixo da blusa, por exemplo, onde, claro eu quero ser tocada, mas onde ele não acha que seus dedos têm o que fazer. Então o beijo termina e Jesse pede desculpas por ter me insultado, mesmo que insultada seja a última coisa que eu me sinta, algo que deixei o mais claro possível para ele, aparentemente sem resultado.

Mas é isso que recebo por me apaixonar por um cara que nasceu na época em que ainda se tratavam as mulheres como se fossem bibelôs delicados e quebradiços e não criaturas de carne e osso. Tentei explicar que

agora as coisas são diferentes, mas ele continua teimosamente convencido de que tudo abaixo do pescoço é proibido até a lua-de-mel...

Menos, claro, quando estamos nos beijando, como agora, e por acaso ele, no calor do momento, esquece que é um cavalheiro do século XIX.

Senti sua mão se mover pelo cóis dos meus jeans enquanto nos beijávamos. Nossas línguas se entrelaçaram e eu soube que era apenas questão de tempo até que aquela mão se enfiasse embaixo do suéter e subisse até o sutiã. Fiz uma atordoada oração de agradecimento por estar usando um sutiã com fecho na frente. Então, de olhos fechados, também fiz alguma exploração, passando as palmas das mãos pela dura parede de músculos que podia sentir através do algodão de sua camisa...

... até que os dedos de Jesse, em vez de se enfiarem dentro do sutiã, seguraram meus dedos com um aperto de ferro.

— Suzannah. — Ele estava ofegando e a palavra saiu parecendo meio entrecortada enquanto ele encostava a testa na minha.

— Jesse. — Eu também não estava respirando muito tranqüilamente.

— Acho melhor você ir agora.

Como eu poderia saber que ele ia dizer isso?

Ocorreu-me que poderíamos fazer isso — quero dizer, beijar assim — com muito mais freqüência e de modo mais conveniente se Jesse superasse a idéia absurda de que tem de ficar na casa do padre Dominic, agora que estamos, na falta de uma palavra melhor, juntos. Afinal de contas foi no meu quarto que ele foi assassinado, há um tempão. Não era o meu quarto que ele deveria continuar assombrando?

Mas não falei nesses termos, já que sabia que Jesse, que é um cara antiquado, não aprova exatamente casais morarem juntos antes do casamento. Também tirei decididamente da cabeça o aviso dado pelo padre Dominic logo antes de ir para São Francisco, sobre não ceder à tentação no que diz respeito a Jesse. Para o padre D. é fácil falar. Ele é padre. Não faz idéia do que é ser um mediador adolescente de sangue quente. Da variedade feminina.

— Jesse — falei ainda meio sem fôlego por causa dos beijos. — Não consigo deixar de pensar... bem, nessa coisa do Paul. Quero dizer, quem sabe se ele realmente não descobriu algum modo novo de... de separar você de mim? E agora, com o padre Dom longe durante não sei

quanto tempo, eu... Bem você não acha que poderia ser melhor você voltar para a minha casa por um tempo?

Mesmo que quase tivesse enfiado a mão no meu sutiã, Jesse não gostou da idéia nem um pouco.

— Para que você possa me proteger do maligno Sr. Slater? — Teria sido minha imaginação ou ele pareceu mais divertido do que... bem... excitado? — Obrigado pelo convite, hermosa, mas posso me cuidar de mim mesmo.

— Mas se Paul descobrir que o padre D. está fora, ele pode vir atrás de você. E se eu não estiver por perto para impedir...

— Pode ser uma surpresa para você, Suzannah — disse Jesse levantando a cabeça e pondo minha mão no meu colo de novo —, mas posso cuidar de Slater sem sua ajuda.

Agora ele definitivamente parecia achar divertido.

— E agora você vai para casa. Boa noite, hermosa.

Jesse me beijou uma última vez, um beijinho rápido de despedida. Eu soube que a qualquer segundo ele iria sumir.

Mas ainda havia outra coisa que eu precisava saber. Normalmente teria perguntado ao padre Dominic, mas como ele não estava por perto...

— Espere. Antes de você ir... mais uma coisa.

Jesse já havia começado a ficar transparente.

— O quê, hermosa?

— A quarta dimensão.

Ele havia começado a se desmaterializar, mas agora estava sólido de novo.

— O que é que tem?

— Ah... — Tenho certeza que ele achou que eu só estava perguntando para mantê-lo ali por mais alguns segundos preciosos. E quer saber a verdade? Provavelmente estava. — O que é?

— O tempo — respondeu Jesse.

— O tempo? — ecoei. — Só isso? Só o... tempo?

— É. O tempo. Por que pergunta? Para a escola?

— Claro. Para a escola.

— As coisas que eles ensinam agora... — disse ele, balançando a cabeça.

— Comida de gato — falei estendendo a sacola. — Não esqueça.

Não é de espantar que a gente não consiga passar das preliminares.

Ele pegou a sacola.

— Boa noite, hermosa.

E então sumiu. O único sinal de que havia estado ali eram as janelas tremendamente embaçadas por nossa respiração.

Ou melhor, pela minha respiração, já que Jesse não respira.

Capítulo 5

O sr. Walden levantou uma pilha de fichas de computador e disse:

— Apenas lápis número dois, por favor.

A mão de Kelly Prescott saltou imediatamente no ar.

— Sr Walden, isso é um ultraje. — Kelly leva extremamente a sério seu papel de presidente da turma... em especial quando isso tem a ver com programar bailes. E, aparentemente, com os testes de aptidão. — Nós deveríamos ser avisados com pelo menos 24 horas de antecedência de que vamos fazer prova.

— Relaxe, Prescott. — O Sr. Walden, orientador da turma, começou a distribuir as fichas. — São testes de aptidão profissional, não de conhecimentos. As notas não vão aparecer no boletim. São para ajudar vocês — ele pegou um dos livretos do teste que estavam na mesa e leu em voz alta — “ a determinar que carreiras são mais adequadas a suas habilidades ou áreas de interesse particular”. Entendeu? É só responder às perguntas. — O Sr. Walden bateu com uma pilha de fichas de resposta na minha meã para eu repassar à fileira. — Vocês tem cinquenta minutos. E sem conversa.

— “Você gosta mais de trabalhar a) ao ar livre? Ou b) em ambiente fechado?” — ouvi meu meio—irmão Brad ler em voz alta do outro lado da sala. — Ei, cadê o c) totalmente bebum?

— Seu fracassado. — zombou Kelly Prescott.

— “Você é uma ‘pessoa noturna’ ou ‘pessoa diurna?’” — Adam McTavish se fingiu chocado. — Esse teste é totalmente preconceituoso contra os narcolépticos.

— “Você trabalha melhor a) sozinho ou b) em grupo?” — Minha melhor amiga, Cee Cee, mal parecia capaz de conter o nojo. — Ah, meu Deus, isso é tão idiota!

— Que parte do “sem conversa” vocês não entenderam? — perguntou o Sr. Walden.

Mas ninguém prestou atenção a ele.

— Isso é idiota. — declarou Adam — Como esse teste vai determinar se eu sou qualificado ou não para uma carreira profissional?

— Ele mede sua aptidão, idiota. — Kelly parecia enjoada. — A única profissão para a qual você é qualificado é trabalhar no guichê do drive-thru de uma lanchonete.

— A mesma lanchonete em que você, Kelly, vai operar a frigideira. — observou Paul secamente, fazendo o resto da turma gargalhar...

Até que o Sr. Walden, que havia se acomodado atrás de sua mesa e estava tentando ler o último número da Revista do Surf, trovejou:

— Querem ficar depois da aula para terminar esse teste? Porque eu adoraria mantê-los aqui. Não tenho nada melhor para fazer. Agora calem a boca, todos vocês, e comecem a trabalhar.

Isso teve um impacto significativo na quantidade de papo que rolou na sala.

Totalmente arrasada, preenchi as bolinhas. Meu sofrimento não decorria simplesmente, claro, do fato de eu ter virado a noite. Ainda que isso não ajudasse, exatamente, havia uma preocupação mais imediata do que os testes de aptidão profissional. É, eles não se aplicam muito a mim... meu destino já está determinado... foi determinado desde o nascimento. Estou destinada a ser uma coisa, quando crescer, e só uma. E qualquer outra profissão que eu escolher só vai interferir na minha verdadeira vocação, que, claro, é ajudar os mortos a chegar ao seu destino final.

Olhei para Paul. Ele estava curvado sobre sua folha de respostas, preenchendo as bolinhas com um sorrisinho no rosto. Imaginei o que estaria colocando como campos de interesse. Não tinha notado nenhum item sobre extorsão. Ou roubo.

Por que ele estava ao menos se incomodando com isso?, pensei. O teste não teria nenhuma utilidade para nós. Seríamos sempre mediadores, em primeiro lugar, independentemente de qualquer carreira que escolhêssemos. Veja o padre Dominic. Ah, claro, ele havia conseguido manter seu status de mediador em segredo... até mesmo para a igreja, já que, como o padre D. dizia, seu chefe é Deus, e Deus inventou os mediadores.

Claro, o padre D. não é somente padre. Também foi professor durante anos e anos, chegou a ganhar alguns prêmios até ser promovido a diretor.

Mas para o padre Dom é diferente. Ele acredita de fato que sua capacidade de ver e falar com os mortos é um dom de Deus. Não vê o que realmente é: uma maldição.

Só que... só que, claro, sem isso eu nunca teria conhecido Jesse.

Jesse. As bolinhas em branco diante de mim ficaram decididamente turvas enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

Ah. Ótimo. Agora eu estava chorando. Na escola.

Mas como poderia evitar? Aqui estava eu, com o futuro exposto à frente... formatura, faculdade, profissão. Bem, você sabe, pseudo-profissão, já que todos sabemos qual será minha profissão de verdade.

Mas e o Jesse? Que futuro ele tinha?

— O que você tem? — sibilou Cee Cee.

Enxuguei os olhos com a manga de minha blusa Miu Miu.

— Nada — sussurrei de volta. — Alergia.

Cee Cee pareceu cética, mas voltou ao seu livreto de teste.

Uma vez perguntei o que ele queria ser. Quero dizer, o Jesse. Você sabe, antes de morrer. A idéia era o que ele queria ser em termos profissionais, mas ele não entendeu. Quando finalmente expliquei, ele sorriu, mas de um modo triste.

— As coisas eram diferentes quando eu era vivo, Suzannah. Eu era filho único. Esperava-se que eu herdasse a fazenda da família e trabalhasse nela, para sustentar minha mãe e minhas irmãs quando meu pai morresse.

Não acrescentou que essa parte do plano também incluía seu casamento com a garota cujo pai era dono da fazenda ao lado, de modo que as terras dos dois se unissem numa superfazenda. Nem mencionou o fato de que foi ela que mandou matá-lo, porque gostava mais de outro cara, um cara que o pai dela não aprovava, exatamente. Porque eu já sabia de tudo isso.

Acho que as coisas eram difíceis, mesmo lá pela década de 1850.

— Ah — foi o que respondi. Jesse não tinha me falado com nenhum rancor detectável, mas aquilo me pareceu péssimo. Quero dizer, e se ele não quisesse ser fazendeiro? — Bem o que você gostaria de ser? Você sabe, se tivesse opção?

Jesse ficou pensativo.

— Não sei. Na época era diferente, Suzannah. Eu era diferente. Achava... algumas vezes... que talvez gostaria de ser médico.

Médico. Fazia todo sentido — pelo menos para mim. Todas aquelas vezes em que cheguei mancando com várias partes latejando de dor — fosse de sumagre venenoso ou bolhas nos pés —, Jesse estava lá,

cuidando de mim, com seu toque suave como lã. Ele seria um médico fantástico.

— Por que não fez isso, então? — perguntei. — Não virou médico? Só por causa do seu pai?

— É. Principalmente por isso. Nunca sequer falei disso a alguém. Mal podia ser afastado da fazenda por alguns dias, quanto mais por todos os anos da faculdade de medicina. Apesar de que, quando eu era vivo, as pessoas não soubessem tanto de medicina quanto hoje. Agora acho que seria mais empolgante trabalhar nas ciências.

E ele deve saber. Teve 150 anos para ficar por aí vendo as invenções — eletricidade, automóveis, aviões, computadores... para não mencionar a penicilina e as vacinas para doenças que no passado matavam rotineiramente milhões de pessoas — tornando o mundo irreconhecível em relação ao mundo em que ele havia crescido.

Mas em vez de se agarrar teimosamente ao passado, como algumas pessoas teriam feito, Jesse havia acompanhado tudo com empolgação, lendo tudo em que pudesse tocar, desde romances até enciclopédias. Dizia que tinha muita coisa com que ficar em dia. Seus livros prediletos parecem ser os de não-ficção, que pega emprestado com o padre Dominic, tudo desde filosofia até explorações ou vírus novos — o tipo de livro que eu teria dado ao meu pai no Dia dos Pais, se ele não estivesse... você sabe, morto. Meu padrasto, por outro lado, é mais do tipo livros de culinária. Mas você sacou. Para Jesse, coisas que me parecem áridas e desinteressantes são de uma empolgação vital. Talvez porque ele tenha visto tudo se desdobrar diante de seus olhos.

Suspirando, olhei para as centenas de opções profissionais à minha frente. Jesse estava morto, mas até ele sabia o que queria ser... o que queria ter sido, se não estivesse morto. Ou não ter sido, considerando o que disse sobre as expectativas do pai.

E aqui estava eu, com todas as vantagens do mundo, e só conseguia pensar que quando eu crescesse queria...

Bem, estar com Jesse.

— Mais vinte minutos. — A voz do Sr. Walden trovejou pela sala, me arrancando dos pensamentos. Descobri que meu olhar havia se fixado no mar, a menos de um quilômetro e meio da Missão, visível através da maioria das janelas das salas de aula... para detrimento de alunos como eu.

Eu não havia crescido, como a maioria dos meus colegas, perto do mar. Ele era uma fonte constante de espanto e interesse para mim.

Meio como o fascínio de Jesse pela ciência moderna, pensei.

Só que, diferentemente de Jesse, eu tinha a chance de fazer algo com meu interesse.

— Mais dez minutos — anunciou o Sr. Walden, me assustando de novo.

Mais dez minutos. Olhei minha folha de respostas, que estava preenchida pela metade. Ao mesmo tempo notei Cee Cee me lançando um olhar ansioso de sua mesa ao lado da minha. Ela balançou a cabeça na direção da folha. Trabalhe, insistiram seus olhos violeta.

Peguei o lápis e comecei a marcar as bolinhas ao acaso. Não me importava com as respostas escolhidas. Porque, na verdade, não me importava com meu futuro. Sem Jesse, eu não tinha futuro. Claro que com ele também não. O que ele faria? Me acompanharia à faculdade? Ao meu primeiro emprego? Ao meu primeiro apartamento?

É. Isso aconteceria.

Paul estava certo. Sou idiota demais. Idiota em ter me apaixonado por um fantasma. Idiota em pensar que tínhamos algum tipo de futuro juntos. Idiota.

— Acabou o tempo. — O Sr. Walden baixou os pés de cima da mesa. — Larguem os lápis, por favor. Depois passem a ficha de resposta para o colega da frente.

Não fiquei muito surpresa quando Paul se aproximou de mim, depois de o Sr. Walden ter nos liberado para o almoço.

— Aquilo não tinha sentido — disse ele em voz baixa, enquanto íamos na direção dos armários. — Quero dizer, nossa profissão já está definida, não é?

— Bem, realmente não se pode ganhar a vida com o que nós fazemos — falei. Depois me lembrei, tarde demais, que Paul certamente parecia ter conseguido.

— Uma vida honesta — consertei.

Mas em vez de sentir vergonha, como eu pretendia, Paul simplesmente riu.

— Por isso me decidi por uma carreira no direito. Seu pai era advogado, não?

Confirmei com a cabeça. Não gosto de falar do meu pai com Paul. Porque meu pai era tudo de bom. E Paul é tudo.... que não é.

— É, foi o que pensei — continuou Paul. — Nada é preto no branco na lei. É tudo meio cinzento. Desde que você consiga encontrar um precedente.

Não falei nada. Podia facilmente ver Paul como advogado. Não um advogado como meu pai, defensor público, mas o tipo de advogado que defenderia celebridades ricas, pessoas que se achavam acima da lei... e como não tinham limites de dinheiro para pagar pela defesa, estavam acima da lei, de certa forma.

— Você, por outro lado — disse Paul. — Acho que está destinada a uma carreira no serviço social. Você é uma benfeitora nata.

— É — respondi enquanto parava junto ao meu armário. — Talvez eu siga os passos do padre D. e vire freira.

— Agora essa. — Paul se encostou no armário ao lado do meu. — Seria um desperdício. Eu estava pensando mais em termos de assistente social. Ou terapeuta. Você é muito boa, sabe, em cuidar do problemas dos outros.

Não era verdade? Era o motivo para eu estar tão remelenta e cansada hoje. Porque, depois de deixar Jesse na noite anterior, tinha ido para casa e caído na cama... mas não dormi. Em vez disso fiquei acordada, piscando para o teto e pensando no que Jesse havia dito. Não sobre o Paul, mas sobre o que Paul tinha me feito ler em voz alta: “a habilidade do deslocador não incluía meramente a da comunicação com os mortos e o teletransporte entre seu mundo e o nosso, mas também a capacidade de viajar à vontade através da quarta dimensão.”

A quarta dimensão. O tempo.

A simples palavra fez os pêlos dos meus braços se eriçarem, mesmo sendo outro dia de outono tipicamente lindo em Carmel e nem um pouco frio. Seria mesmo verdade? Será que essa coisa era ao menos possível? Será que os mediadores — ou deslocadores, como Paul e seu avô insistiam em nos chamar — viajavam pelo tempo, e não só entre os reinos dos vivos e dos mortos?

E se — um grande se — isso fosse verdade, o que, afinal, significava?

Mais importante, por que Paul havia feito tanta questão de que eu soubesse?

— Você parece tensa — observou Paul enquanto eu guardava os livros e pegava a sacola de papel com o lanche que meu padrasto havia feito para mim: salada de frango tandoori. — Qual é o problema? Teve dificuldade para dormir?

— Você deveria saber — respondi, encarando-o.

— O que eu fiz? — perguntou ele, parecendo genuinamente surpreso.

Não sei se era a fadiga extrema ou o fato de que o teste de aptidão profissional tinha me feito pensar no futuro... no meu futuro e no de Jesse. De repente estava muito cansada de Paul e dos seus jogos. E decidi pagar para ver.

— A quarta dimensão — lembrei-o. — Viagem no tempo?

Mas ele apenas riu.

— Ah, bom, você deduziu. Demorou bastante.

— Você realmente acha que os deslocadores são capazes de viajar no tempo.

— Não acho. Eu sei.

De novo senti um arrepio que não deveria ter sentido. Estávamos à sombra do caminho coberto, era verdade, mas a pouco mais de um metro, no pátio da missão, o sol batia forte. Beija-flores pulavam de hibisco em hibisco. Turistas tiram fotos com suas máquinas digitais.

Então por que aqueles arrepios?

— Por quê? — perguntei, com a garganta subitamente seca. — Já fez isso?

— Ainda não — respondeu ele casualmente. — Mas vou fazer. Logo.

— É. — O medo me fez parecer sarcástica. — Bem, talvez você possa viajar de volta à noite em que roubou o dinheiro da Sra. Gutierrez e não fazer isso dessa vez.

— Meu Deus, não vai parar com isso? — Ele balançou a cabeça. — Era uma porcaria de duas mil pratas. Você age como se fossem dois milhões.

— Ei, Paul. — Kelly Prescott se separou de sua panelinha, as Nazistas Dolce e Gabbana, como Cee Cee havia passado a chamá-las, e veio rebolando, tremelicando os cílios pesados de rímel. — Você vem almoçar?

— Em um minuto — respondeu Paul... não muito agradavelmente, considerando que ela iria com ele ao baile da semana seguinte. Mesmo ferida, Kelly se controlou o suficiente para me lançar um olhar fulminante antes de ir para o pátio onde almoçávamos todo dia ao ar livre.

— Mesmo assim não entendo. — Encarei-o. — E se pudermos viajar no tempo? Grande coisa. Não é como se pudéssemos mudar alguma coisa quando chegássemos lá.

— Por quê? — Os olhos azuis de Paul estavam curiosos. — Porque o cientista de De volta para o futuro disse?

— Porque não se pode... não se pode mexer com a ordem natural das coisas.

— Como assim?

— Porque essas pessoas já estão mortas! Elas não podem fazer nada que possa mudar o rumo da história.

— Como a Sra. Gutierrez e seus dois mil dólares? — O olhar de Paul era malicioso. — Você acha que se eu tivesse dado o dinheiro ao filho dela isso não teria mudado o rumo da história? Mesmo de um modo pequeno?

— Mas isso é diferente de entrar em outra dimensão para mudar uma coisa que já aconteceu. É simplesmente errado.

— É, Suze? — Um canto da boca de Paul se ergueu. — Não acho. E sabe de uma coisa? Acho que desta vez seu garoto Jesse vai concordar. Comigo.

E de repente pareceu ficar mais frio do que nunca na passagem coberta.

Capítulo 6

Por favor esteja em casa, por favor esteja em casa, por favor esteja em casa, rezei enquanto esperava alguém atender à porta. Por favor, por favor, por favor...

Não sei se alguém ouviu minha oração, ou se era simplesmente porque os arqueólogos inválidos não saem muito. De qualquer modo, o enfermeiro do Dr. Slaski atendeu à porta da frente, com ar de reconhecimento viu que era eu tocando a campainha com tanta urgência.

— Ah, oi, Suzan — disse ele, falando o nome errado, mas com a expressão de quem tinha acertado. Mais ou menos. — Está procurando Paul? Porque, pelo que sei, ele ainda está na escola...

— Sei que ele ainda está na escola — interrompi entrando depressa no saguão dos Slater, antes que o enfermeiro pudesse fechar a porta. — Não vim por causa do Paul. Passei aqui para falar com o avô dele, se não houver problema.

— Com o avô dele? — O enfermeiro pareceu surpreso. E por que não deveria estar? Para ele, seu paciente não tinha uma conversa lúcida com ninguém há anos.

Só que havia tido. E há apenas alguns meses. Comigo.

— Sabe, Suzan, o avô de Paul não... não está muito bem — disse o enfermeiro lentamente. — Não gostamos de falar nisso na frente dele, mas a última bateria de exames... Bem, eles não pareceram muito bons. Na verdade os médicos não lhe dão muito tempo de vida...

— Só preciso fazer uma pergunta. Só uma perguntinha. Só vai levar um segundo.

— Mas... — O enfermeiro, um cara novo que, a julgar pelos dreadlocks desbotados pelo sol, provavelmente usava todo o tempo livre nas ondas, coçou o queixo. — Quero dizer, ele não pode... ele realmente não fala muito atualmente. O Alzheimer, você sabe...

— Posso ao menos tentar? — perguntei, não me importando se pareceria uma louca. Para você ver meu desespero. Desespero por respostas que eu sabia que só uma pessoa na terra poderia me dar. E essa pessoa estava no andar de cima. — Por favor? Quero dizer, não pode fazer mal, pode?

— Não — respondeu o enfermeiro lentamente. — Não, acho que não faz mal.

— Fantástico. — Passei rapidamente por ele e subi a escada de dois em dois degraus. — São só dois minutos. Você não se importa de nos deixar a sós, não é? Eu chamo, se parecer que ele precisa de você.

Fechando a porta meio distraidamente, o enfermeiro disse:

— Certo. Acho. Mas... você não deveria estar na escola?

— É hora do almoço — informei alegre enquanto subia a escada e ia pelo corredor até o quarto do Dr. Slaski.

E não estava mentindo. Era hora do almoço. E o fato de que tecnicamente não deveríamos sair da escola na hora do almoço? Bem, não achei muito importante mencionar. Estava menos preocupada em enfrentar a fúria da irmã Ernestine quando descobrisse que eu estava fora da escola do que em explicar ao meu meio-irmão Brad por que precisava tão desesperadamente da chave do Land Rover. Só porque Brad por acaso havia conseguido sua carteira de motorista uns cinco segundos antes de eu conseguir a minha (bem, certo, algumas semanas antes de eu conseguir a minha), ele acha que o antigo Land Rover, que supostamente seria o “carro dos filhos”, pertence apenas a ele, e que só ele tem o direito de transportar nós dois, além do irmão mais novo, David, indo e vindo da escola todo dia.

Tive de usar as palavras “produtos de higiene feminina” e “portaluvas” só para ele abrir mão das chaves. Eu não fazia idéia do que Brad ia fazer quando eu não voltasse antes do fim do almoço e ele descobrisse que o carro havia sumido. Me dedurar, sem dúvida. Parecia ser sua única alegria na vida.

Infelizmente pareço nunca ser capaz de lhe devolver o favor, graças a Brad geralmente saber alguma coisa sobre mim.

De qualquer modo eu não esbanjaria meu precioso tempo imaginando o que Brad iria dizer sobre a saída de carro. Em vez disso entrei correndo no quarto do avô de Paul.

Como sempre, a TV estava ligada no canal de programas de auditório. O enfermeiro havia estacionado a cadeira de rodas do Dr. Slaski na frente da TV de plasma. Mas o próprio Dr. Slaski parecia não estar prestando nenhuma atenção ao apresentador. Em vez disso olhava fixamente para um ponto no centro do piso de ladrilhos muito polido.

Mas não me enganei com isso.

— Dr. Slaski? — Peguei o controle remoto e baixei o volume da TV, depois fui rapidamente para perto dele. — Dr. Slaski, sou eu, Suze. A amiga de Paul, lembra, Suze? Preciso falar com o senhor um minuto.

O avô de Paul não respondeu. A não ser que você considere babar uma resposta.

— Dr. Slaski — falei, puxando uma cadeira para ficar mais perto de seu ouvido. Não queria que o enfermeiro escutasse nossa conversa, por isso tentei manter a voz baixa. — Dr. Slaski, seu enfermeiro não está aqui, nem Paul. Somos só nós dois. Preciso falar com o senhor sobre algo que Paul andou me contando. Sobre... é... os mediadores. É importante.

Assim que ouviu dizer que nem Paul nem o enfermeiro estava por perto, aconteceu uma mudança com o Dr. Slaski. Ele se empertigou na cadeira, levantando a cabeça para me encarar com seus olhos remelentos. A baba parou imediatamente.

— Ah — disse ao ver que era eu. Não pareceu exatamente empolgado. — Você de novo.

Não creio que isso fosse completamente justo, tendo em vista que, na última vez em que nos falamos, ele tinha me procurado... para dar um aviso cifrado sobre o próprio neto, que ele comparou ao demônio, nada menos.

Mas decidi deixar isso para lá.

— Sim, sou eu, Dr Slaski. Suze. Escute. É sobre o Paul.

— O que aquele sujeitinho insuportável andou fazendo?

Sem dúvida há muito pouca afeição entre o Dr. Slaski e seu neto.

— Nada. Por enquanto. Pelo menos pelo que sei. É o que ele diz que pode fazer.

— O que é, então? E é melhor que isso seja bom. Família Contra Família vai começar em cinco minutos.

Santo Deus. Será que eu iria acabar presa numa cadeira de rodas e viciada em programas de auditório quando tivesse a idade do Dr. Slaski? Porque o Dr. Slaski — ou Sr. Slater, como Paul queria que todo mundo pensasse — também é mediador, um mediador que chegou aos extremos da Terra para encontrar respostas sobre seu talento incomum. Parece que havia encontrado o que procurava nos túmulos do antigo Egito.

O problema é que ninguém acreditava nele. Nem na existência de uma raça de pessoas cujo único dever é guiar os espíritos dos mortos para seu destino final e certamente nem que ele, o Dr. Slaski, era um deles. Os

muitos escritos do velho sobre o assunto, na maioria publicados por ele mesmo, foram ignorados pelas comunidades científicas e acadêmica, e agora estavam juntando poeira em sacos plásticos embaixo da cama do neto.

Pior, a própria família do Dr. Slaski parecia estar varrendo o velho para baixo da cama também, e o pai de Paul havia chegado a ponto de mudar o nome para não ser associado a ele.

E o que o Dr. Slaski havia recebido em troca de todos os seus esforços? Uma doença terminal e o neto, Paul, como companhia. A doença, ou pelo menos era o que o Dr. Slaski afirmava, tinha sido provocada por passar tempo demais na “terra das sombras” — aquele posto avançado entre este mundo e o outro. E Paul?

Bem, ele próprio havia trazido Paul para morar ali.

Acho que o Dr. Slaski tinha um motivo para se sentir amargo com relação à raça humana. Mas eu só estava começando a descobrir por que ele se sentia daquele modo com relação a Paul.

Tentei começar lentamente, para que ele não deixasse de entender.

— Paul diz que os mediadores...

— Deslocadores — O Dr. Slaski insistia em que pessoas como ele, Paul e eu devemos ser chamados, mais adequadamente, de deslocadores, devido à nossa (em meu caso recém-descoberta) capacidade de nos deslocar entre as dimensões dos vivos e dos mortos. — Deslocadores, garota, eu lhe disse antes. Não me faça repetir.

— Deslocadores — consertei. — Paul diz que os deslocadores têm a capacidade de viajar no tempo.

— De fato. O que é que tem?

Olhei-o boquiaberta. Não consegui evitar. Se ele tivesse me acertado na nuca com um pedaço de pau eu não ficaria mais surpresa.

— O senhor... o senhor sabia disso.

— Claro que sabia — respondeu acidamente o Dr. Slaski. — Quem você acha que escreveu o texto que deu essa idéia àquele meu neto idiota?

Era isso que eu recebia por não prestar mais atenção aos meus estudos de mediação com Paul.

— Mas por que o senhor não me disse?

O Dr. Slaski me olhou muito sarcasticamente.

— Você não perguntou.

Fiquei ali sentada feito um toco, olhando-o. Não conseguia acreditar. Todo esse tempo... todo esse tempo eu tinha outra habilidade da qual não sabia nada. Mas para quê eu precisaria da habilidade de viajar no tempo, afinal de contas? Acho que existiam alguns dias ruins que eu até gostaria de voltar e consertar, mas fora isso...

Então, como um raio a coisa me acertou.

Meu pai. Eu poderia voltar no tempo e salvar meu pai.

Não. Não, a coisa não funcionava assim. Não podia. Porque se pudesse... se pudesse...

Tudo seria diferente.

Tudo.

O Dr. Slaski tossiu forte. Estremeci e toquei seu ombro.

— Dr. Slaski? O senhor está bem?

— O que você acha? — perguntou o Dr. Slaski, não muito gentilmente. — Tenho seis meses de vida. Talvez menos, se aqueles médicos desgraçados conseguirem o que querem e continuarem arrancando minha vida. Você acha que eu estou bem?

— Eu... — Era egoísmo da minha parte, sei, mas não tinha tempo para ouvir sobre seus problemas de saúde. Precisava saber sobre esse novo pode que ele, e possivelmente eu, possuía.

— Como? — perguntei ansiosa. — Como se faz isso? Quero dizer, viajar no tempo?

O Dr. Slaski olhou para a TV. Felizmente os créditos de O Preço Está Certo continuavam passando. Família Contra Família ainda não havia começado.

— É fácil — disse ele. — Se meu neto idiota conseguiu deduzir, qualquer imbecil consegue.

Não tínhamos muito tempo. Família Contra Família ia começar a qualquer momento.

— Como? — perguntei de novo. — Como?

— Você precisa de uma coisa — disse o doutor com paciência exagerada, como se estivesse falando com uma criança de cinco anos. — Uma coisa do tempo para onde quer ir. Para ancorá-la a ele.

Pensei num filme de viagem no tempo que eu tinha visto.

— Como uma moeda?

— Uma moeda serviria — disse o Dr. Slaski, mas pareceu cético. — Claro que você teria de usar uma moeda que tivesse pertencido a uma

pessoa específica que existiu na época à qual você quer ir, e que tenha estado no lugar em que você está. E você tem de escolher o lugar para onde quer voltar sem se deslocar para dentro de uma pessoa inocente que esteja ali por acaso.

— Quer dizer... — pisquei — Quer dizer que quando a gente volta, tudo da gente volta? Não só...

— Sua alma? — O Dr. Slaski fungou. — De nada adiantaria andar em outro século sem corpo. Não, quando você vai, você vai. Por isso tem de ser inteligente. Não pode simplesmente pular pelo tempo e pelo espaço à vontade. Pelo menos se quiser impedir que suas entranhas se derramem. Você tem de ir a um lugar onde sabe que a pessoa já esteve, segurar o objeto que já foi dela e...

— E? — perguntei sem fôlego.

— Fechar os olhos e se deslocar — O Dr. Slaski olhou de novo para a televisão, entediado com a conversa.

— E é só isso? — Era fácil. — Quer dizer que eu posso simplesmente saltar de volta no tempo e visitar quem eu quiser?

— Claro que não — disse o Dr. Slaski, o olhar grudado na tela de TV. E acrescentou quase como um pensamento de última hora: — A pessoa tem de estar morta, claro. E ser alguém que você mediu. Nunca descobri por quê, mas deve ter algo a ver com a energia, ou com o ser da pessoa. Deve ser o elo... — O Dr. Slaski deixou o resto no ar, perdido em pesquisas feitas há décadas.

— Quer dizer que... — pisquei confusa — só podemos voltar no tempo se for para ajudar um fantasma?

— Dêem um prêmio à garota — engrolou o Dr. Slaski, voltando o olhar para a televisão.

Pela primeira vez não me incomodei com seu sarcasmo. Porque... fantasmas? Com fantasmas eu consigo lidar. Fantasmas como...

...bem, como meu pai, por exemplo.

Eu tinha um monte de coisas que haviam pertencido ao meu pai. Ainda tinha a camisa que ele usava no dia em que morreu. Havia pegado na pilha de coisas que o hospital tinha nos dado e mantido embaixo do travesseiro durante meses depois de sua morte... até o dia em que finalmente o vi de novo, quando ele me apareceu e contou exatamente porque eu, e não mamãe, podia vê-lo.

Pensei que minha mãe não sabia — quero dizer, da camisa — mas agora percebi que ela devia saber. Sem dúvida ela a teria encontrado ao fazer minha cama ou bancar a fada dos dentes.

Mas nunca disse nada. Para ser justa, ela não podia dizer nada, porque manteve as cinzas de papai na caneca de cerveja predileta dele durante anos, antes de finalmente juntarmos coragem de espalhá-las no parque onde ele havia morrido, o parque que ele tanto amava, logo antes de ela se casar com Andy.

Um parque, percebi. Eu teria de ir lá se quisesse voltar no tempo para salvá-lo, porque o apartamento em que morávamos havia sido vendido e eu não podia ir até os novos donos e dizer: “Posso ficar na sua sala durante um minuto? Só preciso dar um pulo no tempo para salvar a vida do meu pai.”

Claro que o parque e o apartamento ficavam do outro lado do país. Mas eu tinha um dinheiro guardado, do trabalho de babá. Talvez até o bastante para uma passagem de avião...

Poderia fazer isso. Poderia sem dúvida impedir meu pai de morrer.

— O que mais? — perguntou o Dr. Slaski olhando para a TV. Era um comercial, graças a Deus.

— Quando a gente tem a... coisa que pertenceu ao fantasma, e está num lugar onde ele já esteve... O que a gente faz?

O Dr. Slaski parecia chateado.

— Você segura o objeto, sua âncora, e mais nada. Isso é importante, veja bem. Não pode estar tocando mais nada, caso contrário poderia acabar levando-a também. Então visualiza a pessoa. E depois vai. É moleza. — O Dr. Slaski assentiu para a TV. — Aumente o volume. Família vai começar num minuto.

Não podia acreditar que fosse tão fácil. Assim. Eu poderia voltar no tempo e impedir uma pessoa amada de morrer.

— Claro — disse o Dr. Slaski casualmente — assim que você chegar lá, ao lugar aonde vai, deve tomar muito cuidado. Não vai querer mudar a história... pelo menos não muito. Terá de avaliar muito cuidadosamente suas ações.

Não falei nada. Que possíveis conseqüências poderia ter a salvação de meu pai? A não ser que minha mãe, em vez de chorar no travesseiro durante anos depois da morte dele — na verdade até conhecer Andy — seria feliz? Que eu seria feliz?

Então percebi. Andy. Se meu pai vivesse, minha mãe não conheceria Andy. Ou melhor, poderia conhecê-lo, mas jamais se casaria com ele.

E nunca se mudaria para a Califórnia.

E eu jamais conheceria Jessé.

De repente, todo o impacto do que o Dr. Slaski havia dito me acertou.

— Ah.

Seu olhar — apesar do glaucoma que nublava seus olhos azuis, que, fora isso, eram como uma fotocópia dos de Paul — era incisivo.

— Achei que haveria um ah em algum ponto por aí — disse ele. — Não é tão fácil quanto a gente pensa, o deslocamento no tempo, não é? E tenha em mente que, quanto mais tempo você fica numa época que não é a sua, maior é seu tempo de recuperação quando volta ao presente — acrescentou o Dr. Slaski de modo não muito agradável.

— Tempo de recuperação? Quer dizer tipo... dá dor de cabeça?

Era o que eu sentia quando me deslocava. Toda vez.

O Dr. Slaski pareceu se divertir com alguma coisa. Seu olhar não estava na tela de televisão, portanto eu soube que tinha a ver com o que eu havia dito.

— Um pouquinho pior do que uma dor de cabeça — disse ele secamente, e bateu no colchão ao lado. — A não ser que você queira dizer isso como um eufemismo para perder um monte de células cerebrais. E é o mínimo que poderia acontecer. Se você se deslocar no tempo muitas vezes vai virar um vegetal antes de ter idade para comprar cerveja, isso eu garanto.

— Paul sabe disso? Quero dizer, o... negócio de perder células cerebrais?

— Deveria saber, se leu meu texto a respeito.

E mesmo assim queria tentar.

— Por que Paul quereria voltar no tempo? — perguntei. Ele dificilmente seria motivado pelo desejo de ajudar alguém, e a única pessoa que Paul Slater já se interessara em ajudar era... bem, Paul Slater.

— Como é que eu vou saber? — O Dr. Slaski parecia entediado. — Não entendo por que você passa tanto tempo com aquele garoto. Eu disse que ele não presta. Como o pai, que tem vergonha de mim...

Não prestei atenção à diatribe do Dr. Slaski contra o neto. Estava ocupada demais pensando. O que mesmo Paul havia dito na outra noite, no quintal dos Gutierrez? Que não mataria Jesse...

... mas que poderia fazer alguma coisa para impedir Jesse de ter morrido.

Finalmente percebi. Parada no quarto do Dr. Slaski, enquanto ele pegava desajeitadamente o controle remoto, encontrava o botão de volume e gritava:

— Droga, perdemos a primeira rodada de perguntas!

Paul não ia voltar no tempo. Ao tempo de Jesse.

E não para matá-lo.

Para salvar sua vida.

Capítulo 7

— Padre Dominic? — minha voz parecia frenética, mesmo para os meus ouvidos. — Padre D., o senhor está aí?

— Sim, Suzannah. — O padre Dominic parecia esgotado. Mas podia ser porque ainda não tinha aprendido como funcionava o seu celular. — Sim, estou aqui. Pensei que era preciso apertar o botão Send para atender, mas parece que...

— Padre Dominic, aconteceu uma coisa terrível. — Não esperei que ele respondesse, simplesmente fui em frente. — Paul encontrou um modo de voltar no tempo e vai retornar ao dia em que Jesse morreu e salvar a vida dele.

Houve uma pausa longa. Então o padre Dominic disse:

— Suzannah. Onde você está?

Olhei ao redor. Estava na cozinha de Paul, usando o telefone de parede que havia encontrado ali. Tinha pedido ao enfermeiro do Dr. Slaski, depois de ter deixado o paciente dele, para usar o telefone. Ele disse que eu ficasse à vontade.

— Estou na casa de Paul. Padre Dominic, o senhor me escutou? Paul descobriu um modo de impedir Jesse de morrer.

— Bem, é uma notícia maravilhosa. Mas você não deveria estar na escola? É pouco mais de uma da tarde...

— Padre D! — praticamente gritei. — O senhor não entende! Se Paul impedir Jesse de morrer, Jesse e eu nunca vamos nos conhecer!

— Hmm. — O padre Dominic demorou um tempão pensando no que eu havia dito. — Alterar o curso da história nunca é uma boa idéia, acho. Veja o que aconteceu naquele filme, como é mesmo? Ah, sim. De Volta Para o Futuro.

— Padre Dominic. — Eu estava praticamente chorando de frustração. — Por favor, isto não é um filme. É a minha vida. O senhor tem de me ajudar. Tem de voltar aqui e me ajudar a impedir isso. Ele não vai me ouvir. Sei que não vai. Mas talvez ouça o senhor...

— Bem, eu não poderia voltar agora, Suzannah. O monsenhor não está... bem, o... parece que o cachorro-quente ficou alojado na garganta

dele por mais tempo do que todos pensaram... Suzannah, você disse que Paul descobriu um modo de viajar no tempo?

— É — respondi com os dentes trincados. Estava começando a me arrepender de ter mantido o padre Dominic no escuro com relação a muita coisa que eu havia descoberto com Paul durante as tardes de quarta-feira que tínhamos passado juntos.

— Minha nossa — disse o padre Dominic. — Que interessante! E como você acha que ele faz isso?

— Ele só precisa de uma coisa antiga. Uma coisa que tenha pertencido, o senhor sabe, à pessoa que ele quer ver quando voltar no tempo. A pessoa tem de ser um fantasma, um fantasma que ele conheceu. E então ele só precisa ficar num lugar onde saiba que essa pessoa vai estar... na cabeça dele, o senhor sabe... e já estará lá.

— Minha nossa. Sabe o que isso significa, Suzannah?

— Sei — respondi arrasada. — Significa que vou me mudar para Carmel e não haverá ninguém assombrando meu quarto porque Jesse nunca terá sido morto lá.

— Não — respondeu o padre Dominic. — Bem, quero dizer, sim, acho que significa isso. Porém mais importante, significa que podemos impedir a morte de todos os fantasmas que encontramos, simplesmente voltando no tempo e...

— Não podemos — interrompi. — A não ser que queiramos acabar tendo apenas seis meses de vida, como o avô de Paul. Não é como se deslocar para o plano espiritual. Todo o seu corpo vai... e, acho, sofre as conseqüências. Mas Paul só está planejando esta única viagem.

— Sim — disse o padre Dominic, parecendo distante, pelo menos mais distante do que São Francisco. — Sim, sei.

— Padre Dominic — gritei. Eu o estava perdendo... e não somente porque a ligação não era das melhores. — O senhor precisa impedir!

— Mas por que, Suzannah? O que Paul planeja fazer é bem generoso, na verdade.

— Generoso? — gritei. — O que há de tão generoso nisso?

— Ele está dando a Jesse outra chance na vida. E, pelo que você disse, arriscando a própria vida no processo. Eu diria que é muito nobre da parte dele.

— Nobre! — Eu mal podia crer nos meus ouvidos. — Padre Dom, posso garantir que os motivos de Paul estão longe de ser nobres. Ele só está fazendo isso...

— Sim? — De repente o padre Dominic era todo ouvidos.

Mas como você pode explicar a um padre que um cara está tentando matar seu namorado para poder pular na sua cama?

Em especial quando Paul não estava tentando matar Jesse, e sim salvar a vida dele?

— É só que... — Eu não estava fazendo nenhum sentido, mas não me importava. — O senhor não pode expulsar o Paul da escola, ou algo assim?

— Não, Suzannah. — Seria minha imaginação ou havia um risinho na voz dele? — Não posso expulsá-lo. Pelo menos não por causa disso.

— Mas precisamos impedir. — Meus protestos, mesmo aos meus próprios ouvidos, estavam começando a ficar débeis. — Não é... não é natural o que ele planeja.

— Pode ser — disse o padre Dominic — mas não é imoral. Nem mesmo ilegal, pelo que sei.

Seria a primeira vez. Quero dizer, que Paul faria algo que pudesse ser considerado moral.

— Mas fico imaginando — continuou, pensativo, o padre Dominic — exatamente como ele planeja realizar esse pequeno milagre.

— Eu lhe disse — respondi com amargura. — Ele só precisa pegar uma coisa que foi da pessoa, depois ficar num local onde ela tenha ficado e...

— Sim — disse o padre Dominic. — Mas que pertence de Jesse Paul tem?

Isso me calou por um minuto. Porque o padre Dominic estava certo. Paul não tinha nada de Jesse. Não poderia impedir o assassinato de Jesse porque não tinha nada do passado de Jesse.

— Ah — respondi começando a me sentir menos como se tivesse uma força apertando lentamente o pescoço. — Ah. O senhor está certo.

— Claro que estou — disse o padre Dominic. Seria minha imaginação ou ele parecia distraído? — Se bem que é uma coisa que você poderia pensar em fazer Suzannah. Quero dizer, se ele lhe ensinar.

— O quê? — Enrolei o fio do telefone no dedo. — Voltar no tempo e impedir que Jesse morra?

— Exato. Talvez essa seja a razão para ele ainda estar aqui na Terra. Porque ele não deveria ter morrido, para começo de conversa.

Fiquei tão pasma que por um instante não consegui falar nada. Solta, minha mente pulou para aquele cartaz que minha professora da nona série havia pendurado em sua sala, com duas gaivotas voando sobre uma praia... Um cartaz de que eu sempre parecia lembrar nos momentos mais inconvenientes. SE VOCÊ AMA ALGUMA COISA, DEIXE-A LIVRE, diziam as palavras sob as gaivotas. SE TIVER DE SER, ELA A VOLTARÁ PARA VOCÊ.

A força imaginária em volta do meu pescoço se apertou até quase me sufocar.

— É babaquice, padre D. — gritei ao telefone. — Ouviu? Babaquice.

— Suzannah... — o padre Dominic pareceu espantado.

— NÃO é por isso que Jesse ainda está aqui — gritei. — NÃO É. Jesse e eu somos feitos um para o outro, e se o senhor não consegue ver isso, bem, a porcaria do problema é seu!

Agora o padre Dominic parecia mais do que espantado. Parecia com raiva.

— Suzannah. Não há motivo para usar esse tipo de linguagem...

— Não, não há — concordei. — Especialmente porque não tenho mais nada para dizer ao senhor. — Bati o telefone no gancho. Um segundo depois o enfermeiro do Dr. Slaski apareceu, com cara de preocupado.

— Susan? Você está bem?

— Ótima — respondi, horrorizada ao ver que minhas bochechas estavam úmidas.

Fantástico. Então, além de tudo, eu estava chorando.

— É só — disse o enfermeiro — que ouvi gritos...

— Não é nada. Estou saindo. Não se preocupe.

E saí, sem me despedir do Dr. Slaski. Não tinha mais nada a lhe dizer, como não tinha mais nada a dizer ao padre Dom. Percebi que só havia uma pessoa que poderia impedir Paul de fazer o que eu agora sabia que ele iria fazer.

E essa pessoa era eu.

Claro, reconhecer o fato não é o mesmo que ter um plano para impedi-lo. Foi nisso que tentei pensar enquanto voltava para a escola. Num plano.

Só quando estava entrando no estacionamento dos alunos da Academia da Missão, o que o padre Dominic havia dito realmente começou a entrar na minha cabeça. Paul não tinha nada do Jesse que poderia levá-lo àquela noite terrível em que Jesse havia morrido. Eu tinha quase certeza. Jesse foi assassinado e nunca acharam seu corpo — isso é, até recentemente. Sua própria família acreditou que ele havia fugido para escapar de um casamento não desejado.

O que Paul poderia ter do Jesse para ajudá-lo a voltar ao dia que resultou em sua morte? Nada. Porque as únicas coisas que ainda existiam daquela época eram um retrato miniatura de Jesse — que eu mantinha em segurança em casa — e algumas cartas escritas à noiva dele. Mas estas estavam em exposição no museu da Sociedade Histórica de Carmel.

Não havia nada de Jesse que Paul pudesse usar contra ele. Ou melhor, para salvá-lo. Nada. Jesse estava em segurança.

O que significava que eu estava em segurança.

Mas o alívio que senti foi curto. Ah, não o meu alívio com relação a Jesse. Esse permaneceu. Foi quando estava tentando me esgueirar para dentro da escola que meu equilíbrio recém-restaurado se abalou de novo. Só que desta vez não foi pelo Paul. Não. Foi a irmã Ernestine que despedaçou meu senso de calma duramente adquirido, no momento em que eu estava tentando me misturar aos colegas que iam para a próxima aula, fingindo que estava com eles o tempo todo.

— Suzannah Simon! — A voz aguda da vice-diretora fez vários pombos que estavam empoleirados nos galhos acima voarem assustados. — Venha à minha sala imediatamente!

Meu meio-irmão mais novo, David, por acaso estava ali perto. Quando ouviu a ordem da freira, empalideceu visivelmente... o que era um feito para ele, de tão pálido que já era, porque era ruivo.

— Suze — perguntou ele, parecendo meio doido. E por que não? Em geral quando me encresco não é por mero atraso. Não. Com frequência tem mais a ver com destruição de propriedade... e em geral alguém termina inconsciente, se não morto. — O que você fez agora?

— Não se preocupe — respondi meio sem graça por ter sido apanhada num crime tão pequeno quanto matar aula. Eu estava realmente perdendo o jeito.

Acompanhei a irmã Ernestine até a sala dela que, diferentemente da do padre Dominic, não tem nenhum prêmio de ensino nas prateleiras.

Ninguém consideraria a irmã Ernestine uma educadora exemplar. Ela é uma disciplinadora, pura e simplesmente.

Acho que me livreii com facilidade. Ela havia notado que sumi durante a aula de religião, que eu deveria ter logo depois do almoço. Falei que tive uma pequena emergência médica e precisei ir à farmácia, de novo invocando a “maré vermelha” na esperança de que ela deixasse o assunto de lado. Mas com a irmã Ernestine isso não teve o mesmo efeito provocado em Brad.

— Então deveria ter ido à sala da enfermeira — foi a resposta tensa da irmã.

Pelo meu crime fui condenada a escrever uma redação de mil palavras sobre a importância de cumprir os compromissos. Além do mais ela me mandou ir ao leilão de antiguidades do sábado para ajudar na mesa de vendas de bolos e doces, da oitava série.

No todo, acho que poderia ser bem pior.

Pelo menos foi o que pensei. Antes de esbarrar em Paul Slater.

Ele estava espreitando atrás de uma das colunas de pedra que sustentam o caminho coberto, motivo pelo qual não o vi quando ia da sala da irmã Ernestine para a aula de trigonometria. Paul saiu das sombras no instante em que eu ia passando depressa.

— A andarilha retorna — disse ele.

Encostei uma das mãos no peito, como se ao fazer isso Obrigasse meu coração, que praticamente havia pulado através das costelas ao vê-lo, a bater normalmente outra vez.

— Por que você tem de fazer isso? — perguntei irritada. — Quase me fez pular fora das calças.

— Eu gostaria. — O sorriso de Paul era decididamente profano, considerando o fato de que estávamos a apenas uns cem metros de uma igreja. — E aí, aonde você foi?

Eu poderia ter mentido, acho. Mas de que adiantaria? Ele ficaria sabendo da verdade assim que chegasse em casa e o enfermeiro de seu avô contasse que eu havia passado lá.

Por isso estendi o queixo e, ignorando a pulsação irregular, fui fundo:

— À sua casa.

As sobrancelhas escuras de Paul baixaram rapidamente enquanto ele franzia a testa.

— À minha casa? Por que foi à minha casa?

— Bater um papo com seu avô.

A careta de desprezo de Paul ficou ainda mais profunda

— Com meu avô? — Ele balançou a cabeça. — Por que, diabos, você iria querer falar com ele? O cara é totalmente gagá.

— Ele não está bem — concordo. — Mas ainda é capaz de ter uma conversa.

— É — disse Paul com ar de zombaria. — Sobre Richard Dawson, talvez.

— Bem, sobre isso — falei, sabendo que o que diria em seguida iria enfurecê-lo, mas também sabendo que realmente não tinha outra opção — e sobre viagem no tempo.

Os olhos de Paul se arregalaram. Como eu havia esperado, choquei-o.

— Viagem no tempo? Você conversou sobre viagem no tempo? Com o vovô gagá?

— Com o Dr. Slaski — corriji. — Sim, conversei.

As duas palavras — “doutor” e “Slaski” — pareceram acertá-lo como socos. Ele certamente pareceu atordoado como se tivesse apanhado.

— Você está... — ele não conseguia encontrar as palavras certas para se expressar. — Você está maluca? — foi o que pareceu conseguir, por fim.

— Não. Nem seu avô. Mas acho que você talvez esteja — continuei, imprudente, sei, mas não me importando mais. Agora que sabia o que ele pretendia.

— Sei que seu avô é Oliver Slaski. Ele mesmo disse.

Paul simplesmente me encarou. Era como se, bem diante de seus olhos, eu estivesse me transformando numa pessoa totalmente diferente da Suze que ele conhecia. E talvez estivesse. Certamente estava com mais raiva dele do que nunca — mais do que da primeira vez em que ele havia tentado se livrar de Jesse. Porque na época ele não sabia o que sem dúvida sabia agora... Que alguma coisa entre Paul e eu...

É, nunca iria acontecer.

— Ele não conversou com você — disse Paul finalmente, os olhos azuis chapados e frios como o Pacífico em novembro. — Ele não fala com ninguém.

— Com você talvez não. Por que deveria, quando você o trata desse jeito... como se ele fosse uma grande inconveniência, um... como é que você o chamou?... Ah, sim. Gagá. Quero dizer, o seu próprio pai mudou de nome, de tanta vergonha que sentia. Mas se você se preocupasse em descobrir, saberia que o Dr. Slaski não está tão acabado quanto você acha... e tem coisas bem interessantes para dizer a seu respeito.

— Tenho certeza — disse Paul com um risinho. — Na verdade tenho quase certeza que posso adivinhar. Sou o filho de Satã. Não presto. E você deveria ficar longe de mim. Mais ou menos isso?

— Praticamente. E, considerando que você planeja viajar ao passado e impedir Jesse de morrer, eu diria que ele está cem por cento correto.

Diante disso a expressão chapada abandonou seus olhos — mas não a frieza. Ele até sorriu um pouco, mas apenas com metade da boca.

— Então você finalmente deduziu, não é? Demorou bastante...

Mas não deixei que ele terminasse. Dei um passo até meu rosto estar a centímetros abaixo do dele, e disse com a maior ferocidade que pude:

— Bem, agora deduzi. E só posso dizer que, se pensa que o fato de eu e Jesse nunca nos conhecermos vai mudar meus sentimentos com relação a você, está sonhando.

Paul pareceu magoado. Mas eu sabia que era fingimento. Porque Paul não tem sentimentos. Principalmente se pretende fazer o que suspeito.

Mas ele estava se esforçando ao máximo para provar que eu estava errada.

— Mas, Suze — disse ele com os olhos azuis arregalados e inocentes. — Só estou fazendo o que você quer. Depois de toda aquela coisa com a Sra. Gutierrez você me deixou pensando... Estou realmente tentando seguir o caminho da retidão. E salvar a vida de Jesse não é a coisa certa a fazer? Quero dizer, se você realmente o ama, deve querer o que é melhor para ele, não é? E ter uma vida longa e feliz não é o melhor para ele?

Pisquei, completamente pega de surpresa pelo modo como ele distorcia tudo.

— Isso não é... eu... — Eu não conseguia encontrar as palavras. Só pude ficar ali gaguejando.

— Tudo bem, Suze. — Paul estendeu a mão para o meu braço. Para me confortar, acho, na hora de necessidade. — Não precisa agradecer. Bom, você não acha melhor nós voltarmos? Não vai querer que a irmã Ernestine encontre você matando aula de novo, não é?

Encarei-o pasma. Nunca havia encontrado alguém tão manipulador como ele... com a exceção, talvez, de meu meio-irmão Brad. Só que Brad não tinha a inteligência de Paul e raramente era capaz de tramar algo mais maligno do que uma festa em casa... e mesmo isso foi destruído pelos policiais.

— Você... você está drogado — consegui gaguejar finalmente — se acha que salvar Jesse naquela noite, na noite em que ele morreu, vai garantir a ele uma vida longa. Quem garante que Diego não vai tentar de novo na noite seguinte? Ou na próxima? O que você vai fazer, ficar em 1850 e virar o guarda-costas de Jesse?

— Se for necessário — disse Paul numa voz enjoativamente doce. — Veja bem, eu faria qualquer coisa, qualquer coisa que fosse necessária, para garantir que Jesse morra pacificamente, durante o sono, na velhice, para que jamais, jamais precise de uma mediadora.

As cores do pátio — o telhado vermelho da Missão, as flores de hibisco rosa, o verde profundo das palmeiras — giravam tontas ao meu redor enquanto as palavras dele se assentavam. Senti um gosto horrível subindo pela garganta.

— Por que está fazendo isso? — Encarei-o horrorizada. — Você deve saber que nunca vai dar certo. Livrar-se de Jesse não me fará gostar de você. Eu não gosto de você desse jeito.

— Não? — perguntou Paul com um sorriso tão frio quanto seu olhar. — Engraçado, eu poderia jurar que na última vez em que nos beijamos você gostou. Pelo menos um pouco. Pelo menos o bastante...

Sua voz ficou no ar, sugestivamente... mas não pude imaginar o que sugeria.

— O bastante para quê?

— O bastante para você pensar em transferir minha alma para fora do corpo e jogar a do Jesse aqui dentro.

Capítulo 8

— Nem se incomode em negar — disse Paul enquanto eu o encarava em absoluto estado de choque. — Sei que é isso que você esteve planejando desde que cometi o erro de falar a respeito. — O calor da mão que ele havia posto no meu braço pareceu me queimar a pele. — Eu salvar a vida de Jesse é mais um golpe preventivo do que qualquer coisa. Porque a verdade é que eu gosto do meu corpo. Não quero abrir mão dele.

Minha boca estava se mexendo — sei que estava porque Paul parecia à espera de algum tipo de resposta.

Só que eu não conseguia emitir nenhum som. Para ver como eu fiquei pasma.

Porque agora finalmente fazia sentido. Aquela acusação que Paul tinha me feito no outro dia, em sua cozinha. Que seus planos para Jesse eram muito mais humanos do que os meus planos para ele. Porque ele estava planejando salvar Jesse, ao passo que eu, aparentemente, estava planejando matá-lo.

Só que, claro, não estou.

Mas para ele isso não parecia importar.

— Tudo bem — garantiu Paul. — Quero dizer, de certa forma é meio lisonjeiro, verdade. Você me achar suficientemente atraente para colocar a alma do seu namorado. Isso prova que, independentemente do que disser, você gosta de mim um pouco. Ou pelo menos gosta de ficar comigo.

— Isso é tão... — encontrei minha voz enfim. Infelizmente saiu como o grito agudo de uma bruxa. Mas não me importei. Só me importava em mostrar como ele estava muito, muito errado — ...tão longe da verdade! Como você pôde ao menos... o que pode ter lhe dado a idéia de que eu...

— Ah, qual é, Suzel! Admita. Comigo a coisa é de verdade. Não diga que quando você está com Jesse não pensa que, por mais que as coisas possam ser aconchegantes entre vocês dois, tudo não passa de ilusão. Não é realmente o coração dele que você ouve batendo no peito. A pele dele não é quente de verdade... Não assim — acrescentou ele, acariciando gentilmente meu braço com o polegar.

Isto é, até que puxei o braço com força e recuei um passo. Ele pareceu perplexo, mas levantou as duas mãos indicando que não me tocaria de novo.

— Epa, tudo bem, Suze. Desculpe. Mas você não pode negar que é verdade que, quando a gente se beija, você não foge, exatamente. Pelo menos não foge logo.

Senti minhas bochechas pegando fogo. De tão envergonhada. Não podia acreditar que ele estivesse puxando esse assunto aqui, na escola, imagine só...

... especialmente considerando que Jesse... sabe? Bem, aqui era a nova área dele. Ele estava sem dúvida em algum lugar perto.

Mas eu não poderia negar o que Paul estava dizendo. Quero dizer, poderia, mas estaria mentindo.

— Claro que gosto quando você me beija — falei, mas praticamente precisei tossir cada palavra, de tão grudadas que estavam na minha garganta. — Você beija bem e sabe disso. — O que mais eu poderia dizer? Era verdade. — Mas isso não significa que eu goste de você.

O que também era verdade.

Mas isso não pareceu incomodar Paul.

— O que prova meu argumento — disse ele, presunçoso — de que você quer meu corpo, mas com a alma de Jesse.

— Acho horrível o que aconteceu com Jesse — falei devagar, referindo-me ao assassinato. — E, certo, não há praticamente nada que eu não fizesse se achasse que poderia trazê-lo de volta à vida. Mas não isso.

— Por quê? — perguntou Paul dando de ombros. — Quero dizer, o que a impede? Como você disse um monte de vezes, eu sou um ser humano repreensível, sem qualidades redentoras... a não ser a capacidade de beijar, pelo jeito. Então por que simplesmente não arrancar minha alma e deixar o perfeitoíssimo Jesse ter uma segunda chance na vida?

A verdade é que eu era mesmo inocente do que ele estava me acusando nenhuma vez havia me ocorrido o que ele insistia que eu vinha tramando há algum tempo. Ah, certo, talvez eu tenha pensado nisso de passagem uma vez ou outra. Mas sempre havia descartado instantaneamente a idéia.

Mas agora — talvez porque ele estivesse me induzindo —, parte de mim parecia se empertigar e dizer: por que não? Paul não merecia todas as coisas ótimas que tinha. Nem mesmo valorizava! Roubava de pessoas

menos afortunadas do que ele, não tratava sua família com nem um pouco de respeito e certamente não tinha sido muito legal comigo... nem com Jesse.

Por que eu não poderia mandar Paul para o grande desconhecido e deixar Jesse com o corpo dele... e com sua vida? Jesse merecia uma segunda chance, e certamente seria um Paul Slater melhor do que Paul jamais havia sido...

Claro que Jesse não gostaria disso. Definitivamente acharia errado roubar a vida que era de Paul por direito, só para que ele tivesse a chance de viver de novo.

E seria estranho olhar para os olhos azuis de Paul e saber que Jesse espiava através deles.

Mas não seria realmente como se eu estivesse matando Paul. Seu corpo ainda estaria vivo. E sua alma estaria... bem, onde a de Jesse estava agora, andando sem objetivo pela Terra, sem idéia do que lhe aconteceria em seguida.

Mas então a sanidade retornou, fria e úmida como a água que borbulhava na fonte no centro do pátio da Missão. E me ouvi respondendo à pergunta de Paul — Então por que simplesmente não arrancar minha alma e deixar o perfeítíssimo Jesse ter uma segunda chance na vida? — com a mesma tranqüilidade com que ele havia feito.

— Ah — falei com sarcasmo —, porque isso seria assassinato, talvez?

Alguns músculos no queixo de Paul se retesaram.

— Homicídio justificável, na melhor das hipóteses — disse ele. — E nós dois sabemos que eu não estaria realmente morto. E mereceria, não é? Pelos meus pecados?

— Talvez — respondi, sentindo-me como acontecia geralmente depois de uma longa sessão com o vídeo de exercícios de kickboxing. Você sabe, com as endorfinas correndo pelas veias. Porque, de certa forma, eu realmente havia acabado de malhar. Só que por acaso era uma malhação emocional. — Mas o fato é que não eu que vou julgar.

— Por quê? Você não parece ter problemas quando se trata de me julgar.

Mas ele não iria me pegar com essa.

— Uma vez seu avô me alertou de que, quando percebeu todas as coisas que nós, mediadores, somos capazes de fazer, cometeu o erro de

pensar que era Deus. E olhe onde isso o levou. Não vou cometer o mesmo erro.

Paul somente piscou para mim. Realmente acho que ele acreditou que eu estava falando sério. Quero dizer, sobre o negócio de transferência de almas. Agora que eu havia tirado todo o vento de suas velas, ele pareceu... bem, tão pasmo quanto eu estivera antes.

— Então veja — falei enquanto ainda tinha a vantagem. — Quanto a todo o seu esquema de voltar no tempo para salvar Jesse? É meio inútil. Porque, para começar, só é possível retornar no tempo se a pessoa que você vai ver quiser sua ajuda... e Jesse, definitivamente, não quer. E, além disso, eu nunca iria roubar seu corpo e dar ao Jesse, Paul. Mas, sabe, você pode continuar contando vantagem achando que eu iria, se isso o deixa feliz.

Percebi um segundo tarde demais que não deveria ter sido tão petulante. Pelo menos não naquele momento. Porque quando tentei passar por ele depois da última fala — até mesmo balançando o cabelo para mostrar o desdém — alguma coisa dentro de Paul começou a estalar. A próxima coisa que percebi foi sua mão saltando e agarrando meu braço num aperto doloroso.

— Ah, não, você não vai — rosnou ele. — Não vai sair com tanta facilidade...

Mas estava errado. Porque um segundo depois a mão do Paul havia sido arrancada de mim e seu braço estava às suas costas no que parecia ser uma posição bem dolorosa.

— Ninguém nunca lhe ensinou — disse Jesse numa voz meio divertida — que um cavalheiro jamais encosta a mão numa dama?

O que achei meio engraçado, considerando onde Jesse havia posto a mão dele na última vez em que eu o tinha visto. Mas achei melhor deixar isso de lado.

— Jesse. Estou bem — disse eu. — Pode soltá-lo.

Mas Jesse não afrouxou o aperto. Se alguém tivesse passando por perto, teria visto Paul curvado num ângulo esquisito, o rosto branco de dor. Porque, claro, só ele e eu podíamos ver o fantasma que o estava segurando.

— Eu não ia fazer nada com ela — insistiu Paul numa voz estrangulada — Juro!

Jesse me olhou pedindo confirmação.

— Ele machucou você, Suzannah?

Balancei a cabeça.

— Estou bem.

Jesse segurou Paul por mais um ou dois segundos — acho que só para provar que podia —, depois soltou, tão de repente que Paul perdeu o equilíbrio e caiu de quatro nas lajes de pedra do piso da passagem coberta.

— Você não precisava chamá-lo — disse Paul com dignidade ferida.

— Não chamei. — E estava dizendo a verdade.

— Ela não precisou — explicou Jesse, indo se encostar numa das colunas da passagem. Em seguida cruzou os braços diante do peito e olhou para o Paul inexpressivamente enquanto ele se levantava e espanava as roupas.

— O que foi, você sentiu uma perturbação na Força ou algo assim? — perguntou Paul, irritado.

— Algo assim. — Jesse olhou de Paul para mim, e depois de volta. — Está acontecendo alguma coisa de que eu deva saber?

— Não — respondi depressa. Depressa demais, talvez, já que uma das sobrancelhas de Jesse — a que tinha a cicatriz atravessando — subiu interrogativamente.

Para minha fúria, Paul explodiu numa gargalhada cheia de escárnio.

— Ah, sim — disse ele. — Vocês dois têm um grande relacionamento. É fantástico ver como são honestos um com o outro.

Jesse estreitou os olhos na direção de Paul. Isso fez que parte de seu riso secasse, sem que Jesse ao menos precisasse dizer uma palavra.

Então Jesse voltou o olhar penetrante para mim.

— Não é nada — falei depressa, de repente me sentindo meio em pânico. — Paul só estava... só estava pensando em fazer uma coisa com você. Mas mudou de idéia. Não foi, Paul?

— Na verdade, não — respondeu Paul. — Ei, tenho uma idéia. Vamos perguntar ao Jesse o que ele quer, certo? Diga, Jesse, o que você acharia se eu dissesse que posso...

— Não — interrompi, ofegante. De repente estava ficando muito difícil respirar. — Paul, isso não é necessário. Jesse, não vai...

— Ora, Suze — disse Paul, como se tivesse falando com uma criança de três anos. — Vamos deixar o Jesse decidir. Jesse, e se eu dissesse que, além de todas as outras coisas maravilhosas que nós, mediadores,

podemos fazer, também pudéssemos viajar no tempo? E se eu me oferecesse generosamente para voltar ao seu tempo, à noite em que você morreu, e salvar sua vida? O que você diria?

O olhar de Jesse não abandonou o rosto de Paul e sua expressão não se afastou do desdém. Nem por um segundo.

— Eu diria que você é um mentiroso — foi a resposta de Jesse, numa calma sobrenatural.

— Bom, achei que você talvez dissesse isso. — Paul tinha a lábia e a autoconfiança de um mascate oferecendo a mercadoria. — Mas estou aqui para dizer que é a mais pura verdade. Pense bem, Jesse. Você não teria de morrer naquela noite. Posso voltar no tempo e alertá-lo. Bem, você não vai me conhecer, claro, mas acho que se eu lhe contar, ao você do passado, que vim do futuro e que você vai morrer se não fizer o que digo, você vai acreditar.

— Você acha? — perguntou Jesse na mesma voz mortalmente calma. — Pois eu não.

Isso abalou Paul por um ou dois segundos, tempo em que minha respiração voltou a ficar fácil. Meu coração inchou de afeto pelo homem encostado na coluna de pedra ao lado. Eu não deveria ter me preocupado em esconder isso de Jesse. Entre a vida e eu, Jesse jamais escolheria a vida. Nunca. Ele me ama demais.

Ou pelo menos foi o que pensei, antes que Paul começasse de novo seu papo de vendedor.

— Acho que você não entende o que estou dizendo. — Paul balançou a cabeça. — Estou falando em lhe dar de volta sua vida, Jesse. Nada dessa coisa de ficar andando numa espécie de semi-vida por 150 anos, vendo as pessoas que você ama envelhecerem e morrerem, uma a uma. De jeito nenhum. Você vai viver. Até a velhice madura, se eu puder... você sabe, me livrar do tal de Diego que matou você. Como pode dizer não a uma oferta dessas?

— Assim — disse Jesse em voz inexpressiva: — Não.

Issol!, pensei num jorro de alegria. Issol!

Paul piscou. Uma vez. Duas.

— Não seja idiota. Estou oferecendo uma chance de viver de novo. Viver. O que você vai fazer, ficar por aqui pelo resto da eternidade? Vai ver Suze ficar velha — ele apontou o dedo para mim — e acabar virando pó, como aconteceu com sua família? Você não se lembra da

sensação? Quer passar por tudo aquilo outra vez? Quer que ela sacrifique uma vida normal: casamento, filhos, netos, só para estar com você, quando você nem pode sustentá-la, nem pode...

— Paul, pare com isso — ordenei porque podia ver o rosto de Jesse ficando mais inexpressivo a cada palavra.

Mas Paul não havia terminado. Nem de longe.

— Você acha que está fazendo algum favor a ela ficando por aqui? Cara, você só está impedindo que ela tenha uma vida normal...

— Pare com isso! — gritei para Paul enquanto segurava o braço de Jesse.

Então as duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. A primeira foi que as portas das salas de aula subitamente se abriram ao nosso redor e os alunos começaram a sair pela passagem coberta, trocando de salas para a aula seguinte.

A outra foi que eu segurei os braços de Jesse com as duas mãos e, olhando ansiosa em seu rosto, falei:

— Não escute o que ele diz. Por favor. Não me importo com isso de casamento e filhos. Só quero você.

Mas era tarde demais. Dava para ver que era tarde demais. Parte do que Paul havia dito já estava começando a penetrar na mente de Jesse. A expressão dele estava perturbada, e ele parecia incapaz de me encarar.

— Sério — falei, dando-lhe um safanão frustrado. — Não preste atenção em nenhuma palavra que ele diz!

— Ah, olá, Suze. — A voz de Kelly Prescott se ergueu acima do barulho dos armários e das conversas. — Costuma falar muito com a parede?

Olhei por cima do ombro e vi que ela estava parada com o resto das Nazistas Dolce e Gabbana, rindo de mim. Eu sabia, claro, o que elas estavam vendo. Eu de mãos levantadas, segurando apenas o ar e falando com uma coluna da passagem.

Como se eu já não tivesse reputação de doida suficiente. Agora parecia mesmo pirando de vez.

Mas quando virei a cabeça de novo para dizer a Jesse que terminariamos a conversa mais tarde, vi que era tarde demais. Ele havia desaparecido.

Baixei as mãos e me virei para Paul, que continuava ali, ao mesmo tempo com raiva, na defensiva e satisfeito consigo mesmo.

— Muito obrigada — disse a ele.

— Nem precisa agradecer. — Ele se afastou, assobiando sozinho.

Capítulo 9

— Isso contém trigo? — perguntou uma mulher pequenina com corte de cabelo em estilo chinês e enormes óculos escuros enquanto segurava um cookie de chocolate.

— Tem — respondi.

— E isso? — Ela segurou um brownie.

— Tem.

— E isso? — Um bolo de casamento mexicano.

— Tem.

— Você está dizendo — perguntou ela ultrajada — que todos esses doces têm trigo?

Baixei a cadeira. Eu a estivera inclinando de puro tédio, para ver até onde poderia me reclinar sem cair.

— Porque Tyler não come trigo — continuou a mulher, a mão indo aninhar o rosto bochechudo de um menino ao lado. Os olhos azuis dele piscaram para mim, passando pelas unhas perfeitamente manicuradas da mãe. — Estou criando meu filho numa dieta sem glúten.

— Experimente uma dessas — falei, apontando para algumas barras de limão.

— Tem derivado de leite nela? — perguntou a mulher, cheia de suspeitas. — Porque a dieta de Tyler também é sem lactose.

— Sem lactose nem glúten, garanto — disse eu.

A mulher me passou um dólar e eu lhe entreguei uma das barras de limão. Ela entregou uma a Tyler que inspecionou, mordeu... e me deu um sorriso ofuscante — o primeiro do dia, sem dúvida — enquanto a mãe segurava sua mão e o levava para longe. Ao lado, Shannon, minha colega na mesa de bolos e doces, estava pasma.

— Tem trigo e derivados de leite naquelas barras de limão — disse ela.

— Sei disso. — E balancei a cadeira para trás de novo. — Senti pena do menino.

— Mas...

— Ela não disse que ele era alérgico. Só disse que estava criando-o sem essas coisas. Coitado.

— Suu-uuze — disse a garota da oitava série, dando múltiplas sílabas ao meu nome. — Você é tão maneira! Seu irmão Dave disse que você era maneira, mas eu não acreditei.

— Ah, sou maneira sim — garanti. Era estranho ouvir alguém chamar David de “Dave”. Para mim ele era tão David!

— Você é mesmo — disse Shannon com perfeita seriedade.

Pois é. Era típico da história da minha vida ficar presa numa venda de doces da escola enquanto o resto do mundo curtia um sábado perfeito. O céu estava tão azul e sem nuvens que era quase doloroso de olhar. A temperatura pairava em extremamente confortáveis 21 graus. Um lindo dia para a praia ou um cappuccino num café ao ar livre, ou mesmo só para passear.

E onde eu estava? É, cuidando da mesa de bolos e doces da oitava série no leilão de antigüidades da Missão.

— Não acreditei quando a irmã Ernestine disse que você ia ajudar na barraca — estava dizendo Shannon. Eu havia descoberto que Shannon não era tímida. Gostava de falar. Muito. — Quero dizer, você sendo da décima primeira série e coisa e tal. E, você sabe, tão maneira.

Maneira. É, certo.

Eu não esperava que tanta gente viesse ao leilão. Ah, claro, alguns pais, ansiosos para parecer que se importavam com a escola dos filhos. Mas não, você sabe, hordas de ansiosos colecionadores de antigüidades.

Mas era exatamente quem estava ali. Havia gente em toda parte, gente que eu nunca tinha visto, todo mundo andando, olhando os itens que seriam leiloados e sussurrando uns com os outros, cheios de conspiração. Ocasionalmente um deles parava na nossa barraca e trocava um dólar por um Rice Krisples ou algo assim. Mas principalmente estavam de olho no prêmio... Neste caso, uma horrorosa gaiola de vime ou algum velho relógio do Mickey Mouse, um globo de neve com a ponte Golden Gate ou alguma coisa igualmente sem grife.

O leilão começou tarde porque o monsenhor deveria ser o leiloeiro. Como ainda estava em coma em São Francisco, parece que houve alguns telefonemas frenéticos dado pela irmã Ernestine, procurando alguém digno de substituí-lo.

Você pode imaginar minha surpresa quando ela subiu no tablado no fim do pátio e anunciou ao microfone, diante de todos os muitos colecionadores de antigüidades reunidos, que, na ausência do monsenhor,

o leilão seria feito por ninguém mais, ninguém menos, que Andy Ackerman, conhecido apresentador de um programa de concertos domésticos na TV a cabo...

...e meu padrasto.

Vi Andy subir no tablado acenando com modéstia e parecendo perplexo diante de todos os aplausos que recebeu. Sem saber se poderia haver um mico maior do que esse, comecei a afundar na cadeira...

Ah, mas espera, havia um mico maior do que meu padrasto fazer o leilão de antigüidades da escola. Também havia o fato de que a maior parte dos aplausos que ele recebia era de uma mulher na primeira fila.

Minha mãe.

— Ei — disse Shannon. — Aquele não é...

— É — interrompi. — É, sim.

Alguns minutos depois o leilão começou, com Andy fazendo uma boa imitação daqueles leiloeiros que a gente vê na televisão, os que falam realmente depressa. Estava indicando uma medonha cadeira de plástico laranja, declarando que era uma “autêntica Eames” e perguntando se alguém daria cem dólares por ela.

Cem dólares? Eu não trocava um Rice Krispies por aquilo.

Mas imagine só, havia pessoas na platéia levantando suas placas, e logo a cadeira foi vendida por 350 pratas! E ninguém reclamou que ela era um lixo.

Sem dúvida a irmã Ernestine havia deixado claro para a platéia como a escola precisava repavimentar a quadra de basquete, porque as pessoas estavam jogando dinheiro fora nas peças de lixo mais sem valor do mundo: vi Pru, a tia de Cee Cee, e meu professor, o Sr. Walden, apostando um contra o outro para comprar um abajur hediondo. Tia Pru finalmente ganhou — por 175 pratas — depois foi até o Sr. Walden, aparentemente para cantar vantagem. Só que alguns minutos depois eu os vi tomando limonada juntos e escutei os dois rindo e dizendo que iriam compartilhar a custódia do abajur, como se fosse uma criança num acordo de divórcio. Observando isso, Shannon disse:

— Ah, não é lindinho?

Só que não era, nem um pouco. Não é nem um pouco lindinho quando a tia esquisitona da sua melhor amiga e um professor fazem uma conexão amorosa — e você não consegue que o cara de quem você goste

ligue para você, porque, ah... adivinha só, ele é um fantasma e não tem telefone.

Não que, se Jesse ligasse, eu teria grande coisa a dizer. O que diria? Ah, é: por sinal, Paul quer viajar no tempo e fazer com que você nunca tenha morrido. Mas eu planejo impedir. Porque quero que você fique andando pelo mundo dos mortos durante cento e cinquenta anos para que a gente possa se beijar no carro da minha mãe. Certo? Tchou.

Além do mais, não é que isso vá acontecer. Quero dizer, Paul voltar no tempo. Porque ele não tem a tal da âncora da qual seu avô falou. A coisa para ancorá-lo à noite em que Jesse morreu.

Pelo menos era o que eu estava dizendo a mim mesma — para me tranquilizar — até que Andy levantou a fivela de prata que Brad havia encontrado quando limpava o sótão. Quando ele a encontrou — enfiada entre as tábuas do piso sob a janela do sótão — era uma coisa manchada, velha e cheia de crostas, para a qual eu mal olhei duas vezes. Andy jogou-a na caixa onde estava escrito LEILÃO DA MISSÃO, e eu não pensei de novo nela.

Quando Andy a ergueu, agora, vi a fivela brilhar ao sol da tarde. Alguém a tinha lavado e polido. E agora Andy estava falando que era um artefato de quando nossa casa era o único hotel da área — um mode chique de dizer que na verdade havia sido uma pensão — e que a Sociedade História de Carmel avaliava a idade do objeto em cerca de 150 anos.

Praticamente da mesma época em que meu namorado havia morrido.

— Quanto vou receber por essa fivela de prata esterlina? — perguntou Andy. — Uma verdadeira peça de artesanato antigo. Olhem o detalhe ornamentado D em relevo.

Shannon, sentada ao meu lado, disse de repente:

— Seu irmão já falou sobre mim? Quero dizer, o Dave.

Eu estava preguiçosamente olhando meu padrasto. O sol batia meio forte, e era difícil pensar em qualquer coisa além de que eu queria estar na praia.

— Não sei — respondi. Claro que podia entender a dor de Shannon. Ela sentia uma paixonite por um cara. Só queria saber se estava perdendo tempo ou não.

Como meia-irmã do objeto de seus afetos, entretanto, eu só conseguia pensar em... argh. Além disso, David é novo demais para ter namorada.

— Um dos membros da sociedade histórica, não pense que não estou vendo você aí, Bob — continuou Andy, risonho — chegou a sugerir que esta fivela pode ter pertencido a alguém do clã Diego, uma família muito antiga e muito respeitável que se estabeleceu nesta área há quase duzentos anos.

Respeitado é o meu traseiro. Os Diego — ou pelo menos os fantasmas dos dois membros da família que eu tive o infortúnio de conhecer — tinham sido ladrões e assassinos.

— Acredito que por esse motivo, e não somente por causa de sua beleza intrincada — continuou Andy —, esta peça será tremendamente procurada por colecionadores algum dia... e, quem sabe, talvez até mesmo hoje!

— David realmente não fala muito de garotas em casa — disse eu a Shannon. — Pelo menos não comigo.

— Ah. — Shannon pareceu frustrada. — Mas você acha... bem, você acha que se Dave tivesse uma garota, ela seria, você sabe, alguém como eu?

— Vamos começar em cem dólares os lances para esta bela peça de joalheria antiga — disse Andy. — Cem dólares. Certo, temos cem. Que tal 125? Alguém dá 125?

Pensei no que Shannon havia perguntado. David, com namorada? O mais novo dos meus meios-irmãos. Eu não podia visualizar David com uma namorada tanto quanto não podia visualizá-lo atrás do volante de um carro ou mesmo jogando futebol. Simplesmente não é esse tipo de cara.

— Trezentos e cinqüenta — ouvi Andy dizer. — Escutei 350?

Mas acho que um dia David dirigiria um carro. Quero dizer, eu poderia dirigir agora, e houve um tempo em que toda a minha família se desesperava com a idéia de isso acontecer. Fazia sentido que algum dia David tivesse 16 anos e fizesse as mesmas coisas que seus irmãos mais velhos, Jake e Brad, e eu estávamos fazendo... Você sabe, dirigir. Ter aula de trigonometria. Ficar com pessoas do sexo oposto.

— Minha nossa, Bob — disse Andy ao microfone. — Você não estava brincando quando disse que achava que essa peça seria importante

para o nosso leilão de hoje, estava? Tenho setecentos dólares. Alguém... Certo, 750. Ouvi 800?

— Claro — falei a Shannon. — Quero dizer, por que David não gostaria de você? Quero dizer, se ele gostasse mais de alguém do que dos outros. Não estou dizendo que ele goste. Que eu saiba.

— Verdade? — Shannon parecia preocupada. — Porque David é muito inteligente. E acho que ele provavelmente só gosta de garotas inteligentes. Mas não estou indo muito bem em matemática.

— Tenho certeza que David não iria se importar com isso — respondi, mesmo não tendo nenhuma certeza. — Desde, que, sabe, você seja uma pessoa legal.

— Verdade? — Shannon ficou toda vermelha. — Acha mesmo?

Meu Deus o que foi que eu disse?

Felizmente, naquele momento, Andy baixou com força seu martelo de leiloeiro e distraiu Shannon gritando:

— Vendida por 1.100 dólares?

— Uau — disse Shannon. — É muito dinheiro.

Ela não era a única chocada. Houve um zumbido perplexo na multidão. Mil e cem dólares era o máximo que qualquer item do leilão havia rendido até agora. Estiquei o pescoço para ver que tipo de idiota tinha tanto dinheiro para queimar numa peça de lixo e fiquei meio espantada ao ver que Andy continuava segurando a fivela que Jake havia encontrado no sótão...

...e que Paul Slater, imagine só, estava atravessando a multidão para pegá-la.

Fiquei olhando enquanto Paul, parecendo satisfeito, apertava a mão de Andy, pegava a fivela e abria o talão de cheques. Que otário, pensei. Quero dizer, eu sabia que Paul era esquisito há muito tempo. Mas jogar fora seu dinheiro ganho com dificuldade — bem, não com tanta dificuldade, porque eu sabia que ele estava usando a verba roubada dos Gutierrez — para pagar um lixo daquele... Bem, era simplesmente insano.

Não fazia nenhum sentido. Por que Paul Slater gastaria 1.100 pratas numa fivela velha e arreventada... mesmo que tivesse sido polida e que sua linhagem pudesse ser traçada até o dono original, alguém do clã Diego?

E então, como se alguém tivesse baixado o martelo de leiloeiro de Andy na minha cabeça, finalmente me fazendo entender, tudo ficou claro.

E comecei a sentir que iria vomitar todos aqueles bolos e doces que vinha engolindo disfarçadamente pelas costas da irmã Ernestine. Acho que isso deve ter aparecido no meu rosto, porque de repente Shannon respirou fundo e disse:

— Você está bem?

— Uma barra de limão ruim — respondi. — Já volto. — Fiquei de pé e me afastei depressa da mesa de bolos, rodeei a parte de trás das filas de cadeiras dobráveis e fui pelo corredor, na direção do tablado onde Paul estava pegando seu butim.

Mas antes que pudesse chegar perto dele, alguém me segurou pelo braço.

Meu coração estava batendo tão depressa por causa de todo o negócio de Paul tentar impedir meu namorado de morrer que quase dei um pulo, tamanho o susto.

Mas era apenas minha mãe.

— Suzie, querida — disse ela, sorrindo beatificamente para Andy atrás do pódio. — Não é divertido? Andy não está ótimo?

— Ah. É, mãe.

— Ele leva jeito mesmo, não é?

Ela está tão apaixonada pelo cara! É totalmente grotesco. Tipo de um modo legal, acho. Mas mesmo assim grotesco.

— É. Olha, eu preciso...

Mas eu não deveria ter me preocupado. Porque Paul me encontrou.

— Suze — disse ele descendo a escada do tablado. Cheguei tarde demais. A transação fora completada. Em sua mão estava a fivela. — Que bom encontrar você aqui!

— Preciso falar com você — disse eu, mais intensamente do que pretendia, porque minha mãe e a irmã Ernestine, que estava parada perto com o cheque de Paul ainda quente na mão, se virou para me olhar.

— Suzie, querida — disse minha mãe. — Você está bem?

— Estou — respondi depressa. Será que dava para ver? Será que dava para ver que meu coração estava martelando a mil por minuto e que minha boca havia ficado seca como areia? — Só preciso falar com o Paul rapidamente.

— E quem está cuidando da mesa de bolos? — perguntou a irmã Ernestine.

— Shannon tem tudo sob controle — respondi, pegando o braço de Paul. Ele estava nos olhando (a minha mãe, a irmã Ernestine e eu) com um sorriso ligeiramente irônico, como se tudo que estivéssemos falando fosse muitíssimo divertido.

— Bem, não a deixe sozinha muito tempo — disse a irmã Ernestine severamente. Dava para ver que não era isso que ela queria dizer, mas era o máximo a que se dispunha na frente da minha mãe.

— Não vou deixar, irmã.

E então arrastei Paul para longe do tablado e das cadeiras dobráveis, para trás de uma das mesas onde estava o resto das coisas que seriam leiloadas.

— O que você acha que está fazendo? — sibilei para ele no instante em que ficamos a uma distância segura para não sermos ouvidos.

— Ora, ei, Suze — disse ele como se ainda estivesse achando muita coisa divertida na situação. — É um prazer ver você também.

— Corta essa. — Era meio difícil falar com a boca tão seca e coisa e tal, mas eu não iria desistir. — Para que você comprou essa fivela?

— Isso? — Paul abriu a mão e eu vi a prata brilhar ao sol por um segundo antes que os dedos se fechassem de novo. — Ah, não sei. Só achei bonita.

— Bonita a ponto de valer 1.100 dólares? — Encarei-o esperando que ele não visse o quanto eu estava tremendo. Qual é, Paul, não sou idiota. Sei por que você comprou isso.

— Verdade? — O riso de Paul era mais enfurecedor do que nunca. — Esclareça.

— Só que não vai funcionar. — Agora meu coração estava martelando nas costelas, mas eu sabia que não tinha volta. — O sobrenome de Jesse é Silva. Com S, e não com D. Essa fivela não é dele.

Eu havia esperado que essa notícia apagasse o sorriso insuportável da cara de Paul.

— Sei que a fivela não era de Jesse — disse ele com calma. — Mas alguma coisa, Suze? Ou posso ir agora?

Encarei-o. Podia sentir a pulsação diminuindo de velocidade, e o rugido que havia dominado meus ouvidos desde que percebi que ele era o dono da fivela desapareceu de repente. Pela primeira vez em vários minutos pude respirar. Antes só havia conseguido respirações curtas.

— Então... então você sabe — falei, sentindo-me ridiculamente aliviada. — Sabe que não vai poder usar isso para... para voltar no tempo e salvar Jesse.

— Claro — disse Paul, o sorriso se alargando mais do que nunca. — Porque vou usá-la para voltar no tempo e impedir o assassino de Jesse. Até mais, Suze.

Capítulo 10

Diego. Felix Diego, o homem que havia matado Jesse porque a noiva de Jesse, a maligna Maria, pediu. Ela queria se casar com Diego, traficante de escravos e mercenário, e não com o homem que seu pai havia escolhido, seu (eca) primo Jesse.

Mas Jesse não conseguiu chegar ao casamento. Porque foi morto quando ia para lá. Foi morto por Felix Diego, mas ninguém na época ficou sabendo. Seu corpo nunca foi encontrado. As pessoas — até os familiares de Jesse — presumiram que ele preferiu fugir a se casar com uma garota que ele não amava e que não o amava. Maria acabou se casando com Felix, e os dois tiveram um monte de filhos que mais tarde também viraram assassinos e ladrões.

E, há não muito tempo, os dois tinham me feito uma visitinha, em nome de Paul. Ele havia conhecido o fantasma de Diego. Na verdade, Paul o invocara.

Agora Paul iria impedir Diego de matar Jesse... provavelmente matando o próprio Diego. Para os deslocadores é fácil matar pessoas. Só precisamos retirar a alma de seus corpos, acompanhá-las até a estação espiritual onde seu destino — qualquer que seja, céu, inferno, próxima vida — era decidido, e bum! na Terra outra morte sem explicação, outro corpo no necrotério.

Ou, no caso de Diego, o depósito de gelo, já que não havia necrotérios na Califórnia por volta de 1850.

Só que isso não aconteceria assim. Eu não iria deixar. Ah, claro, Diego merecia morrer. Era a escória do mundo. Tinha matado meu namorado, afinal de contas.

Mas se Diego morresse isso significava que Jesse não morreria.

E eu nunca iria conhecê-lo.

Eu sabia, claro, que não poderia impedir Paul sozinho — a não ser matando-o. Precisava de ajuda.

Felizmente sabia onde encontrar. Assim que o leilão terminou e a irmã Ernestine dispensou Shannon e eu com um curto “Podem ir agora”, me candidatei a usar o carro de mamãe, que ela me permitiu graciosamente pegar emprestado pelo dia, por conta de eu ter “me oferecido como

voluntária” para ajudar a Missão. Paul havia saído um segundo depois de soltar sua bomba sobre impedir Felix Diego. Eu não tinha como saber para onde ele havia ido.

Mas tinha uma boa idéia de quem poderia saber.

Quando entrei na Scenic Drive o sol estava começando a se pôr, pintando o céu a oeste num laranja queimado profundo deixando o mar da cor de chamas. As janelas das caras residências litorâneas por onde eu passava refletiam a luz do sol poente, de modo que não dava para ver dentro delas.

Mas eu sabia que por trás dos vidros brilhantes famílias se acomodavam para o jantar... famílias como a minha. Eu iria me encenar tremendamente pelo que estava fazendo... não por tentar impedir Paul de salvar a vida do meu namorado, mas por faltar ao jantar. Andy é tremendamente rígido com o horário das refeições.

Mas que opção eu tinha? Uma vida estava em jogo. E, certo, a vida pertencia a um assassino maligno que merecia morrer. Esse não era o ponto. Paul precisava ser impedido.

E eu só sabia de uma pessoa que talvez ele escutasse.

Mas quando eu cheguei à entrada de veículos dos Slater vi que meu pânico era sem sentido. Não somente o conversível BMW prateado de Paul estava ali, como tinha ao lado um Porsche Boxter vermelho que eu reconheci muito bem.

Eu sabia que nem tão cedo Paul estaria saltando através de dimensões alternativas.

Parei atrás do Boxter e subi correndo a longa escadaria de pedra até a porta da casa moderna, onde me apoiei na campainha. Uma brisa fresca soprava do mar. Inalando-a, quase dava para pensar que tudo estava certo no mundo... Qualquer coisa com um cheiro tão limpo e fresco tinha de ser boa, certo?

Errado. Errado demais. A água na baía de Carmel pode ser traiçoeira, com correntezas perigosas que tinham varrido centenas de pessoas incautas, de férias, para a morte. Era adequado que Paul vivesse apenas a alguns metros de algo tão mortal.

O próprio Paul atendeu à porta. Dava para ver que ele esperava alguma entrega de comida, e não a minha chegada, porque estava com a carteira na mão.

Para seu crédito, quando viu que era eu e não, digamos, meu meio-irmão Jake entregando uma torta do Peninsula Pizza, Paul não perdeu o rebolado. Enfiou a carteira de volta no bolso da calça passada com perfeição e disse com um sorriso lento:

— Suze. A que devo o prazer?

— Não crie esperanças — respondi. Com sorte ele confundiria minha rouquidão súbita com uma despreocupação carrancuda, e não com o que era de fato: medo. — Não vim aqui para ver você.

— Paul? — Uma voz familiar tilintou como pequenos sinos de vento em algum lugar da casa. — Não deixe de pedir aqueles... você sabe. Como é que é o nome? Flocos de pimenta.

Paul olhou por cima do ombro e eu vi Kelly Prescott — descalça, com as alcinhas do vestido Betsey Johnson extremamente exíguo escorregando dos ombros — descendo a escada.

— Ah — disse ela ao ver que era eu, e não uma pizza. — Suze. O que está fazendo aqui?

— Desculpe interromper — respondi, esperando que eles não vissem como meu coração disparava por baixo da conservadora blusa branca que eu havia colocado para aplacar a Irmã Ernestine. — Mas realmente preciso trocar uma palavrinha com o avô de Paul.

— O Vovô Gagá? — Kelly olhou Paul com ar interrogativo. — Você disse que ele não fala!

— Parece que fala — disse Paul, com o sorriso divertido jamais abandonando seu rosto. — Mas só com Suze.

Kely me lançou um olhar de desprezo.

— Nossa, Suze. Não sabia que você curtia gente velha.

— Essa sou eu — respondi com um riso que esperei que não soasse tão nervoso aos ouvidos deles quanto aos meus.

— Amiga dos velhinhos. E então... posso entrar?

Meio que esperava que Paul dissesse não.

Quero dizer, ele tinha de saber por que eu estava ali. Tinha de saber que eu só queria falar com o Dr. Slski para ver se ele sabia algum modo de impedir seu neto de brincar com o passado... e estragar o meu presente.

Mas em vez de parecer com raiva ou até mesmo levemente irritado, Paul escancarou a porta e disse:

— A casa é sua.

Entrei e consegui sorrir para Kelly enquanto passava por ela e subia a escada até o andar principal. Kelly não devolveu o sorriso. Pude ver o motivo quando pisei a sala de estar. A lareira estava acesa e, pela disposição das taças de conhaque na mesinha de centro de vidro cromado, diante do sofá comprido, aparentemente eu havia interrompido um “momento” entre ela e Paul.

Tentei não levar para o lado pessoal o fato de Paul nunca ter aberto o conhaque nem acendido a lareira nas muitas vezes que eu tinha vindo. Afinal de contas tenho dono. Mesmo assim, a coisa toda cheirava a exagero na matança. Kelly era a fim de Paul há tanto tempo que ficaria feliz com carne seca e refresco, quanto mais uma lareira acesa e Courvoisier.

Passei rapidamente pela sala e fui pelo corredor comprido até o quarto do Dr. Slaski. Podia ouvir o canal de programas de auditório no volume máximo. Devia ser um belo acompanhamento para a sessão de “ficagem” de Kelly e Paul. A voz doce de Bob Barker. beijinhos, beijinhos.

Quando cheguei ao quarto do Dr. Slaski parei e bati, só para garantir que não estaria interrompendo um banho de esponja ou algo do tipo. Como ninguém me mandou entrar, fui em frente e empurrei parcialmente a porta. O enfermeiro do Dr. Slaski estava esparramado numa poltrona num canto, no que parecia um merecido cochilo. O próprio Dr. Slaski, meio sentado em sua cama hospitalar, também parecia cochilar.

Odiei acordá-lo, claro, mas que opção havia? Será que eu estava errada em pensar que ele gostaria de saber que seu neto pensava em mexer no curso da história, algo que ele próprio me avisou que era extremamente perigoso?

— Dr. Slaski? — sussurrei, já que não queria acordar o enfermeiro também. — Dr. Slaski? Está acordado? Sou eu, Suze. Suze Simon. Tenho uma coisa realmente importante que preciso perguntar.

O Dr. Slaski abriu um dos olhos e me espiou.

— É melhor que seja uma coisa boa — chiou ele. Sua respiração não parecia normal.

— Não é. — garanti — Quero dizer, não é uma boa notícia. É sobre Paul.

O Dr. Slaski olhou para o teto.

— Por que será que não estou surpreso?

— É só — falei, sentando-me na cadeira ao lado da cama — que descobri por que Paul quer voltar no tempo.

As pálpebras do Dr. Slaski se abriram um pouco mais.

— Para salvar a humanidade das atrocidades de Stálin?

— Ah... Não. Para impedir meu namorado de morrer.

O avô de Paul piscou os olhos remelentos para mim.

— E isso é ruim porque...?

— Porque se Paul voltar no tempo e salvar Jesse — sussurrei para que o enfermeiro não ouvisse — eu nunca vou conhecê-lo!

— Paul?

— Não. — Eu não conseguia acreditar nisso — Jesse!

O Dr. Slaski lambeu os lábios rachados.

— Porque — chiou ele — Jesse está...

— Morto, certo? — Lancei um olhar cauteloso para o enfermeiro que continuava cochilando. — Jesse está morto. Meu namorado é um fantasma.

Lentamente o Dr. Slaski fechou os olhos e suspirou.

— Não tenho paciência para isso. Não estou me sentindo muito bem hoje.

— Dr. Slaski! — Inclinei-me adiante e cutuquei seu braço. — Por favor o senhor tem de me ajudar. Diga ao Paul que ele não pode fazer isso. Diga que não pode brincar com a viagem no tempo, como o senhor me disse. Diga que é perigoso, que ele vai acabar como o senhor. Diga alguma coisa, qualquer coisa, Mas tem de impedir isso, antes que ele arruíne minha vida!

De olhos ainda fechados o Dr. Slaski balançou a cabeça devagar, de um lado para outro.

— Você procurou a pessoa errada. Não posso controlar aquele garoto. Nunca pude. Nunca poderei.

— Mas pode tentar, Dr. Slaski — exclamei — Por favor, o senhor precisa! Se ele salvar Jesse... se tiver sucesso...

— Seu coração ficará partido. — O Dr. Slaski havia aberto os olhos e estava me espiando. — Sua vida vai acabar.

— É!

— Quantos anos você tem? Quinze? Dezesesseis? Realmente acha que sua vida vai acabar se um garoto por quem você tem uma paixãoite... nem mesmo é um garoto, é um fantasma!... desaparecer? No ano que vem você não vai se lembrar dele.

— Não é verdade — sibilei entre os dentes. — O que Jesse e eu temos... é uma coisa especial. Paul sabe. Por isso está tentando arruinar.

O Dr. Slaski pareceu interessado nisso.

— Está? — perguntou com um pouco mais de animação. — E por que você acha que ele iria querer fazer isso?

— Porque... — fiquei sem graça em admitir, mas que opção eu tinha? Respirei fundo. — Porque ele acha que nós deveríamos ficar juntos. Ele e eu. Porque somos mediadores.

Um sorriso lendo se espalhou nos lábios secos e manchados do Dr. Slaski.

— Deslocadores — corrigiu ele.

— Deslocadores. Tanto faz. Dr. Slaski, isso não é certo, e o senhor sabe.

— Pelo contrário — disse o Dr. Slaski com uma tosse encatarrada. — Provavelmente é a coisa mais inteligente que esse garoto já fez. É romântica. Quase me faz ter fé nele.

— Dr. Slaski!

— O que há de errado nisso? — O Dr. Slaski me encarou. — Parece que ele está fazendo um favor a você. Ou ao namorado, pelo menos. Você acha que esse tal de Jessup...

— Jesse.

— Você acha que esse tal de Jesse gosta de ser fantasma? Ficar por aí pela eternidade, olhando você viver sua vida, enquanto ele paira ao fundo, nunca envelhecendo, nunca sentindo uma brisa do oceano no rosto, nunca provando de novo uma torta de amoras. É esse o tipo de vida que você quer para ele? Se for verdade você deve amá-lo muito.

Senti o calor subindo nas bochechas.

— Claro que não é isso que eu quero para ele — disse com intensidade. — Mas se a alternativa for nunca conhecê-lo... bem, também não quero isso. E ele também não quereria!

— Mas você não perguntou, perguntou?

— Bem, eu...

— Perguntou?

— Bem — Olhei para baixo, incapaz de encará-lo. — Não. Não, não perguntei.

— Foi o que pensei. E também sei o motivo. Você tem medo do que ele diria. Tem medo de que ele dissesse que preferia viver.

Levantei a cabeça rapidamente.

— Não é verdade!

— É sim, e você sabe. Você tem medo que çe diga que preferiria viver o resto da vida como deveria, sem ter conhecido você...

— Tem de haver outro modo! — exclamei. — Não pode ser simplesmente uma coisa ou outra. Paul disse algo sobre transferência de almas...

— Ah — disse o Dr. Slaski. — Mas para isso você precisaria de um corpo disponível para tomar a alma que você quer transferir.

Pensei sombriamente em Paul.

— Acho que eu conheço um — falei.

Como se tivesse lido meus pensamentos, o Dr. Slaski disse:

— Mas você não fará isso.

Levantei as sobrancelhas.

— Não?

— Não — disse ele. Sua voz estava começando a ficar cada vez mais fraca. — Não fará. Ele faria. Se achasse que isso lhe rendesse o que deseja. Mas você, não. Você não é assim.

— Sou — disse com a maior ferocidade que pude.

Mas o Dr. Slaski só balançou a cabeça de novo.

— Você não é como ele. Ou como eu. Não precisa se chatear com isso. É uma coisa boa. Você vai viver mais.

— Talvez — falei com lágrimas enchendo os olhos enquanto olhava para minhas mãos. — Mas de que adiantaria, se eu não estiver feliz?

O Dr. Slaski não falou nada por um tempo. Sua respiração havia ficado tão áspera que depois de uns dois minutos comecei a achar que ele estava roncando e levantei a cabeça, temendo que ele tivesse caído no sono.

Mas não tinha. Seu olhar continuava firme em mim.

— Você ama esse rapaz? — perguntou finalmente.

— Jesse? — Assenti, incapaz de falar mais.

— Há uma coisa que você pode fazer — chiou ele. — Eu mesmo nunca tentei, mas ouvi que pode ser feito. Não recomendo, claro. Provavelmente vai colocá-la numa sepultura antes do tempo, como eu estarei logo.

Inclinei-me para frente na cadeira.

— O que é? — perguntei ansiosa. — Diga, por favor, eu faria qualquer coisa... qualquer coisa!

— Quer dizer, qualquer coisa que não implique matar alguém — disse o Dr. Slaski, e teve um ataque de tosse no qual pareceu demorar séculos para se recuperar. Por fim, recostando-se na cama, depois dos horríveis espasmos que sacudiam seu corpo, ele chiou: — Quando você voltar...

— Voltar? Quer dizer, no tempo?

Ele não respondeu. Só olhou o teto.

— Dr. Slaski? Voltar no tempo? É isso que o senhor quis dizer?

Mas o Dr. Slaski não terminou a frase. Porque na metade dela seu queixo ficou frouxo, os olhos se fecharam e ele caiu no sono.

Ou pelo menos foi o que presumi.

Não dava para acreditar. Ele ia me dar uma dica realmente valiosa sobre como salvar Jesse, e de repente seu Excedrin PM faz efeito? Que negócio é esse?

Toquei a mão dele, esperando que isso pudesse acordá-lo.

— Dr. Slaski? — chamei um pouco mais alto. Como ele continuou sem responder, entrei em pânico.

— Dr. Slaski? — gritei — Dr. Slaski, acorde!

Meu grito fez o enfermeiro que roncava retornar à consciência. Imediatamente ele estava fora da poltrona, gritando:

— O quê? O que foi?

— Não sei — gaguejei. — Ele... não quer acordar.

Os dedos do enfermeiro passaram rapidamente sobre o corpo do avô de Paul, tentando sentir a pulsação, ajustando o equipamento intravenoso...

A próxima coisa que percebi foi que ele havia montado em cima do velho e estava dando socos em seu peito.

— Ligue para o 911 — gritou para mim.

Só fiquei ali parada, sem entender.

— Ele estava falando comigo — disse eu. — Nós estávamos tendo uma conversa perfeitamente normal. Quero dizer, ele estava tossindo um bocado, mas... mas parecia legal. E de repente...

O enfermeiro teve que repetir:

— Ligue para o 911! Chame uma ambulância!

Só então notei que havia um telefone ali mesmo no quarto. Peguei e digitei. Quando a telefonista atendeu, falei que precisávamos de um ambulância e dei o endereço.

Enquanto isso, atrás de mim, o enfermeiro havia posto uma máscara de oxigênio sobre o rosto do Dr. Slaski e estava enchendo uma seringa com alguma coisa.

— Não entendo — ficava dizendo o enfermeiro. — Ele estava bem, há uma hora. Estava bem!

Eu também não entendia. A não ser que o Dr. Slaski estivesse muito mais doente do que havia dado a entender.

Não parecia haver muita coisa que eu pudesse fazer para ajudar, por isso achei melhor contar a Paul que seu avô havia tido algum tipo de ataque. Voltei à sala a tempo de ver Kelly sentada junto de Paul no sofá, as pernas sobre as dele como se fosse uma colcha, enfiando a língua na boca dele... Uma visão que eu pagaria para não presenciar.

— A-hã — fiz do corredor.

Kelly afastou o rosto do de Paul e me olhou acidamente.

— O que você quer? — perguntou. Dada sua animosidade com relação a mim, seria difícil supor que no momento éramos a presidente e a vice-presidente de nossa turma e tínhamos de trabalhar todo dia (bem, uma vez por semana) juntas para decidir questões importantes como onde fazer um passeio escolar e que tipo de flores encomendar para o Baile de Primavera.

Ignorando Kelly, falei:

— Paul, parece que seu avô está tendo um ataque cardíaco ou algo assim.

Paul me espiou com olhos semicerrados. Essa Kelly sem dúvida tinha alguma força sugadora.

— O quê? — perguntou ele estupidamente.

— Seu avô. — Levante a mão para afastar o cabelo do rosto. Esperava que ele não notasse como meus dedos tremiam. — Uma ambulância está vindo. Ele teve um ataque, sei lá.

Paul não pareceu surpreso.

— Ah — disse numa voz meio desapontada... porém mais como se estivesse incomodado com a interrupção da sessão com Kelly do que porque seu avô, pelo que sabíamos, podia estar morrendo.

— Não saia daí — disse Paul e começou a se desemaranhar das pernas de Kelly.

— Paul — gritou Kelly. Ela conseguiu dar duas sílabas ao nome dele, de modo que soou como Pou-uôl.

— Desculpe, Kel — disse Paul, dando um tapinha bem humorado num dos tornozelos dela. — O Vovô Gagá teve uma overdose de remédios de novo. Preciso cuidar das coisas.

Kelly fez beicinho.

— Mas a pizza ainda nem chegou!

— Vamos ter de adiar, neném — disse ele.

Neném. Estremeci.

Então percebi o que ele havia dito. Enquanto Paul passava por mim para ir ao quarto do avô, segurei se braço.

— Como assim, ele teve uma overdose de remédios? — sibilei.

— Ah — disse Paul, me olhando com um meio sorriso. — Porque foi isso que aconteceu.

— Como você sabe? Você ainda nem viu como ele está!

— Ah — disse ele, com o sorriso ficando mais largo. — Porque talvez eu tenha ajudado isso a acontecer.

Baixei a mão como se a pele de Paul tivesse irrompido subitamente em chamas.

— Você fez isso? — Não dava para acreditar no que estava escutando.

Mas deveria. Realmente deveria. Porque era Paul.

— Pelo amor de Deus, Paul. Por quê?

— Eu sabia que você viria falar com ele depois do que aconteceu hoje no leilão — respondeu, dando de ombros. — E, francamente, eu não precisava dos incômodos do velho. Agora se me der licença...

Ele foi andando despreocupadamente pelo corredor, na direção do quarto do avô. Fiquei olhando, não acreditando bem no que tinha acabado de ouvir..

E no entanto...

No entanto fazia sentido. Era Paul, afinal de contas. Paul um cara cuja moral era mais do que ligeiramente defeituosa. Entorpecida, voltei à sala, onde Kelly estava calçando os sapatos e guinchando ao celular.

— Não, estou dizendo: ela entrou com tudo aqui, exigindo saber o que eu estava fazendo com o namorado dela. Bem, certo, ela não falou

exatamente assim. Inventou alguma história que queria falar com o avô de Paul. É, eu sei, aquele que não fala. Eu sei, já ouviu uma desculpa mais esfarrapada? Depois... — Levantando a cabeça, Kelly me viu. — Ah, desculpe, Deb, preciso ir. Ligo pra você depois. — Ela desligou e ficou ali parada, me olhando furiosa. — Obrigada por estragar o que poderia ser uma noite muito legal — disse finalmente.

Fiquei tentada a contar a verdade — que eu não tinha estragado nada. Era Paul que aparentemente havia exagerado na medicação do avô. Pelo menos era no que ele parecia querer que eu acreditasse.

Mas de que adiantaria? Ela não acreditaria mesmo.

— Desculpe — foi tudo o que falei, e fui para a porta.

Mas quando a abri vi o Jake, meu meio-irmão, ali parado, e segurando uma caixa de pizza.

— Peninsula Pizza, são 27,90... — sua voz ficou no ar quando ele me reconheceu. — Suze? O que está fazendo aqui?

— Indo embora.

— Ah, bem, é melhor ir mesmo. — Jake olhou o relógio. — Vai se atrasar para o jantar. Papai vai matar você.

Mais uma coisa com que me preocupar.

— Kelly — gritei para cima. — Sua pizza chegou! — Ao Jake, falei: — Espero que você tenha se lembrado dos flocos de pimenta.

E saí.

Capítulo 11

Por causa do leilão, Andy se atrasou para colocar o jantar na mesa, por isso acabei chegando em casa bem na hora. Mas minha mãe não entendeu por que eu fiquei tão quieta durante a refeição. Achou que eu devia ter apanhado sol demais na mesa de bolos e doces.

— A Irmã Ernestine devia pelo menos ter dado uma sombrinha a vocês — Disse enquanto cortava o filé de porco que Andy havia preparado. — Aquela menina com quem você estava sentada... Como era mesmo o nome dela?

— Shannon.

Só que não fui eu que respondi. Foi David.

— É, Shannon. — disse minha mãe. — Ela é ruiva, como David. Tanto sol assim pode ser prejudicial para os ruivos. Espero que ela tenha usado filtro solar.

Meio esperei que David fizesse um dos seus comentários usuais — você sabe, a estatística exata de incidentes de câncer de pele nas alunas da oitava série no norte da Califórnia, ou algo assim. A cabeça dele viva cheia de todo o tipo de informações inúteis como essas. Em vez disso apenas remexeu o purê de batatas no prato até que Brad, que havia acabado com o seu próprio purê, além do que restava na tigela, disse:

— Cara, você vai comer isso ou vai ficar brincando? Porque, se não quiser, me dá.

— David — disse Andy. — Coma o que está no seu prato. — David pegou uma colherada de purê e comeu.

O olhar de Brad saltou imediatamente para o meu prato. Mas a expressão esperançosa desapareceu ao ver como meu prato estava limpo. Não, claro, que eu tivesse vontade de comer. De jeito nenhum.

Mas eu tinha Max, o cão/triturador de lixo, ao lado, e havia me especializado em passar para ele o que não conseguia engolir.

— Podem me dar licença? — pedi. — Acho que talvez eu tenha pegado sol demais...

— É a vez de Suze colocar os pratos na lavadora. — declarou Brad.

— Não é não. — Eu não conseguia acreditar naquilo. Esse pessoal não percebia que eu tinha coisas muito mais importantes do que me preocupar com tarefas domésticas? Precisava garantir que meu namorado morresse, como deveria. — Fiz isso na semana passada.

— Na-na-não. — disse Brad. — Você e Jake trocaram de semana, lembra? Porque ele teve de trabalhar no turno do jantar essa semana.

Como isso era indiscutivelmente verdade — eu mesma tinha visto a prova na casa de Paul — não podia mais discutir.

— Ótimo. — falei, empurrando a cadeira para trás, quase atropelando Max, e me levantando. — Eu faço.

— Obrigada, Suzie — disse minha mãe com um sorriso enquanto eu pegava seu prato.

Minha resposta não foi exatamente graciosa. Murmurei:

— É isso aí.

E fui para a cozinha com os pratos de todo mundo e com Max atrás de mim. Ele adora quando eu cuido dos pratos, porque simplesmente raspo tudo em sua tigela, em vez de jogar no compactador de lixo.

Mas naquela noite Max e eu não estávamos sozinhos na cozinha.

Mesmo que eu não tenha notado mais ninguém imediatamente, soube que havia alguma coisa quando Max subitamente levantou a cabeça da tigela e fugiu, com a comida ainda pela metade e o rabo entre as pernas. Só uma coisa tinha o poder fazer Max largar carne de porco sem ser comida: um visitante do além.

Que se materializou um segundo depois.

— Olá, menina — disse ele. — Como vão as coisas?

Não gritei nem nada. Simplesmente joguei detergente na panela que Andy havia usado para cozinhar as batatas e depois a enchi com água quente.

— Bela noção de tempo, papai. Só veio dizer olá ou alguém, na rede de boatos de fantasmas, alertou você sobre minha extrema angústia?

Ele sorriu. Não parecia diferente do dia em que havia morrido... Nem das dezenas de vezes em que tinha me visitado desde então. Ainda usava a camisa com que havia morrido — a camisa com a qual dormi durante tantos anos.

— Ouvi dizer que você estava tendo algumas... questõezinhas — disse meu pai. Esse é o problema dos fantasmas. Quando não estão assombrando pessoas ficam lá no plano espectral fazendo fofoca. Papai

havia até conhecido Jesse... Uma perspectiva que eu achava aterrorizante demais para ao menos imaginar, algumas vezes.

E, claro, quando você está morto... bem... não há muita coisa para fazer. Eu sabia que meu pai passava boa parte do tempo livre basicamente me espionando.

— Já faz um tempo que a gente não bate um papo. — disse papai olhando a cozinha ao redor com apreciação. Seu olhar pousou na porta de vidro deslizante e notou a mini-piscina lá fora. Assobiou com apreciação. — Isso é novo.

— Andy montou — respondi. Eu comecei a cuidar da bandeja de vidro em que Andy havia assado o porco.

— Tem alguma coisa que esse cara não consiga fazer? — perguntou meu pai. Mas sei que ele só estava sendo sarcástico. Meu pai não gosta de Andy. Pelo menos não muito.

— Não. Andy é um homem de muitos talentos. E eu não sei o que você tem viu, ou ouviu, mas estou bem, papai. Verdade.

— E eu não esperaria de você não estivesse. — Meu pai olhou mais atentamente as bancadas da cozinha. — Isso é granito de verdade? Ou imitação?

— Papai. — Quase joguei a toalha nele. — Pare de embromar e diga o que veio dizer. Porque se é o que acho que você veio falar, não tem trato.

— E o que você acha que é? — perguntou papai, cruzando os braços e se encostando na bancada.

— Não vou deixar que ele faça isso, papai. Não vou.

Meu pai suspirou. Não porque estivesse triste. Suspirou de felicidade. Em vida, tinha sido advogado. Na morte, ainda gostava de uma boa discussão.

— Jesse tem direito a outra chance — disse ele. — Eu sei. Você sabe.

— Se ele não morrer — falei atacando a panela de batata com mais energia do que era estritamente necessário. — Nunca vou conhecê-lo. O mesmo com relação a você.

Papai levantou as sobrancelhas.

— O mesmo com... ah, quer dizer que pensou em me salvar? — Ele pareceu satisfeito. — Suze, é a coisa mais doce que você já me disse.

Foi a conta. Só aquelas pequenas 11 palavras. De repente alguma coisa dentro de mim começou a se romper e um segundo depois eu estava soluçando nos braços dele... só que em silêncio, para que mais ninguém em casa pudesse ouvir.

— Ah, pai. — chorei na camisa dele. — Não sei o que fazer. Quero trazer você de volta. Quero, de verdade.

Papai acariciou meu cabelo e disse na voz mais gentil que se poderia imaginar:

— Eu sei. Eu sei que você quer, menina.

Isso só me fez chorar ainda mais. — Mas se eu salvar você — engasguei. — Nunca vou conhecer ele.

— Eu sei. — disse meu pai de novo. — Susie, eu sei.

— O que eu deveria fazer, pai? — perguntei, levantando a cabeça de seu peito e tentando me controlar. Sua camisa já estava praticamente ensopada. — Eu estou tão confusa. Me ajude. Por favor.

— Suzie. — Papai riu, ainda empurrando carinhosamente meu cabelo para trás. — Nunca pensei que veria o dia em que você, logo você, admitiria que precisa de ajuda. Em especial ajuda minha.

Usei um punho enxugar as lágrimas que ainda escorriam pelo rosto.

— Claro que preciso de você, pai. — sussurrei. — Sempre precisei de você. Sempre vou precisar.

— Disso não sei. — Agora, em vez de acariciar meu cabelo, meu pai o desgrenhou. — Mas sei de uma coisa. Esse negócio de se deslocar no tempo. É perigoso?

Funguei

— Bem. É.

— E você realmente acha — continuou papai, com a pele ao redor dos olhos se franzindo. — que eu deixaria minha menininha arriscar sua vida para salvar a minha?

— Mas, pai...

— Não, Suze. — As rugas se aprofundaram e dava para ver que ele estava falando sério como eu não via há muito tempo. — Não para mim. Eu daria tudo para viver de novo. — E agora vi que, junto com as rugas, também havia umidade ali. — Mas não se isso implicar que alguma coisa ruim aconteça com você.

Encarei-o, os olhos tão brilhantes de lágrimas quanto os dele.

— Ah, pai. — falei, incapaz de disfarçar a garganta embargada.

Ele pôs a mão dos dois lados do meu rosto molhado.

— E eu não pretendo falar pelo Jesse. — disse ele inclinando minha cabeça para nos encararmos. — Mas acho que posso dizer, com segurança, que ele não vai gostar da idéia de você arriscar sua vida para salvar a dele, assim como eu não. Conhecendo-o, de fato, ele provavelmente vai gostar ainda menos.

Pus as mãos em cima das dele. Então falei:

— Entendo, papai. Verdade, entendo. E não vou voltar por sua causa se você realmente não quiser. Mas... mesmo assim não posso deixar que ele faça isso. Quero dizer, Paul.

— Não pode deixar que ele salve a vida do cara que você supostamente ama — disse papai, não parecendo muito feliz em ouvir isso. — Há algo muito errado nesse quadro, Suze.

— Sei, papai, mas eu o amo. O senhor sabe. Não pode pedir que eu fique parada e deixe Paul fazer isso. Se ele tiver sucesso, eu nem vou lembrar que conheci o Jesse.

— Certo. — disse meu pai em tom razoável. — Portando não vai doer.

— Vai. — insisti. — Vai doer, pai. Porque bem no fundo eu vou saber. Vou saber que houve alguém... alguém que eu deveria ter conhecido. Só que nunca vou conhecer. Vou passar a vida inteira esperando que ele apareça, e nunca vai aparecer. Que tipo de vida é essa, pai, hein? Que tipo de vida é essa?

— E que tipo de vida — perguntou meu pai gentilmente. — Jesse deve ter durante toda a eternidade como um fantasma, em especial se algo der errado e você terminar morta, como ele?

— Então — falei com uma débil tentativa de humor. — pelo menos vamos poder assombrar as pessoas juntos pelo resto da eternidade.

— Com Jesse tendo que viver para sempre com culpa de saber que ele é o motivo de você ter morrido? Acho que não, Suze.

Aí ele me pegou. Encarei-o, incapaz de dizer uma única coisa em resposta.

— Suze, em toda a sua vida — continuou meu pai, não sem simpatia — você tomou as decisões certas. Não necessariamente as mais fáceis. As certas. Não estrague isso agora, quando está diante do que é provavelmente a decisão mais importante que você já teve de tomar.

Abri a boca para dizer que ele estava errado... que eu estava tomando a decisão certa... que estava fazendo o que sabia que Jesse queria...

Só que sabia que não adiantava.

Por isso falei:

— Certo, pai. Mas só há uma coisa que eu não entendo.

Ele assentiu.

— Por que Lost faz tanto sucesso?

— Ah — respondi rindo, mesmo contra a vontade. — Não. Não entendo por que, se você sente isso... que teve uma vida boa e que aprendeu tanto desde que morreu... Se você realmente sente isso, por que ainda está aqui?

— Você deveria saber.

Pisquei.

— Deveria? Como?

— Porque você mesma disse.

— Quando foi que...

— Ah... Suze?

Girei e me vi olhando não para os olhos gentis e castanhos do meu pai, e sim para os ansiosos olhos azuis de David.

— Você está bem? — O rosto pálido de David estava franzido de preocupação. — Você estava... você estava chorando?

— Claro que não — respondi pegando rapidamente um pano de prato, vendo, como vi, que meu pai havia desaparecido, e esfregando as bochechas com ele. — Estou bem. O que foi?

— Ah... — David olhou a cozinha ao redor, arregalado. — Você... não está sozinha?

Afora meu pai, David é o único da família que sabe a verdade a meu respeito... ou pelo menos a maior parte da verdade. Se eu lhe contasse tudo... bem, ele provavelmente poderia enfrentar, com sua mente científica e organizada.

Mas não acho que ele gostaria.

— Agora estou — respondi, sabendo o que David queria dizer.

— Só vim pegar a sobremesa. Papai disse... Papai disse que fez uma torta de frutas.

— Certo. Bem, já acabei aqui. Já vou subir.

Virei-me para ir embora, mas a voz de David — ultimamente ela havia mudado, passado de um guincho para algo profundo no decorrer de alguns meses — me fez parar junto à porta.

— Suze. Tem certeza de que você está bem? Você parece... triste.

— Triste? — Olhei para ele por cima do ombro. — Não estou triste. Bem, não muito triste. Só... tem uma coisa que preciso fazer. — Porque já havia decidido que, apesar das preocupações de meu pai, não desistiria de Jesse por enquanto. Não sem lutar. — Uma coisa que não estou exatamente ansiosa para fazer.

— Ah. — Então o rosto de David se iluminou. — Então faça depressa. Você sabe, como quando a gente arranca um Band-Aid.

Fazer depressa. Eu adoraria. Mas não tinha como saber quando Paul ia viajar de volta no tempo. Pelo que eu sabia, poderia acordar amanhã sem nenhuma lembrança do Jesse.

— Obrigada — disse ao David, conseguindo algo parecido com um sorriso. — Não vou me esquecer disso.

Mas meia hora depois não estava sorrindo, quando finalmente consegui ligar para o padre Dominic — minha última esperança.

O padre Dom não demonstrou exatamente tanta simpatia pelo meu sofrimento quanto eu esperava. Achei que a informação que eu tinha para dar — que Paul havia comprado a fivela de Felix Diego e depois possivelmente havia drogado o próprio avô — provocaria um pouco de indignação justa nele.

Mas os sentimentos do padre Dominic pareciam combinar com os do meu pai. Jesse havia morrido jovem demais, de um modo muito violento. Tinha direito a uma segunda chance na vida. Era moralmente repreensível que eu tentasse impedir isso.

Talvez o padre D. tivesse outros motivos para se sentir animado. O monsenhor havia saído do coma e parecia se recuperar bem.

— Ah — falei, quando o padre D. contou essa notícia supostamente jubilosa. — Fantástico, padre D. Agora, quanto ao Paul..

— Eu não me preocuparia muito com isso, Suzannah. Admito que foi errado o que ele fez com o avô, se realmente fez...

— Ele disse que fez, padre D. — interrompi. — Bem, quase.

— Sim. Bom, vocês dois têm uma tendência a... é... exagerar um pouco a verdade...

— Padre Dom — falei com os dedos apertando o fone. — Eu mesma chamei a ambulância.

— Foi o que você disse. Mesmo assim, Suzannah, para que Paul faça isso... esse negócio de viagem no tempo do qual você falou... pelo que entendi, ele tem de ficar no lugar exato onde a pessoa que ele quer ver já esteve, no tempo exato ao qual ele quer viajar.

— É. E daí? — Geralmente eu não era tão grosseira com o padre Dom, mas temos de admitir que essa era uma circunstância extenuante.

— Então isso não significa que o Paul teria de viajar a partir do seu quarto? — O padre Dominic parecia meio distraído. Porque estava. Estava fazendo a mala para voltar para casa. Planejava voltar a Carmel naquela noite mesmo. Não foi lá que Diego matou Jesse? No seu quarto? É improvável que Paul consiga entrar no seu quarto, Suzannah. Pelo menos sem sua permissão.

Quase larguei o telefone. Não podia acreditar. Não podia acreditar que isso não tivesse me ocorrido antes.

Porque o padre Dominic estava certo. De jeito nenhum Paul iria voltar à noite em que Jesse morreu... a não ser que fizesse uma pequena invasão de propriedade. Porque só assim poderia entrar no meu quarto. Era o único modo.

— Eu não havia pensado nisso — falei com um sentimento crescente de alívio. — Mas o senhor está certo. Ah, meu Deus, o senhor está totalmente certo. Padre Dominic, o senhor é um gênio!

— Ah... Obrigado, Suzannah. Acho. Se bem que, se fosse para fazer a coisa certa, você deveria deixar Paul entrar e Jesse viver a vida naturalmente, como deveria...

— É... — respondi. Eu já conhecia esse sermão, tinha escutado vezes demais. Felizmente uma chamada em espera souou naquele instante. Momento perfeito.

— Epa, é minha outra linha, padre D. Preciso desligar. Vejo o senhor quando tiver voltado.

Desliguei o telefone sentindo-me como não me sentia desde... bem, desde o leilão daquela tarde. Jesse estava salvo. Paul não poderia fazê-lo desaparecer, porque para isso precisaria de acesso ao meu quarto. De que outro modo voltaria a 1850?

Ele precisaria de um lugar onde ficar, algum lugar que tivesse existido em 1850 e também no presente. Algum lugar onde Felix Diego tivesse estado. Aonde ele iria? Ao shopping?

— Alô? — falei, passando para a outra ligação.

— Suze? — Era Cee Cee, parecendo ofegante de empolgação. — Ah, meu Deus, você não vai acreditar no que acabou de acontecer.

— O que foi? — perguntei sem prestar muita atenção. Porque, na verdade, onde mais Paul poderia ir, se não fosse no meu quarto?

— Ele me convidou. — A voz de Cee Cee estava tremendo. — Adam. Adam me convidou para o Baile de Inverno. A gente está no Coffee Clutch, você sabe, tomando cappuccino... a gente ia convidar você, só que você estava no leilão o dia inteiro...

— Ahã.

— ...e ele simplesmente me convidou. Do nada. Tive de sair e ligar para você. Ele ainda está lá dentro. Eu simplesmente... ah, meu Deus. Precisava contar a alguém. Ele me convidou.

Além disso, não é que Paul vá conseguir fazer isso a curto prazo. Quero dizer, voltar no tempo. Principalmente com o avô no hospital.

— É fantástico, Cee Cee — falei ao telefone.

— Acho que devo voltar lá dentro e dizer que sim. Devo dizer que sim, não é? Ou devo bancar a difícil? Não quero que ele me ache ansiosa demais. E é no próximo fim de semana. Tecnicamente ele deveria ter me convidado há um tempão...

De repente me concentrei no que Cee Cee estava falando. E ri.

— Cee Cee. Pirou de vez? Desligue o telefone, entre e diga sim.

— Eu deveria, não é? Só que... puxa, eu vinha esperando isso acontecer há tanto tempo, e agora aconteceu e... bem, simplesmente não consigo acreditar...

— Cee Cee.

— Desligando — disse Cee Cee. E a linha estalou.

Paul e Kelly tinham parecido bem... amigáveis naquele sofá. Talvez ele tivesse desistido. Talvez tivesse superado o negócio do “nós”.

Talvez agora minha vida voltasse ao normal.

Talvez...

Capítulo 12

— Esse é do mesmo diretor que fez Tubarão? — perguntou Jesse.
— Não acredito.

Sábado à noite. Noite de encontro.

E, certo, ainda que tecnicamente Jesse e eu não possamos exatamente sair juntos (como poderíamos?), Jesse vem aqui na maioria das noites de sábado. Certo, não é tão romântico quanto um jantar e um filme. E, certo, nós precisamos fazer bastante silêncio, para que minha família não suspeite que não estou sozinha no quarto.

Mas pelo menos conseguimos ficar juntos.

E, sim, nessa noite de sábado em particular eu tinha muita coisa na cabeça, e nada que eu tivesse intenção de mencionar a Jesse.

Mas isso não significava que não pudéssemos passar algumas horas assistindo a vídeos. Jesse precisava muito se atualizar, em termos de filmes, considerando que eles nem haviam sido inventados quando ele era vivo.

Seu predileto até agora era O Poderoso Chefão. Eu esperava curar essa fraqueza mostrando E.T. Como alguém poderia preferir Don Corleone à Drew Barrymore de seis anos?

Mas Drew mal conseguia atrair a atenção de Jesse.

— Tubarão é muito melhor do que esse — disse ele.

Tubarão é outro dos prediletos de Jesse. E ele nem gosta das partes certas. Gosta da parte em que todos os homens estão mostrando as cicatrizes uns aos outros. Não me pergunte por quê. Acho que é coisa de menino.

Por fim desliguei o E.T. e disse:

— Vamos conversar.

E com isso, claro, queria dizer “Vamos dar uns amassos”.

O que estava funcionando muito bem até que Jesse parou de me beijar num determina ponto e disse:

— Quase esqueci. O que Paul estava fazendo na Missão esta noite? Ele descobriu sua religiosidade?

Isso era tão absurdo que afastei os braços do seu pescoço e disse:

— O quê?

— Seu amigo, Paul — disse Jesse. Eu posso tê-lo soltado, mas ele não queria me soltar. Ainda que isso fosse legal, também distraía um pouco. em especial pelo modo como seus lábios continuavam se movendo sobre os meus. — Eu o vi há pouco na basílica... que estava fechada, veja bem. Por que ele iria lá tão tarde? Paul não parece o cara que estaria pensando numa carreira como sacerdote. A não ser que tenha descoberto a vocação de repente...

Consegui me desgrudar dele.

Bem, se você tivesse sido tomado por um terror ofuscante, teria feito a mesma coisa.

— Suzannah? — Jesse me encarou, a preocupação enchendo seus olhos castanho-escuros onde há apenas alguns segundo havia existido... bem, não preocupação. — Você está bem?

— Ah, meu Deus. — Como posso ter sido tão idiota? Como, como, como? Aqui estava eu, assistindo a filmes... filmes... com meu namorado, sem suspeitar de nada. Pensando que Paul teria de vir aqui, à minha casa, se quisesse viajar de volta ao tempo de Jesse. Pensando que não conseguiria, se não viesse. Pensando que ele nem sonharia em voltar esta noite, com o avô no hospital. Pensando que ele e Kelly estariam juntos agora, então por que me incomodar?

Paul não se importava com o avô. Não se importava com ninguém da família, nunca tinha se importado.

E certamente não se importava com Kelly. Por que deveria? Kelly não o entendia, Kelly não sabia o que ele era de verdade...

E, claro, neste século havia outro marco que tinha existido na época de Jesse. Um lugar onde Felix Diego provavelmente ia com frequência, em sua época.

A Missão. A Missão Junipero Serra, que fora construída por volta de 1700.

— Preciso ir — falei, saltando de pé e mergulhando em busca da jaqueta. Sentia um embrulho no estômago. — Desculpe, Jesse, tenho de...

— Suzannah. — Jesse também estava de pé, segurando meu braço com um aperto que era tão forte quanto suave. Jesse nunca me machucaria. De propósito. — O que é? Que negócio é esse? Por que se importa com o fato de Paul estar na basílica?

— Você não entende — falei. Realmente achava que ia passar mal. De verdade. Isso deve ter aparecido no rosto porque o aperto de Jesse no meu braço ficou de repente muito mais forte...

...ao mesmo tempo em que sua expressão ficava mais séria.

— Experimente me explicar, hermosa — disse ele numa voz que era tão dura quanto o aperto.

E então — não me pergunte como, nem o que eu estava pensando, porque, na verdade, não acho que estivesse — tudo saiu num jorro.

Eu não tinha pretendido contar. Não porque não quisesse perturbá-lo. Meu Deus, nada disso. Não, não queria que ele descobrisse pelo mais egoísta dos motivos: não queria contar por medo de ele concordar com o padre Dominic e com meu pai — e preferir outra chance na vida a uma eternidade como fantasma.

Mas a coisa jorrou. Tudo, desde o que o Dr. Slaski havia me contado até o que o padre Dom tinha dito ao telefone há apenas algumas horas. Era uma enchente furiosa que não podia ser controlada, uma torrente de palavras saindo da boca. Queria enfiá-las de volta na mesma velocidade com que saíam.

Mas era tarde demais. Muitíssimo tarde.

Jesse escutou sem se abalar, não me interrompendo nem mesmo quando contei a parte do meu trato com Paul: nosso acordo secreto em que eu suportava tarde após tarde de quarta-feira em aulas de “mediação” com ele, em troca de não mandar meu namorado para o outro mundo.

— Só que agora ele não quer matar você, Jesse — falei com amargura. — Ele quer salvar você, salvar sua vida. Ele vai voltar no tempo para impedir Felix Diego de matar você. E se fizer isso... se fizer isso...

— Você e eu nunca vamos nos conhecer. — A expressão de Jesse era calma, a voz com sua profundidade normal.

Nunca alguma declaração me pareceu tão arrepiante. Era como uma facada no coração.

— É — falei freneticamente. — Você não vê? Eu tenho de ir lá. Agora. Agora mesmo, e impedir.

— Não, hermosa — respondeu Jesse, ainda naquela voz sem pressa. — Você não pode fazer isso.

Por um segundo o terror que apertava meu coração pareceu comprimi-lo até ele parar. Achei que ia morrer ali mesmo.

Jesse queria viver. Meu pai, o padre Dominic, o Dr. Slaski, Paul... todos estavam certos e eu estava errada, eu. Jesse preferiria viver a ter me encontrado, ter me conhecido...

...ter me amado...

Eu deveria saber, claro. E acho que bem no fundo sabia. Que tipo de pessoa — em especial uma pessoa que tivesse morrido na idade do Jesse, com apenas 20 anos — não iria querer a chance de voltar e reviver, se pudesse? Que tipo de pessoa não estaria disposta a abrir mão de tudo que possuísse em troca dessa chance?

E o que Jesse possuía? Nada. Absolutamente nada. Só eu.

Há muito tempo meu pai me acusou de ser a coisa que estava segurando Jesse, impedindo-o de ir em frente. O padre Dominic também havia dito... que se eu realmente o amasse, deveria deixá-lo livre.

E agora eu sabia. O próprio Jesse preferiria estar livre a ficar comigo.

Meu Deus. Eu tinha sido tão idiota! Tão completamente idiota!

Então Jesse soltou meu braço.

Mas em vez de dizer o que eu esperava — Você não pode ir atrás dele porque eu quero a chance. Quero a chance de viver de novo, se puder — ele disse numa voz que ficou subitamente fria como o vento lá fora:

— Você não pode ir atrás dele. Ele é perigoso demais. Eu vou. Eu vou impedi-lo.

Achei que não tinha escutado direito. Será que ele havia dito... será que ele poderia ter dito... o que pensei que ele disse?

— Jesse. Acho que você não entende. Ele quer salvar você. Impedir que você... que você morra naquela noite.

— Entendo. Entendo que Paul é um idiota que acha que é Deus. Não sei o que o faz achar que tem o direito de brincar com o meu destino. Mas sei que não vai ter sucesso. Não se eu puder impedir.

Minha circulação pareceu voltar subitamente à vida. De súbito eu conseguia respirar de novo. O alívio me lavou em ondas.

Ele queria ficar. Jesse queria ficar. Preferia ficar a viver. Ele preferia ficar — comigo — a viver.

— Você não pode — falei, a voz num tom agudíssimo até mesmo para os meus ouvidos. Era o alívio que eu sentia, me deixando tonta. — Você não pode impedi-lo, Jesse. Paul vai...

— E o que você pretende fazer, Suzannah? — perguntou ele em tom incisivo. E se antes eu não estivesse convencida da sinceridade de seu desejo de permanecer neste lugar e neste tempo, sua voz carrancuda bastaria. — Falar para ele abandonar os planos? Não. É perigoso demais.

Mas o amor havia me dado uma coragem que eu nunca soubera que possuía. Vesti minha jaqueta de motoqueiro e disse:

— Paul não me machucaria, Jesse. Eu sou o motivo para ele estar fazendo isso, lembra?

— Não estou falando do Paul. Estou falando da viagem no tempo. Slaski não disse que é perigoso?

— Disse, mas...

— Então você não vai fazer isso.

— Jesse, não estou com medo...

— Não. — Havia uma expressão nos olhos de Jesse que eu nunca tinha visto. — Eu vou. Você fica aqui. Deixe tudo por minha conta.

— Jesse, não seja...

Mas um segundo depois vi que estava falando com o ar.

Porque Jesse havia sumido.

Eu sabia para onde ele tinha ido, claro. À basílica, trocar uma palavrinha com Paul.

E apostava que essa palavrinha seria acompanhada por um punho.

Também apostava que Jesse chegaria tarde demais. Paul não estaria mais na missão quando Jesse chegasse lá.

Ou melhor, estaria. Mas não na basílica como nós a conhecíamos.

Na verdade só havia uma coisa que eu poderia fazer. E não era, como Jesse havia insistido, deixar tudo por conta dele. Como poderia, quando havia a possibilidade de acordar de manhã sem nenhuma lembrança de Jesse?

Eu sabia o que precisava fazer.

Atravessei o quarto, levantei meu travesseiro e peguei o retrato miniatura de Jesse, o que ele havia dado à antiga namorada, Maria. O que ficava junto de mim, ao dormir, desde que eu o havia roubado... é... ganhado.

Vendo o olhar escuro e confiante de Jesse, fechei os olhos e o visualizei... visualizei Jesse neste mesmo quarto, só que não o quarto com a aparência atual, com uma cama de dossel cheia de babados e o telefone de princesa (obrigada, mamãe).

Não, em vez disso visualizei-o como devia ser há 150 anos. Sem cortinas brancas franzidas sobre a janela saliente. Sem banco de janela cheio de almofadas fofas. Sem tapete no chão de madeira. Sem — eca! — banheiro, mas talvez com um daqueles, como é o nome? Ah, sim, penicos.

Sem carros. Sem celulares. Sem computadores. Sem microondas. Sem geladeiras. Sem televisores. Sem aparelhos de som. Sem aviões. Sem penicilina.

Só grama. Grama, árvores, céu e carroças de madeira, cavalos, terra e...

E abri os olhos.

E estava lá.

Capítulo 13

Era o meu quarto, mas não era.

Onde estivera o dossel, havia uma cama com armação de latão. A cama era coberta por uma colcha de retalhos multicolorida, o tipo de colcha que teria feito minha mãe pirar de vez se visse numa loja de artesanato. Em vez de minha penteadeira com o espelho iluminado, havia uma cômoda com uma jarra e uma tigela.

Não havia nenhum espelho, mas no chão havia um tapete tecido com... bem, um monte de coisas diferentes. Era meio difícil ver direito, porque a única luz era o pouco luar que se derramava pela janela saliente. Não havia interruptor. Tateei procurando-o instintivamente no instante em que abri os olhos diante de tanta escuridão. Onde estivera o interruptor havia apenas madeira.

O que só poderia significar uma coisa.

Eu tinha conseguido.

Uau.

Mas onde estava Jesse? O quarto estava vazio. A cama não parecia ter sido ocupada recentemente.

Será que eu havia chegado tarde demais? Será que Jesse já estava morto? Ou será que eu tinha vindo cedo demais e Jesse ainda não tinha chegado?

Só havia um modo de descobrir. Pus a mão na maçaneta da porta — só que, claro, não havia maçaneta, e sim um trinco — e fui para o corredor.

O corredor estava praticamente numa escuridão de breu. Ali também não havia interruptor de luz. Em vez disso, quando tateei, minha mão tocou uma foto emoldurada, ou algo...

...que imediatamente caiu com um barulhão, se bem que nenhum vidro se quebrou. Não soube o que fazer. Não podia encontrar a coisa que eu havia derrubado, de tão escuro que estava. Por isso continuei a descer a escada, navegando as várias curvas somente de memória, já que não havia luz para me guiar.

Vi a claridade antes de ouvir os passos rápidos se aproximando da base da escada. Alguém se aproximava... alguém segurando uma vela.

Jesse? Poderia ser ele?

Mas quando cheguei à base da escada vi que era uma mulher que vinha em minha direção, segurando não uma vela, mas algum tipo de lampião. A princípio achei que ela devia ser enormemente gorda, e fiquei pensando: meu Deus, o que ela poderia ter comido? Não achei que existissem barras de chocolate na época do Jesse... bem... quero dizer, agora.

Mas então vi que ela estava usando uma espécie de saia balão, e o que eu havia pensado que era gordura eram apenas suas roupas.

— Maria Mãe de Deus — gritou a mulher ao me ver. — De onde você veio?

Achei melhor ignorar a pergunta. Em vez disso perguntei com o máximo de educação que pude:

— Jesse de Silva está aqui?

— O quê? A mulher ergueu o lampião mais alto e me espiou de verdade. — Homessa! — exclamou. — Mas você é uma moça!

— Ah. — Eu achava que isso seria óbvio. Meu cabelo, afinal de contas, é bem comprido, e sempre o uso solto. Além disso, como sempre, estava com rímel. — Sim, senhora. Jesse está aqui? Porque preciso mesmo falar com ele.

Mas, em vez de apreciar minha educação, a mulher apertou os lábios com muita força. A próxima coisa que vi foi que ela estava segurando a porta, abrindo-a e tentando me expulsar.

— Fora — disse ela. — Fora agora mesmo. Você deveria saber que não permitimos gente da sua laia aqui. Esta é uma casa de respeito.

Só fiquei ali parada, boquiaberta. Casa de respeito? Claro que era. Era a MINHA casa.

— Não pretendo causar problema, senhora — falei, já que dava para ver que seria meio esquisito encontrar uma garota estranha andando pela casa da gente... mesmo que fosse uma pensão. Que por acaso me pertencia. Ou pelo menos à minha mãe e seu novo marido. — Mas preciso mesmo falar com Jesse de Silva. Poderia me dizer se ele...

— Que tipo de idiota você acha que sou? — perguntou a mulher, sem muita gentileza. — O Sr. Silva não daria a mínima atenção a uma... criatura como você. Precisa falar com Jesse de Silva, imagine só! Fora! Fora da minha casa!

E então, com uma força surpreendente para uma mulher com saia balão, ela me agarrou pela gola da jaqueta de motoqueiro e me empurrou porta afora.

— Volte para o lixo de onde veio — disse a mulher, e bateu a porta na minha cara.

E não era qualquer porta. Era a minha porta. A minha porta da frente, a da minha casa.

Não dava para acreditar. Pelo que eu fora levada a crer, através de Jesse e daqueles livros da Pequena casa na campina, as coisas no século XIX se resumiam a fazer manteiga e ler alto ao redor da fogueira. Nada de donas malignas expulsando garotas da própria casa.

Chateada, virei-me e comecei a descer os degraus da varanda...

...e quase caí de cara. Porque a escada não ficava onde deveria estar. Ou onde estaria no futuro. E a não ser pelo luar, que nesse momento era bem fraquinho devido a uma nuvem que passava, não havia nenhuma luz para enxergar. Sério, era uma escuridão de dar medo. Não havia a claridade tranqüilizadora das luzes das ruas — eu nem sabia se existia uma rua onde deveria estar a Pine Crest Drive.

E, virando a cabeça, não podia ver luz em nenhuma janela vizinha... pelo que dava para notar, não havia janelas vizinhas. A casa diante da qual eu estava poderia ser a única num raio de quilômetros e quilômetros.

E eu tinha acabado de ser expulsa dela. Estava perdida no ano de 1850 sem nenhum lugar aonde ir e sem ter como chegar lá. A não ser, acho, do modo antigo.

Creio que eu poderia caminhar até a Missão. Aonde Paul supostamente havia ido. Estiquei o pescoço, procurando a familiar cúpula vermelha da basílica, visível da minha varanda da frente, já que ficava empoeirada nas colinas de Carmel.

Mas em vez de ver o Vale de Carmel estendido à minha frente, cheio de luzes piscantes se estendendo até a vasta escuridão do mar, só vi escuridão. Nenhuma luz. Nenhuma cúpula vermelha iluminada para os turistas. Nada.

Porque, percebi, não havia luzes. Ainda não tinham sido inventadas. Pelo menos as lâmpadas elétricas.

Meu Deus. Como alguém podia achar o caminho aqui? O que usam para se orientar, estrelas?

Olhei para verificar a situação das estrelas, imaginando se isso me ajudaria, e quase caí da varanda de novo. Porque havia mais estrelas no céu do que eu jamais tinha visto na vida. A Via Láctea era como uma tira branca no céu, tão luminosa que quase envergonhava a lua, finalmente saindo de trás de algumas nuvens.

Uau. Não era de espantar que Jesse não ficasse impressionado sempre que eu localizava com sucesso a Ursa Maior.

Suspirei. Bem, não havia nada mais que eu pudesse fazer, acho, além de ir andando na direção geral da Missão e ter esperanças de trombar com Paul... ou Jesse... Quero dizer, o Jesse do passado... no caminho.

Tinha acabado de encontrar a saída da varanda — descendo uns degraus de madeira meio arrebitados, diferentes dos de cimento que existem agora... quero dizer, no presente... no meu presente... quando me acertaram. As primeiras gotas de chuva pesadas e frias.

Chuva. Sem brincadeira. Nem bem levantei a cabeça para ver se era chuva mesmo ou alguém esvaziando o penico em cima de mim (eca), do segundo andar, vi as enormes nuvens pretas chegando do oceano. Tinha ficado tão distraída com todas as estrelas que não havia notado.

Fantástico. Viajo mais de um século e meio no tempo e o que recebo em troca de meus esforços? Sou expulsa da minha própria casa e pego chuva. Muita chuva.

Um raio estourou no alto do céu. Alguns segundos depois o trovão ribombou, longo e grave.

Fabuloso. Tempestade de raios. Eu estava presa numa tempestade de 1850 sem ter aonde ir.

Então o vento aumentou, trazendo um cheiro que não consegui identificar imediatamente. Demorei um minuto para lembrar. Então, de repente, lembrei: das minhas idas ocasionais ao Central Park quando morava no Brooklyn.

Cavalos. Havia cavalos por perto.

O que significava que devia existir um celeiro. Que podia ser seco. E que poderia não estar guardado por mulheres de saia balão que me consideravam um lixo.

Baixando a cabeça por causa da chuva que agora caía com mais força, corri na direção do cheiro de cavalo e logo me vi atrás da casa, diante de um enorme celeiro, bem onde Andy tinha dito que iria instalar

uma piscina um dia, depois de todos terminarmos a faculdade e ele poder pagar por isso.

As portas do celeiro estavam fechadas. Corri até lá, rezando para não estarem trancadas...

Não estavam. Abri uma, tendo de fazer força, e entrei no instante em que outro raio riscou o céu e o trovão soou de novo, mais alto desta vez.

Dentro do celeiro pelo menos estava seco. Numa escuridão de piche, mas seco. O cheiro de cavalo era forte — dava para ouvi-los se mexendo inquietos nas baias, espantados pelo trovão — mas o cheiro de outra coisa também era forte. Acho que era feno. Não sendo exatamente uma garota do campo, não podia ter certeza. Mas achei que aquela coisa que estalava e rolava um pouco embaixo das minhas botas podia ser feno.

Bem, era fantástico. Eu tinha vindo salvar a vida do meu namorado... ou melhor, impedir que alguém salvasse... e até agora só havia conseguido enfurecer a senhoria dele.

Ah, e tinha pegado a maior chuva. E encontrado um celeiro.

Perfeito. O Dr. Slaski não estava brincando ao me alertar contra a viagem no tempo. Sem dúvida até agora não havia sido um piquenique.

E quando, um segundo depois, fui torcer o cabelo para tirar a água e senti uma mão pesada no ombro...

Bem, definitivamente eu estava de saco cheio dos meados do século XIX.

Felizmente, para mim, um trovão abafou meu grito. Caso contrário a senhoria — ou pior, o marido, se ela tivesse um — estaria aqui num segundo. E eu provavelmente levaria muito mais do que apenas um tremendo susto.

— Cala a boca! — sussurrou Paul. — Quer que atirem na gente?

Girei. Só podia ver de leve sua figura ali no escuro. Mas bastou para fazer minha pulsação, que estava acelerada, praticamente parar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, esperando que ele não conseguisse ouvir a confusão na minha voz. Eu estava sentindo uma estranha mistura de emoções ao vê-lo: raiva por ele ter chegado antes de mim; medo por ele estar ali; e alívio por ver um rosto familiar.

— O que você acha que estou fazendo? — Paul jogou alguma coisa áspera para mim.

Peguei desajeitadamente.

— O que é isso?

— Uma manta. Para você se enxugar.

Agradecida, joguei a manta nos ombros. Mesmo ainda estando com a jaqueta de motoqueiro, eu tremia por baixo do couro. E acho que não era por causa da chuva.

A manta tinha um cheiro forte de cavalo. Mas não de um modo ruim, acho.

— Então — disse Paul, e entrou na fatia de luz que vinha pela porta ainda aberta do celeiro, de modo que finalmente pude ver seu rosto.

— Você conseguiu.

Funguei arrasada. Tentei não prestar atenção ao fato de que estava com frio, molhada e dentro de um celeiro. No ano de 1850.

— Não acredito que você pensou mesmo que ia se livrar dessa — respondi, feliz por finalmente conseguir controlar o tremor da voz. Os dentes chacoalhando eram outra história. — Achou que eu não tentaria impedir?

Paul deu de ombros.

— Achei que valia tentar. E ainda há uma chance de eu ter sucesso, você sabe, Suze. Ele ainda não chegou.

— Quem? — perguntei idiotamente. Ainda estava tentando deduzir como poderia me livrar de Paul e encontrar Jesse sem que ele notasse.

— Jesse — disse Paul como se eu tivesse deficiência mental. E sabe de uma coisa? Provavelmente tenho. — É um dia antes. Ele chega aqui amanhã.

— Como você sabe? — perguntei, enxugando com as costas do punho o nariz que pingava.

— Falei com aquela mulher. A Sra. O'Neil. A dona da sua casa.

— Ela falou com você? — Não pude esconder a surpresa. — Ela não quis falar comigo. Me expulsou.

— O que você fez, se materializou na frente dela? — perguntou Paul com um riso de zombaria.

— Não. Bem, não exatamente na frente dela.

Paul balançou a cabeça. Mas dava para ver que ele estava rindo um pouco.

— Mas você quase provocou um ataque cardíaco na mulher. O que ela achou da sua roupa?

Olhei para mim mesma. De jeans e casaco de motoqueiro, acho que não lembrava exatamente nenhuma senhorita do século XIX que eu tinha visto nos filmes. Ou, mais importante, em imagens da época.

— Ela disse que sua casa era respeitável e que eu não deveria aparecer aqui — admiti, e fiquei irritada quando Paul riu alto.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. — Mas ele ainda estava rindo.

— Diga.

— Certo. Mas não fique com raiva. Ela achou que você era uma dama da noite.

Encarei-o furiosa.

— Não achou!

— Achou sim. E eu disse para você não ficar com raiva.

— Não estou vestida exatamente como uma dançarina de saloon — observei. — Estou usando calça.

— Esse é o problema. Nenhuma mulher respeitável neste século usa calça comprida. Foi ótimo o Jesse não ter visto. Provavelmente nem querería falar com você.

Já estava totalmente cheia de Paul. Reagi acalorada:

— Falaria sim. Jesse não é desse tipo.

— O Jesse que você conhece. Mas não estamos falando deste, não é? Estamos falando do que nunca conheceu você. Que não ficou parado durante cento e cinquenta anos olhando o mundo passar. Estamos falando do Jesse que está indo para Carmel se casar com a garota dos seus...

— Cale a boca — falei antes que ele pudesse terminar a frase.

O riso de Paul aumentou.

— Desculpe. Bom, ainda temos um bocado que esperar. Não faz sentido passar o tempo discutindo. Venha para o jirau comigo e vamos esperar juntos que essa tempestade passe.

Ele voltou para as sombras e eu ouvi um pé raspar num degrau de madeira. Um dos cavalos relinçou.

— Não fique com medo, Suze — gritou Paul de uma certa altura. — São só cavalos. Não vão morder. Pelo menos se você não chegar perto demais.

Não era por isso que eu estava com medo. Não que fosse admitir uma coisa dessas a ele.

— Acho que vou ficar aqui embaixo — falei para a escuridão de onde sua voz tinha vindo.

— Por mim, ótimo, se você quiser ser apanhada. Só vai tornar meu trabalho mais fácil. O Sr. O'Neil apareceu há pouco tempo, veio verificar os cavalos. Mas tenho certeza de que ele não vai atirar numa garota. Quero dizer, se perceber a tempo que você é uma garota.

Isso me fez ir em direção à escada.

— Odeio você — comentei enquanto começava a subir.

— Não, não odeia — disse Paul na escuridão acima. Pela voz dava para perceber que ele estava rindo de novo. — Mas continue dizendo isso a si mesma, se faz você se sentir melhor.

Capítulo 14

Estava quente no jirau. Quente e seco. E não só por causa de todo o feno. Não. Também porque Paul e eu estávamos sentados perto um do outro — como único objetivo de aquecimento corporal, eu lhe havia informado, quando ele me mostrou o buraco que havia feito na pilha de feno numa das extremidades do jirau.

— Porque não quero morrer de hipotermia — foi o que eu falei, já que a manta de cavalo não parecia resolver o problema. Pelo menos eu tinha parado de bater o queixo. Meu jeans não estava secando tão depressa quanto eu gostaria.

— Vou manter minhas mãos comigo — garantira Paul.

E até agora vinha cumprindo a palavra.

— O que não entendo é o que você está fazendo aqui. — disse eu enquanto a chuva caía lá fora, com clarões de raios ocasionais, se bem que a parte tempestuosa da noite parecesse estar quase acabada. — Não deveria estar procurando Felix Diego? Para impedi-lo?

— É.— Na escuridão do jirau eu só conseguia vislumbrar o perfil de Paul à luz que penetrava nas frestas e buracos da madeira nas paredes do celeiro.

— Então... por que não está fazendo isso? A não ser... — meu sangue esfriou — que você já tenha se encontrado com ele. Mas então por que...

— Relaxa, Simon. Eu não o encontrei. Ainda. Mas nós dois sabemos que ele vai aparecer aqui amanhã, e Jesse também.

Então relaxei. Bem, só um pouco. Paul ainda não havia encontrado Diego. O que significava que ainda havia tempo...

Para fazer o quê? O que eu faria ao encontrar Jesse? Não podia dizer para ele não se hospedar na casa da Sra. O'Neil para não ser morto, porque a verdade é que eu queria que ele fosse morto. De que outro modo iria conhecê-lo? — certo, namorar com ele — no século XXI?

Eu teria de ficar com Paul, só isso. Ficar com o Paul e impedir que ele impedisse Diego. Talvez eu nem visse o Jesse. O que provavelmente seria bom. Porque, se visse, que diabo diria a ele? E se, como a Sra. O'Neil,

ele me confundisse com alguma dançarina de saloon qualquer? Acho que eu não suportaria...

O que me lembrou...

-As pessoas vão notar que nós sumimos? — perguntei. — Quero dizer, no nosso tempo? Ou quando a gente voltar será como se o tempo não tivesse passado?

— Não sei. — Tive a sensação de que Paul estivera tentando dormir quando cheguei. Parecia estar tentando fazer isso de novo e minhas perguntas intermináveis só serviam para irritá-lo. — Por que não perguntou ao meu avô? Vocês dois eram tão íntimos...

— Eu não tive exatamente a chance, tive? — Encarei-o, ou pelo menos tentei, no escuro. Ainda não sabia por que o Dr. Slaski havia me escolhido como confidente, e não o neto. Bem, a não ser pelo fato de que Paul é interesseiro. E ladrão. E, ah, sim, possivelmente o havia drogado de propósito.— Ele não é quem você pensa, Paul — falei, referindo-me ao Dr. Slaski. — Não é seu inimigo. Ele é exatamente como nós.

— Não diga isso. — Subitamente os olhos azuis de Paul se cravaram em mim na escuridão. — Nunca.

— Por quê? Ele é um mediador, Paul. Um deslocador. Provavelmente foi dele que você herdou isso. E sabe muita coisa. E uma coisa que ele sabe que é que, quanto mais a gente brincar com... com nossos poderes... maiores as chances de terminarmos igual a ele...

— Eu disse para você não falar isso — reagiu Paul, rispidamente.

— Mas se você ao menos lhe desse uma chance, em vez de chamá-lo de gagá e o drogar...

Nós não somos como ele, certo? Você e eu. Não somos nem um pouco como ele. Ele era idiota. Tentou contar às pessoas. Tentou dizer às pessoas que os mediadores, deslocadores, tanto faz... que nós existimos. E todo mundo riu dele. Meu pai precisou trocar de nome Suze, porque ninguém o levaria a sério, sabendo que era ligado à alguém que todos chamavam de pirado. Portanto, nunca, nunca, diga que somos como ele ou que vamos acabar como ele. Já sei como eu vou acabar.

Só pisquei para ele.

— Ah, verdade? Como?

— Não como ele — garantiu Paul. — Vou ser como meu pai.

— Seu pai não é mediador — lembrei.

— Quero dizer que vou ser rico como meu pai.

— Como? — perguntei gargalhando. — Roubando das pessoas que você deveria ajudar?

— Lá vem você de novo. — Paul balançou a cabeça. — Quem disse que voê deve ajudar os mortos, Suze? Hein? Quem?

— Você sabe perfeitamente que foi errado pegar aquele dinheiro. Não era seu.

— É. Bem, há mais no lugar de onde ele veio e, diferentemente de você, não tenho problemas morais em pegá-lo. Um dia vou ser rico, Suze. E, diferentemente do Vovô Gagá, estarei no controle.

— Não se matar suas células cerebrais indo para o passado e voltando.

— É, bem. Esta é uma viagem única. Depois disso não devo precisar de novo.

Olhei para seu perfil. Apenas os lados dos nossos corpos estavam se tocando por baixo da manta de cavalo. Mesmo assim Paul irradiava um bocado de calor. Eu estava ficando meio quente por baixo da manta.

Foi então que percebi que o único cara de quem eu tinha ficado tão perto era Jesse, e que calor ele emitia? É, muito disso era imaginação minha. Porque os fantasmas não emitem calor. Nem mesmo para os mediadores. Nem mesmo para as mediadoras que, por acaso, estejam apaixonadas por eles.

— É errado — falei baixinho para Paul enquanto olhava suas pálpebras fechadas. — O que você pretende fazer com o Jesse. Ele não quer isso.

Diante disso, os olhos de Paul se abriram.

— Você contou a ele?

— Ele escutou nós dois falando. E não quer. Não quer que você interfira, Paul. Ele estava indo à Missão impedir, quando eu vim. Paul me olhou por alguns segundos, seu olhos azuis estavam ilegíveis no escuro.

— Você está dormindo com ele? — perguntou, curto e grosso.

Fiquei boquiaberta, sentindo o calor inundar minhas bochechas.

— Claro que não! — Então, percebendo o que havia dito, gaguejei. N... não que seja da sua conta.

Mas, em vez de rir por ter me deixado tão sem graça, como eu esperaria, Paul estava me olhando muito sério.

— Então não entendo — disse ele simplesmente. — Por que ele? Por que não eu?

Ah. Isso.

— Porque ele é honesto. E é gentil. E me coloca na frente de todo o resto...

— Eu também faria isso. Se você me desse uma chance.

— Paul. Se estivéssemos num terremoto ou algo assim, e você tivesse a chance de me salvar arriscando sua vida, você iria se salvar, e não a mim.

— Não! Como pode dizer isso?

— Porque é verdade.

— Mas você está dizendo que o seu Jesse perfeito salvaria você, colocando a própria vida em risco?

— Sim — respondi com certeza absoluta. — Porque já fez isso no passado.

— Não fez, Suze — disse Paul com igual certeza.

— Fez sim, Paul. Você nem sabe...

— Sei sim. Jesse nunca poderia ter arriscado a própria vida para salvar a sua porque durante todo o tempo desde que você o conheceu ele já estava morto. Por isso não arriscou nada, em todas as vezes em que salvou você. Arriscou?

Abri a boca para contradizê-lo, depois percebi que Paul estava certo. Era verdade. Uma versão deturpada dos fatos, mas mesmo assim verdadeira.

— Por que você tem de ser tão amargo com as coisas? — perguntei em vez disso. — Você sempre teve tudo que quis na vida. Só precisava pedir, e a coisa era sua. Mas parece que nunca basta.

— Eu não tive tudo que quis — disse Paul objetivamente. — Se bem que estou trabalhando para corrigir isso.

Balancei a cabeça sabendo o que ele queria dizer.

— Você só me quer porque não pode ter, Paul. E sabe disso. Quero dizer... meu Deus... você tem Kelly. Todos os caras da escola querem ela.

— Todos os caras da escola são idiotas.

Ignorei isso.

— Você estaria muito melhor se simplesmente ficasse feliz com o que tem, Paul, em vez de querer o que nunca terá.

Mas Paul continuou rindo. Rindo e se virando de lado para poder dormir.

— Eu não teria tanta certeza, se fosse você, Suze — disse ele num tom que me pareceu presunçoso demais.

— Você...

— Vá dormir, Suze.

— Mas você...

— Nós temos um dia longo pela frente. Durma.

Espantosamente fiz isso. Quero dizer, dormir. Não esperava que fosse capaz. Mas talvez o Dr. Slaski estivesse certo. Viajar no tempo CANSA a gente. Acho que se não fosse por isso não teria caído no sono... você sabe, com o feno, os cavalos, a chuva e, ah sim, aquele garoto quente mas totalmente moral deitado perto de mim.

Mas pousei a cabeça e em seguida... apaguei.

Acordei com um susto. Nem tinha percebido que havia caído no sono. Mas havia luz passando pelas frestas entre as tábuas das laterais do celeiro. E não era a luz cinzenta do alvorecer. Era uma luz solar plena, revelando que eu havia dormido até bem depois das oito horas...

E ajoelhado diante de mim, estava Paul, com o café-da-manhã.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei sentando-me. Porque nas mãos de Paul estava uma torta. Uma torta inteira. De maçã. Pelo cheiro.

E ainda estava quente.

— Não pergunte — disse ele tirando, imagine só, dois garfos do bolso de trás. — Apenas coma.

— Paul. — Pude ouvir movimento embaixo. Paul estivera falando baixinho. Agora eu sabia por quê.

Não estávamos sozinhos.

Uma voz de homem disse:

— Vem cá. — Parecia estar falando com os cavalos.

— Você roubou isso? — perguntei ao mesmo tempo em que pegava o garfo e ia fundo. A viagem no tempo não deixa a gente apenas sonolenta. Deixa também com fome.

— Mandei não perguntar — disse Paul enquanto também enfiava uma garfada de torta na boca.

Roubada ou não, era boa. Não a melhor que eu já havia comido, mas mesmo assim... não sei se no Velho Oeste eles tinham realmente acesso ao melhor açúcar e coisa e tal.

Mas satisfez os roncões do meu estômago... e logo deixou claro outra necessidade urgente.

Paul pareceu ler meu pensamento.

— Tem uma casinha atrás do celeiro — informou ele.

— Uma o quê?

— Você sabe. — Paul riu. — Cuidado com as aranhas. Pensei que ele estivesse brincando.

Não estava. havia aranhas. Pior, o que eles tinham de usar como papel higiênico na época? Só digamos que hoje aquilo não seria considerado bom para escrever, quanto mais... você sabe... para todo o resto.

Além disso precisei ser rápida, para que ninguém me visse com as roupas do século XXI e fizesse perguntas.

Mas foi difícil porque, assim que saí do celeiro, fiquei atarantada quando vi...

Nada.

Verdade. Nada em todas as direções. Nem casas. Nem telefones públicos. Nem ruas pavimentadas. Nem o Circle K. Nem lanchonete. Nada. Só árvores. E uma trilha de terra que acho que servia como rua.

Mas podia ver a cúpula vermelha da basílica. Lá estava, no vale abaixo de nós, com o mar atrás. Isso, pelo menos, não havia mudado nos últimos 150 anos.

Mas graças a Deus as instalações sanitárias haviam.

Quando me esgueirei de volta ao jirau não havia sinal do Sr. O'Neil. Ele parecia ter levado seus cavalos e ido para sei lá o que os homens como ele faziam o dia inteiro em 1850. Paul estava me esperando com uma expressão estranha.

— O que é? — perguntei, pensando que ele ia me provocar por causa da casinha.

— Nada — foi o que ele disse. — Só... tenho uma surpresa para você.

Pensando que era outra coisa relacionada a comida, se bem que eu estava bem cheia de torta, falei:

— O que é? E não diga que é um Egg McMuffin, porque sei que eles não têm drive-thru aqui.

— Não é.

E então, movendo-se mais rápido do que eu já vira antes, ele tirou outra coisa do bolso de trás — um pedaço de corda. E me agarrou.

Claro, pessoas já me amarraram antes. Mas nunca alguém cuja língua já tivesse entrado na minha boca. Realmente eu não esperava que Paul fizesse algo tão sorrateiro. Salvar a vida do meu namorado para eu nunca conhecê-lo, sim. Mas amarrar minhas mãos às costas?

Nem tanto.

Lutei, claro. Consegui umas boas cotoveladas. Mas não podia gritar, porque não queria que a Sra. O'Neil aparecesse e fosse correndo procurar o xerife ou sei lá o quê. Na cadeia eu não poderia ajudar Jesse.

Mas parece que por enquanto eu não seria de grande ajuda, também.

— acredite — disse Paul enquanto apertava os nós que já estavam praticamente prendendo a minha circulação. — Isso dói muito mais em mim do que em você.

— Não dói. — respondi lutando. Mas era difícil lutar quando eu estava deitada de barriga para baixo no feno e seu joelho comprimindo minhas costas.

— Bem — disse ele, passando a trabalhar nos meus pés agora. — Você está certa, acho. Na verdade não dói nem um pouco em mim. E vai manter você longe de encrenca enquanto encontro Diego.

— Há um lugar especial para pessoas como você, Paul — informei cuspiendo feno. Estava realmente ficando enjoada de feno.

— O reformatório? — perguntou ele em tom leve.

— O inferno.

— Ora, Suze, não seja assim. — Ele terminou de amarrar meus pés. E só para garantir que não me desse na telha, sei lá, rolar para fora do jirau, amarrou a ponta da corda num pilar próximo. — Volto para desamarrar você assim que matar Felix Diego. Depois podemos ir para casa.

— Onde nunca mais vou falar com você — informei.

— Claro que vai — disse Paul, animado. — Você não vai se lembrar de nada disso. Porque não teremos voltado no tempo para salvar Jesse. Porque você nem saberá quem é Jesse.

— Odeio você — falei, desta vez realmente sério.

— Odeia agora — concordou Paul. — Mas não vai odiar quando acordar amanhã na sua cama. Porque, sem Jesse, eu serei a melhor coisa

que já lhe aconteceu. Seremos só você e eu, dois deslocadores contra o mundo. Não será divertido?

— Por que você não vai...

Mas não terminei a frase porque Paul pegou outra coisa no bolso. Um lenço branco e limpo. Tinha me dito uma vez que sempre levava um lenço porque nunca se sabe quando será necessário amordaçar alguém.

— Não ouse! — sibilei.

Mas era tarde demais. Ele enfiou o lenço na minha boca e prendeu com outro pedaço de corda.

Se eu nunca o tivesse odiado antes, odiaria agora. Eu o odiei com todo o meu ser, com cada batida do coração. Em especial quando ele me deu um tapinha na cabeça e disse:

— A gente se vê.

E desapareceu descendo a escada do celeiro.

Capítulo 15

Não sei quanto tempo fiquei deitada assim. O suficiente para começar a me perguntar se poderia simplesmente fechar os olhos e me deslocar para casa. Quem sabia aonde eu chegaria? Em algum lugar do quintas dos fundos. Possivelmente num grande arbusto de sumagre venenoso, já que agora não havia celeiro lá. Mas qualquer coisa seria melhor do que ficar numa posição apertada num jirau de celeiro, com sei lá o que se arrastando pelos cabelos e o sangue bombeando nas têmporas.

Mas um mundo sem Jesse? Porque era isso que eu estava garantindo para mim se desistisse agora. Um mundo sem minha única razão de viver. Bem, mais ou menos. Quero dizer, sei que as mulheres precisam de homens tanto quanto os peixes precisam de bicicletas, e coisa e tal. Só que...

Só que eu o amo.

Não podia fazer isso. Eu era egoísta demais. Não desistiria. Pelo menos por enquanto. Ainda restavam muitas horas de luz do dia, ou pelo menos havia restado quando Paul saiu. Não podia deixar de notar que as sombras estavam ficando mais compridas.

Mesmo assim, se a Sra. O'Neil havia dito a verdade a Paul e Jesse era esperado naquela noite, eu ainda tinha tempo. Paul poderia não encontrar Diego. Poderia ter de voltar sem cumprir a tarefa. E quando fizesse isso e me desamarrasse...

Bem, ele iria aprender um bocado sobre dor, isso era certo. Porque desta vez eu estaria preparada.

Não sei quanto tempo se passou enquanto eu estava ali deitada, tramando a vingança contra Paul Slater. A morte seria boa demais para ele, claro. Uma eternidade como fantasma — flutuando numa boa por esta dimensão e a próxima — era o melhor que poderia acontecer para ele. Dar-lhe um pouquinho do gosto de como havia sido para o Jesse durante todos esses anos. Isso iria lhe ensinar...

E eu poderia fazer. Poderia arrancar a alma do corpo de Paul e fazer com que ele nunca mais voltasse...

...dando o corpo a outra pessoa. A alguém que merecia a chance de viver de novo...

Mas não podia. Sabia que não podia. Não poderia beijar os lábios de Paul, mesmo sabendo que era Jesse quem estava dentro deles me beijando de volta. Era simplesmente... nojento demais.

Foi enquanto estava ali deitada, pensando nisso, que escutei. Um som ao qual meus ouvidos tinham se tornado tão afinados no último ano que eu poderia estar num estádio lotado, a um milhão de cadeiras de distância, e mesmo assim teria ouvido.

A voz de Jesse.

Ele estava chamando alguém. Não pude ouvir o quê, exatamente, estava dizendo. Mas parecia... não sei. Diferente de algum modo.

E estava chegando mais perto. Quero dizer, sua voz.

Ele vinha na direção do celeiro.

Tinha me encontrado. Não sei como — o Dr. Slaski não havia dito nada sobre os fantasmas poderem viajar no tempo. Mas talvez pudesse, como os deslocadores, e Jesse tinha feito isso, tinha voltado no tempo me procurando. Para me salvar. Para me ajudar a salvá-lo.

Fechei os olhos, pensando seu nome com o máximo de intensidade que pude. Isso funcionava com frequência. Jesse iria se materializar na minha frente, imaginando o que, afinal de contas, justificava tanta urgência.

Só que não se materializou. Não desta vez. Abri os olhos e... nada.

Mas ainda podia ouvir sua voz abaixo de mim. Estava dizendo:

— Não, não, está tudo bem, Sra. O'Neil.

Sra. O'Neil. A Sra. O'Neil podia ver Jesse?

A porta do celeiro se abriu. Ouvi um rangido. Então...

Passos.

Mas como Jesse poderia ter passos? Ele era um fantasma.

Retorcendo-me ao máximo em direção à borda do jirau, estiquei o pescoço, tentando ver o que só podia ouvir. Mas a corda que Paul havia usado para amarrar meus pés ao pilar não me deixava me retorcer até mais que um metro da posição original. Mas agora eu podia ouvi-lo, ouvi-lo de verdade. Ele estava falando num tom baixo, tranquilizante com... com...

Com seu cavalo.

Jesse estava falando com um cavalo. Ouvi-o relinchar baixinho em resposta.

E foi então que eu soube finalmente. Este não era o Jesse Fantasma que tinha vindo me resgatar. Era o Jesse Vivo, que nem me

conhecia. Jesse Vivo, que tinha vindo encontrar seu destino no meu quarto esta noite.

Congelei, sentindo câimbras por todo o corpo — e não somente porque estava deitada numa posição tão espremida durante tanto tempo. Precisava vê-lo. Precisava vê-lo. Mas como?

Então ele se mexeu e eu virei a cabeça, seguindo o som...

... e vi, através de uma festa nas tábuas do piso do jirau, uma mancha de cor. Seu cavalo. Era o seu cavalo. Vi as mãos dele se movendo sobre a sela, soltando-a. Era Jesse. Estava bem embaixo de mim. Estava...

Nunca saberei por que fiz o que fiz em seguida. Não queria que Jesse soubesse que eu estava ali. Se ele me encontrasse poderia estragar tudo. Quem sabe, talvez nem mesmo fosse assassinado naquela noite. E então eu nunca iria conhecê-lo.

Mas a ânsia de vê-lo — vivo — era tão forte que sem nem mesmo pensar, bato com os pés no piso do jirau com o máximo de força que pude.

As mãos que se moviam na sela se imobilizaram de repente. Ele havia escutado. Tentei chamá-lo, mas tudo que saiu, graças à mordada de Paul, foi gnhn, gnhm.

Bati os pés com mais força.

— Tem alguém aí? — ouvi Jesse gritar.

Bati de novo.

Desta vez ele não gritou. Começou a subir a escada do jirau. Escutei a madeira gemer sob seu peso.

Seu peso. Jesse tinha peso.

E então vi suas mãos — grandes, morenas, capazes — no degrau de cima da escada, seguidas, um segundo depois, pela cabeça...

O ar congelou nos meus pulmões.

Porque era ele. Era Jesse.

Mas não o Jesse que eu sempre tinha visto. Porque estava vivo. Estava... ali. Estava sólida e inquestionavelmente ali, ocupando o espaço como se fosse dono, como se fosse melhor o espaço sair da frente dele, e não o contrário.

Não estava brilhando. Estava irradiando. Não o brilho espectral que eu estava acostumada a ver ao redor dele, e sim uma aura inegável de saúde e vitalidade. Era como se o Jesse que eu havia conhecido fosse uma réplica pálida — um reflexo — do que eu via agora. Nunca eu tivera tanta

consciência de como seu cabelo escuro se enrolava na nuca morena; o castanho profundo dos olhos; a brancura dos dentes; a força daquelas pernas compridas quando ele se ajoelhou ao meu lado; os tendões nas costas das mãos morenas; os músculos nos braços nus...

— Moça?

E a voz. A voz! Tão profunda que parecia reverberar na minha coluna. Era a voz de Jesse, mesmo, mas subitamente estava em estéreo, em surround, em THX, em...

— Moça? Você está bem?

Jesse estava me olhando, os olhos escuros cheios de preocupação. Uma das mãos foi até a bota, e a próxima coisa que eu vi foi uma faca comprida e brilhante nas mãos dele. Fiquei olhando fascinada a lâmina chegar cada vez mais perto da minha bochecha.

— Não tenha medo — ele dizia. — Vou desamarrar você. Quem fez isso?

De repente a mordaca havia sumido. Minha boca estava em carne viva onde a corda havia roçado. Então minhas mãos estavam livres. Machucadas, mas livres.

— Você consegue falar? — As mãos de Jesse estavam nos meus pés agora, a faca cortando a corda com que Paul havia me amarrado. — Pronto.

Ele deixou a faca de lado e levantou outra coisa na direção do meu rosto. Água. De um cantil. Peguei-o e bebi, cheia de sofreguidão. Não sabia como estava com sede.

— Calma — disse Jesse naquela voz (naquela voz!) — Posso pegar mais para você. Fique aqui e vou procurar ajuda.

Mas, ao ouvir a palavra ajuda, minhas mãos, como se tivessem vontade própria, largaram o cantil e voaram para agarrar sua camisa.

Não era a camisa com a qual eu estava acostumada a ver Jesse. Era semelhante, do mesmo linho macio e branco. Mas esta era mais alta no pescoço. E ele estava usando um colete de um tipo de seda lavada.

— Não — grasei, e fiquei espantada ao ver como minha voz estava rouca. — Não vá.

Não, claro, que eu estivesse preocupada que ele fosse chamar a Sra. O'Neil, que iria me reconhecer como a vagabunda que ela havia encontrado andando em sua sala na noite anterior. Era porque não podia suportar a idéia de ele sair da minha vista. Não agora. Nunca mais.

Este era Jesse. Era o Jesse de verdade. Era esse que eu amava. E que ia morrer dali a pouco.

— Quem é você? — perguntou Jesse, levantando o cantil que eu havia largado e, ao descobrir que não estava vazio, devolvendo-o a mim. — Quem fez isso, deixou você aqui desse jeito?

Bebi o que restava da água. Eu conhecia Jesse já um tempo suficiente para saber que ele estava ultrajado — ultrajado com quem havia me deixado daquele jeito.

— Um... um homem — respondi. Porque, claro, Jesse (este Jesse) não conhecia Paul... Sem dúvida nem me conhecia.

Suas sobrancelhas se franziram, a que tinha a cicatriz parecendo particularmente adorável. A cicatriz não era tão óbvia, notei, no Jesse Vivo quanto no Jesse Fantasma.

— E esse mesmo homem colocou você nestas roupas bizarras? — perguntou ele, olhando criticamente para meu jeans e jaqueta de motoqueiro.

De repente senti vontade de rir. Ele cheirava como um Jesse totalmente diferente — ou melhor, cem vezes mais real do que o Jesse que eu conhecia — mas a repulsa contra minhas roupas? Isso não havia mudado nem um pouco.

— Sim — respondi. Achei que seria mais acreditável do que a explicação verdadeira.

— Vou me certificar de que ele seja chicoteado — disse Jesse num tom casual, como se todo dia mandasse chicotear pessoas por vestir garotas com roupas esquisitas e deixá-las amarradas em jiraus de celeiros. — Quem é você? Sua família deve estar procurando-a...

— Não, não está. Quero dizer... duvido. E meu nome é Suze.

De novo a sobrancelha escura se franziu.

— Soose?

— Suze — falei rindo. Não pude evitar. Quero dizer, o riso. Era tão maravilhoso vê-lo assim! — Suzannah. Como em “Ó Suzana, não chores por mim”.

Foi isso que eu dissera a ele, percebi com uma pontada de dor, no meu quarto, na primeira vez em que o vi, no dia em que cheguei a Carmel. Na época eu não sabia o que sei agora — que aquele monumento havia sido um divisor de águas na minha vida — tudo antes era AJ: Antes de Jesse. Tido depois era DJ: Depois de Jesse. Na época eu não sabia que

aquele cara de camisa fofa e calça preta justa iria significar mais do que minha própria via... que um dia seria tudo para mim.

Mas agora sabia, assim como sabia outra coisa:

Eu havia entendido errado. Havia entendido tudo errado.

Mas sabia que não era tarde demais para consertar. Graças a Deus.

— Suzannah — disse ele, sentando-se ao meu lado no feno. — Suzannah O’Neil, talvez? Você é parente do Sr. E da Sra. O’Neil? Deixe-me chamá-los. Sei que desejaram ver que você está em segurança.

— Não — respondi balançando a cabeça. — Minha... é, minha família está longe. — Longe mesmo. — Você não poderá falar com eles. Quero dizer, obrigada, mas... você não poderá falar com eles.

— Então esse homem... — Jesse pareceu empolgado. E por que não? Provavelmente não era todo dia que o cara tropeça numa garota de 16 anos que foi amarrada e amordaçada num jirau de celeiro. — Quem é ele? Vou chamar o xerife. Ele deve pagar pelo que fez.

Por mais que eu fosse gostar de soltar o Jesse — o Jesse Vivo — em cima de Paul, não parecia a coisa adequada a fazer. Não quando Jesse teria tantos problemas para enfrentar dali a pouco. Paul era problema meu, não dele.

— Não — disse eu. — Não. Tá limpo. — Então, vendo sua expressão perplexa, falei: — Quero dizer, está tudo bem. Não chame o xerife...

— Você não precisa mais temê-lo, Suzannah — disse ele com gentileza. Sem dúvida não sabia que estava falando com uma garota que, no seu tempo, viva chutando traseiros. De fantasmas, principalmente, mas tanto faz. — Não vou deixar que ele a machuque outra vez.

— Não tenho medo dele, Jesse.

— Então... — O rosto de Jesse se nublou subitamente. — Espere. Como você sabe o meu nome?

Ah. Bem, aí é que vinha a dificuldade, não é?

Jesse estava me olhando curiosamente, aquele olhar escuro examinando meu rosto. Tenho certeza de que eu devia estar uma tremenda figura. Quero dizer, que garota não estaria depois de ser deixada durante horas com a cabeça no feno e a boca amordaçada?

Não importava, claro. O que Jesse pensava de mim. Mas mesmo assim fiquei sem-jeito. Afastei um pouco o cabelo do rosto, tentando enfiá-

lo atrás da orelha. Sorte a minha: na primeira vez em que encontro meu namorado — ainda vivo — estou parecendo um desastre de trem.

— Eu conheço você? — perguntou Jesse me examinando com o olhar. — Nós nos conhecemos? Você... você é uma das garotas Anderson?

Eu não fazia idéia de quem seriam as garotas Anderson, mas senti uma pontada de inveja delas, quem quer que fosse. Porque eram garotas que haviam conhecido Jesse — Jesse Vivo. Imaginei se elas saberiam como tinham sorte.

— Não nos conhecemos — falei. — Ainda. Mas... eu conheço você. Quero dizer, eu sei... sobre você.

— É? — Finalmente o reconhecimento surgiu em seu olhar. — Espere... sim! Já sei. Você é amiga de uma das minhas irmãs. Da escola? Mercedes? Você conhece Mercedes?

Balancei a cabeça, remexendo no bolso da jaqueta de couro.

— Josefina, então? — Jesse me examinou mais um pouco. — Você deve ter mais ou menos a idade dela, 15 anos, não é? Não conhece Josefina? Não pode conhecer Marta, ela é velha demais...

Balancei a cabeça de novo, depois estendi o que havia pescado no bolso.

Ele olhou para o que eu estava segurando.

— Nombre de Dios — disse baixinho e pegou-a da minha mão.

Era o retrato miniatura de Jesse, o que eu havia roubado na Sociedade Histórica de Carmel. Agora vi como o retrato era ruim. Ah, o pintor havia captado a forma da cabeça de Jesse e a cor dos olhos, e a expressão era bem próxima.

Mas havia fracassado totalmente em capturar o que tornava Jesse... bem... Jesse. A inteligência aguçada nos olhos castanho-escuros. As curvas confiantes da boca larga, sensual. A gentileza das mãos frescas e fortes. A força — agora mesmo liberada, mas encolhida bem próxima da superfície, a ponto de surgir a qualquer momento — daqueles músculos, resultado de anos trabalhando junto aos empregados da fazenda do pai, por baixo da camisa de linho macio e da calça preta.

— Onde conseguiu isso? — perguntou Jesse, a mão se fechando sobre o retrato. Fagulhas pareciam voar de seus olhos escuros, de tanta raiva. — Só uma pessoa tem um retrato desses.

— Eu sei. Sua noiva, Maria. Você veio para se casar com ela. Ou pelo menos este é o plano. Você está indo vê-la agora, mas a fazenda do

pai dela ainda fica bem longe, por isso vai passar a noite aqui antes de seguir para lá de manhã.

A raiva se transformou em perplexidade enquanto Jesse levantava a mão livre e passava os dedos pelos cabelos escuros e densos — um gesto que eu o vira fazer tantas vezes, quando ele estava completamente frustrado comigo — que lágrimas me saltaram aos olhos, de tão familiar que aquilo era... e tão adorável.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou ele, desesperado.
— Você... você é amiga de Maria? Ela... ela lhe deu isso?

— Não exatamente.

E respirei fundo.

— Jesse, meu nome é Suzannah Simon — falei num jorro, querendo pôr tudo para fora antes de mudar de idéia. — Sou o que chamamos de mediadora. Venho do futuro. E vim aqui impedir que você seja assassinado esta noite.

Capítulo 16

Porque, no fim das contas, eu não podia fazer aquilo. Achava que poderia. Realmente achava que poderia ficar sentada e deixar Jesse ser assassinado. Quero dizer, se a alternativa fosse jamais conhecê-lo? Claro, eu poderia fazer isso. Sem problema.

Mas isso havia sido antes. Antes de vê-lo. Antes de falar com ele. Antes de ele me tocar. Antes de eu saber o que ele era, o que poderia ter sido, se sobrevivesse...

Agora eu sabia que não poderia ficar parada e deixá-lo ser morto, assim como não poderia... bem, empurrar meu meio-irmão David na frente de um carro a toda velocidade ou dar cogumelo venenoso para minha mãe comer. Não podia deixar Jesse morrer nem mesmo que isso significasse não vê-lo nunca mais. Eu o amava muito.

Simples assim.

Ah, eu sabia que mais tarde iria me odiar. Sabia que iria acordar e, se me lembrasse do que havia feito, me odiaria pelo resto da minha vida natural.

Mas o que mais poderia fazer? Não poderia ficar parada enquanto alguém que eu amava corria perigo de morte. O padre Dominic, meu pai, todos eles, até mesmo Paul, estavam certos. Eu precisava salvá-lo, se pudesse.

Era a coisa certa a fazer.

Mas, claro, não era a coisa mais fácil. A coisa mais fácil seria pôr um dedo no rosto dele enquanto ele me olhava completamente incrédulo, e dizer:

— Ha! Peguei você! Era brincadeira.

Em vez disso falei:

— Jesse. Você me ouviu? Eu vim do futuro para impedir que você seja...

— Ouvi o que você falou. — Jesse deu um sorriso gentil. — Sabe o que acho que seria melhor? Que você me deixasse chamar a Sra. O’Neil. Ela vai cuidar de você enquanto eu vou a cidade chamar o médico. Porque acho que o homem que fez isso com você, que a amarrou desse jeito, também pode tê-la acertado na cabeça.

— Jesse — falei em tom chapado. Não podia acreditar nisso. Ali estava eu, fazendo um sacrifício tremendo, salvando o amor da minha vida e sabendo que nunca mais iria vê-lo, e ele me acusava de estar pirada. — Paul não me acertou na cabeça. Certo? Estou bem. Com um pouco de sede, ainda, mas, fora isso, estou bem. Só preciso que você me ouça. Esta noite Felix Diego vai entrar no seu quarto aqui na pensão e estrangular você. Depois vai jogar seu corpo numa cova rasa e só vão descobrir isso um século e meio depois, quando meu padrasto instalar uma minipiscina no nosso deque.

Jesse só ficou me olhando. Não dava para ter certeza, mas acho que vi pena em seu olhar.

— Jesse, estou falando sério. Você tem de ir para casa. Certo? Simplesmente monte no seu cavalo, dê meia-volta e vá para casa, e nem pense em se casar com Maria de Silva.

— Maria mandou você — disse ele finalmente. Seu rosto ficou sombrio, com uma raiva súbita. — Esse é o modo que ela tem de salvar as aparências, não é? Bem, pode voltar à sua patroa e dizer que isso não vai dar certo. Não deixarei que a família dela pense que não fui cavalheiro o bastante para romper o noivado pessoalmente. Não importava quem ela envie com história estranhas para me assustar. Vou vê-la amanhã, quer ela goste ou não.

Pisquei para ele, totalmente perplexa. O que ele estava falando?

Então, tarde demais, lembrei-me do segredo que Jesse me havia contado, o segredo que só eu sabia... que ele estava indo para a fazenda dos Silva não para se casar com Maria, mas para romper o noivado...

... o que explicava por que todas as cartas dela haviam sido descobertas junto dos restos dele no verão passado, quando meu meio-irmão desenterrou-as acidentalmente. Os costumes do século XIX exigiam que os casais que rompessem o compromisso devolvessem as cartas que haviam trocado. Diego havia assassinado Jesse antes que isso acontecesse, para impedir o pai de Maria de fazer qualquer pergunta desconfortável com relação ao rompimento — como o que Jesse tinha ouvido falar da noiva e que o fez querer acabar com o noivado.

— Espere — disse eu. — Espere aí. Jesse, Maria não me mandou. Eu nem a conheço. Bem, quero dizer, nós nos encontramos, mas...

— Você tem de conhecê-la. — Jesse olhou para o retrato em sua mão. — Ela lhe deu isso. Deve ter dado. De que outro modo você estaria com ele?

— Ah — falei dando de ombros. — Na verdade, roubei. — Depois vi seu rosto mudar e soube que havia cometido um erro.

— Ah, não — disse eu, levantando as duas mãos com as palmas viradas para ele. — Calma aí, garoto. Não roubei de sua preciosa Maria, acredite. Roubei da Sociedade Histórica de Carmel, certo? Um museu, onde o retrato estava há Deus sabe quanto tempo. Na verdade aposto que, se você verificar com a boa e velha Maria, ela ainda está com o dela. Quero dizer, o seu retrato.

— Não foram feitas duplicatas — disse Jesse com voz dura.

— Eu sei. — Meu Deus, isso era difícil. — Mas olhe o que você está segurando, Jesse. Veja como parece velho, como a pintura está gasta, como a moldura tem manchas. Isso porque tem quase duzentos anos. Eu o roubei, no futuro, Jesse. Usei-o para me trazer para cá, ao passado, para alertar você... — Isso não era estritamente verdadeiro, claro, mas estava bem perto. — Você tem de acreditar, Jesse. Paul... o cara que me amarrou, vai me apoiar nessa história. Ele está procurando Felix Diego agora mesmo para tentar impedi-lo antes de chegar perto de você...

Jesse balançou a cabeça.

— Não sei quem você é — disse num tom grave e firme, diferente de qualquer um que havia usado comigo antes. — Mas vou devolver isso — ele balançou o retrato diante do meu rosto — à dona de direito. Qualquer que seja o jogo que você está fazendo, ele termina agora, entendeu?

Jogo? Não dava para acreditar. Aqui estava eu, arriscando o pescoço por ele, e ele estava furioso comigo por ter roubado um retrato idiota dele?

— Não existe jogo, Jesse, certo? Se isso fosse um jogo, se Maria realmente tivesse me mandado, como eu saberia das coisas que sei? Como saberia que Maria e Diego estão apaixonados em segredo? Como saberia que sua namorada, que por sinal é uma tremenda vagabunda, não quer se casar com você? E que o pai dela não aprova Diego e que acha que se ela se casar com você vai acabar se esquecendo dele? Como sei que os dois armaram uma trama para matar você esta noite e esconder seu corpo, para parecer que você fugiu do noivado...

— Nombre de Dios. — Jesse estava de pé e xingando. Não pude deixar de perceber que o jirau balançava um pouco sob seus passos. Não era uma coisa que teria acontecido com o Jesse Fantasma, e era mais uma prova de quão longe eu estava do mundo que conhecia.

Mas essa não era a única coisa que teria acontecido com o Jesse Fantasma. Percebi um segundo depois, quando o Jesse Vivo se abaixou, pegou meu braço e me deu uma sacudida cheio de frustração.

— Você sabe tudo isso porque Maria contou! — disse ele com os dentes trincados. — Admita! Ela contou! — Tão rapidamente quanto me havia segurado, ele me soltou e se virou. Soltando um gemido de irritação contida, Jesse passou a mão pelo cabelo.

Meus braços pinicavam onde ele havia tocado.

— Olha, sinto muito — falei, a sério. Afinal de contas sabia como ele se sentia. O coração dele não era o único que estava sendo partido naquele celeiro. — Quero dizer, sobre sua namorada querer matá-lo e coisa e tal. Mesmo que você estivesse indo, você sabe, acabar o noivado, essas coisas. Mas, se serve de consolo, acho que você vai ficar muito melhor sem ela. Quero dizer, nas únicas vezes em que a encontrei ela também tentou me matar, sabe?, mas mesmo assim... É melhor você descobrir que ela é uma vagabunda agora e fazer um rompimento limpo do que descobrir depois de casado. Porque nem sei se no seu tempo deixam as pessoas se divorciar.

— Pare de falar isso! — Agora as duas mãos de Jesse foram segurar seus cabelos com força.

— O quê? Que ela é vagabunda? — Talvez eu estivesse sendo um pouco dura. — Bem, está bem. Mas ela é uma tremenda chave de cadeia.

— Não. — Jesse se virou para me encarar, e fiquei surpresa com a intensidade com que seu olhar se cravava no meu. — Seu tempo. O futuro. Você... você... sinto muito, Srta. Suzannah. Mas acho que terei que chamar o xerife, afinal de contas. Por que com certeza você não está bem da cabeça.

— Srta. Suzannah! — Para meu horror absoluto, lágrimas pinicaram nos cantos dos meus olhos. Mas não pude evitar. Era tão... tão... Injusto.

— Então é Srta. Suzannah, não é? — perguntei, ignorando as lágrimas. — Ah, fantástico. Eu venho até aqui, correndo o risco de acabar

totalmente com as minhas células cerebrais e você nem acredita? Estou basicamente me garantindo uma vida inteira de coração partido e você só tem a dizer que não estou bem da cabeça? Muito obrigada, Jesse. Não, verdade, está ótimo.

Soltei um soluço. De repente foi demais. Nem podia encará-lo, porque toda vez que fazia isso ele ofuscava meus olhos, como se fosse a árvore de natal mais gloriosa que jamais tivesse existido. Enterrei o rosto nas mãos e chorei.

Talvez eu tivesse feito o bastante, disse a mim mesma. Talvez ter dado a dica sobre o plano de Diego e Maria o fizesse dar meia-volta esta noite e ir para casa. Ainda que a dica tivesse vindo do que ele obviamente considerava uma fonte indigna. Eu não podia fazer mais nada, podia? Quero dizer, como poderia fazer com que ele acreditasse em mim?

Então me lembrei.

Baixei as mãos do rosto e olhei-o, sem me importar que ele visse as lágrimas.

— Médico — falei.

— Sim. — Jesse havia pescado um lenço em algum lugar e me entregado, com a raiva aparentemente dissipada. — Deixe-me chamar um para você. Realmente acho que, apesar do que você diz, Srta. Suzannah, você não está bem...

— Não. — Empurrei o lenço para longe, impaciente. — Não para mim. Você.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de seus lábios.

— Eu preciso de um médico? Garanto, Srta. Suzannah, que nunca me senti melhor na vida.

— Não. — Comecei a me levantar. Era a primeira vez em que tentava me levantar desde que ele havia me desamarrado, e não me senti exatamente firme.

Mesmo assim consegui sem a ajuda dele. Agora estava de pé à sua frente, ofegando, mas de emoção, e não de exaustão.

— Médico — falei olhando seu rosto confiante e preocupado. Ele era uns 15 centímetros mais alto do que eu, mas não me importei. Mantive o queixo erguido.

— Você quer ser médico, em segredo — falei. — Não perguntou ao seu pai, mas sabe que ele não deixaria. Ele precisa de você para cuidar

da fazenda porque você é o único filho homem. Eles não poderiam abrir mão de você por tempo suficiente para cursar a escola de medicina.

Então algo aconteceu com o rosto de Jesse. O brilho de suspeita que eu tinha visto em seu olhar desde que havia mostrado o retrato miniatura sumiu, e em seu lugar veio outra coisa.

Algo parecido com espanto.

— Como...? — Jesse me olhou com incredulidade absoluta. — Como você poderia...? Nunca contei isso a ninguém.

Estendi a mão e segurei uma das suas.

...e fiquei chocada ao perceber como era quente. Em todas aquelas vezes em que Jesse havia me segurado... em todas aquelas vezes em que ele havia acariciado meu cabelo e eu me maravilhava com seu calor... agora sabia que não tinha sido real, aquele calor. Tudo estava na minha cabeça. Este, este calor era real. Esta mão era real. Os calos duros que eu conhecia tão bem... eram reais. Era realmente Jesse.

— Você me contou — falei. — Você me contou, no futuro.

Jesse balançou a cabeça, mas não com força. Só um pouquinho.

— Isso... isso não é possível.

— É. É sim. Veja bem, o que acontece esta noite é que Diego mata você. Mas apenas seu corpo morre, Jesse. Sua alma não vai a lugar nenhum, porque... bem, porque acho que a coisa não deveria ter acontecido desse modo. — Olhei-o com ternura, ainda segurando sua mão. — Acho que você deveria viver. Mas não viveu. Por isso sua alma ficou por aqui até que eu cheguei, uns cento e cinquenta anos depois. Eu sou uma pessoa que ajuda... bem, pessoas que morreram. Você me contou que queria ser médico, Jesse. Contou no futuro. Acredita agora? Por favor, vá embora daqui e não volte nunca mais.

Jesse olhou para nossos dedos entrelaçados, os meus tão pálidos contra sua pele morena de sol, tão macios contra os seus calos. não disse nada. O que poderia ter dito, na verdade?

Mas, como era Jesse, ele pensou em algo para dizer... a coisa certa a dizer.

— Se você sabe uma coisa assim a meu respeito — disse baixinho — sobre o fato de eu querer ser médico, algo que nunca contei a Maria, ou a qualquer pessoa viva, então devo... acho que devo... acreditar.

— Então. Agora você sabe. Precisa sair daqui, Jesse. Monte no seu cavalo e vá embora.

— Eu vou.

Estávamos tão perto um do outro que ele só precisaria estender a mão e poderia segurar meu rosto.

Mas não fez isso, claro.

Mas pude sentir o calor se irradiando, não apenas da mão que eu segurava, mas de todo o seu corpo. Ele era tão vibrante, tão vivo, que me fez ter consciência de cada fio de cabelo na minha cabeça, de cada corpúsculo da pele. Eu o amava tanto...

...e ele nunca, nunca saberia.

Mas tudo bem. Porque pelo menos poderia continuar vivendo.

— Mas não esta noite — disse Jesse, largando minha mão de repente e se virando.

Fiquei ali parada, sentindo que havia levado um chute. O ar frio entrou num jorro em todos os lugares que, há instantes, tinham sido esquentados pelo calor do seu corpo.

— O... o quê? — gaguejei estupidamente. — Não o quê?

— Não esta noite — respondeu Jesse balançando a cabeça na direção das portas do celeiro, através das quais eu podia ver que as sombras alongadas havia sumido. — Amanhã vou à fazenda dos Silva falar com Maria e o pai dela. Mas não esta noite. Está ficando tarde. Tarde demais para viajar. Ficarei aqui esta noite e partirei de manhã.

— Mas não pode! — As palavras foram arrancadas das profundezas da minha alma. — Você tem de ir agora, Jesse, esta noite! Você não entende, é perigoso demais...

Um sorriso muito familiar se esgueirou nos lábios que eu conhecia tão bem.

— Posso cuidar de mim mesmo, Srta. Suzannah. Não tenho medo de Felix Diego.

Não pude acreditar no que estava acontecendo bem diante dos meus olhos.

— Bem, deveria! — praticamente gritei. — Considerando que ele mata você!

— Ah. Mas se entendi corretamente, isso foi antes de você me avisar... e agradeço por isso.

Não pude acreditar em como a coisa estava indo mal.

— Jesse — falei, fazendo uma última tentativa desesperada de convencê-lo. — Você não pode passar a noite naquela casa. Entende? É perigoso demais.

Porém Jesse me surpreendeu. Bem, por que não? Ele sempre fazia isso.

— Eu sei — disse ele.

— Sabe? — Encarei-o. — Verdade? Então vai embora?

— Não. Não vou.

— Mas...

— Vou ficar aqui... — disse ele indicando o jirau. — Com você. Até de manhã.

Olhei-o boquiaberta.

— Aqui? — ecoei. — Aqui... no celeiro?

— Com você.

— Comigo?

— É.

Demorei até aquele momento para perceber o que ele estava fazendo. Aqui estava eu, viajando 150 anos no passado para protegê-lo — bem, agora era isso que eu estava fazendo, de qualquer modo — e ele estava tentando me proteger.

Isso era tão puramente Jesse que quase comecei a chorar. Verdade.

Mas só quase.

Porque sua pergunta seguinte me distraiu.

— Mas preciso perguntar... por quê? — Seu olhar escuro varreu meu rosto.

— Por que o quê? — murmurei, hipnotizada como sempre por seu olhar no meu.

— Por que você fez isso, veio até aqui, para me alertar sobre o Diego?

Porque eu te amo.

Quatro palavras simples. Quatro palavras simples que de jeito nenhum eu poderia dizer. Não a este Jesse, que era virtualmente um estranho para mim. Ele já me achava pirada. Eu não queria piorar as coisas ainda mais.

— Porque não é certo o que aconteceu com você. Só isso.

Pelo menos foi o que comecei a dizer, quando uma voz de homem chamou:

— Señor Silva?

E digamos apenas que não era o Sr. O'Neil.

Capítulo 17

Senti o sangue gelar nas veias.

— É ele. — sussurrei. Desnecessariamente, claro: era óbvio que Jesse sabia perfeitamente quem era.

Jesse ficou de pé e se afastou das sombras que haviam escondido seu rosto. Tinha uma expressão de intensa desconfiança, fiquei aliviada em ver. Agora estava começando a acreditar em mim.

— Quem está aí? — gritou ele, erguendo o lampião e girando um botão que fez a chama minúscula ficar mais forte.

O homem embaixo disse algo em espanhol, que não entendi. A não ser as últimas duas palavras. E eram bem fáceis para que até mesmo eu pudesse decifrar.

Felix Diego.

É isso, pensei. Agora não havia como recuar.

Jesse falou alguma coisa em espanhol a Diego, que respondeu num tom que, ainda que eu não pudesse entender as palavras, pareciam macias demais para ser confiáveis. Parecia estar convidando Jesse a fazer alguma coisa.

E Jesse, de sua parte, estava claramente recusando.

— E então? — sussurrei ansiosa quando a conversa terminou e finalmente ouvi Diego sair.

Mas Jesse levantou a mão, claramente não tão convencido quanto eu de que o sujeito havia realmente ido embora.

Então, enquanto o fim de tarde se transformava irrevogavelmente em noite e eu não conseguia ver mais além de raios dourados que se projetavam do lampião segurado por Jesse, ele falou:

— Era Felix Diego. Disse que seu patrão, o pai de Maria, mandou-o ver se eu tinha tudo de que precisava para ficar confortável e que ia me acompanhar no resto da viagem de amanhã.

— O pai de Maria já fez isso, quando você veio visitá-la antes.

— Não — foi a resposta tensa de Jesse.

— O que você disse a ele?

— Que eu estava bem.

Jesse respondia às minhas perguntas, mas pela expressão de seu rosto era claro que sua mente estava a quilômetros dali. Ele ia juntando as histórias extraordinárias que eu havia contado com o que tinha acabado de acontecer, e não gostou do que deduziu.

— Eu disse a ele que ficaria aqui a noite inteira — continuou. — Porque meu cavalo estava doente. Felix Diego disse que meu cavalo parecia ótimo e sugeriu que eu me juntasse a ele lá fora para tomar uma garrafa...

Respirei fundo.

— Você não disse que sim, disse?

— Claro que não. — Pela primeira vez Jesse parecia realmente me ver enquanto me olhava. — Acho que você está certa. Acho que ele realmente quer me matar.

Não respondi com um intenso eu lhe disse porque... de que adiantaria? Além do mais, Jesse estava bem perturbado. Na verdade não perturbado — atarantado. E outra coisa, também. Algo que eu não conseguia identificar.

Pelo menos até um segundo mais tarde, quando ouvi passos se arrastando pela segunda vez na escada do jirau. Pensando que era Diego de volta, olhei para a escada, preparada para jogar a alma dele no fim do mundo...

Mas Jesse entrou na minha frente, estendendo o braço para me impedir de chegar mais perto.

E percebi o que era aquela “coisa” que eu tinha visto em seus olhos.

Mas por acaso a pessoa que estava subindo não era Felix Diego, afinal de contas.

— Ah, fantástico — disse Paul quando finalmente chegou ao topo da escada e nos viu. — Ah, isso é fantástico. O que ele está fazendo aqui? — Paul estava olhando furioso para Jesse, que o encarava furioso de volta.

— Ele simplesmente me encontrou, Paul — respondi. Não mencionei a parte em que eu fiz com que ele me encontrasse.

Paul só encarou Jesse um pouco mais. Se notou como Jesse vivo era diferente de morto, não mencionou.

Jesse, de sua parte, simplesmente assentiu para Paul e me perguntou:

— É ele? O homem que amarrou você?

Eu deveria ter dito que não, claro. Deveria ter percebido o que viria.

Mas não pensei. Só respondi:

— É. É ele.

Só quando vi os punhos de Jesse se fechando percebi o que havia feito.

— Não, espera! — comecei a gritar.

Mas era tarde demais. Jesse havia se jogado contra Paul como um jogador de futebol americano, derrubando-o no jirau e provocando um estrondo enorme que fez os cavalos embaixo relincharem e escoicearem nas balas.

— Pára com isso! — gritei, avançando e tentando separar os dois.

Mas era como tentar separar duas montanhas. Paul, pelo menos, não estava tão a fim da briga quanto Jesse, porque pude ouvi-lo gritar.

— Tira esse cara de cima de mim! Suze, tira ele de...

Na palavra de, Jesse soltou-o por vontade própria e recuou, ofegando. Sua camisa havia se desabotoado na confusão e vislumbrei os abdominais fortes e duros. Era impossível, mesmo com a gravidade da situação, não apreciar aquela vista.

— Que diab... — Paul se levantou do feno, se espanando um pouco. — Meu Deus, Suze. O que você falou sobre mim com ele? Ele não sabe que eu sou o mocinho aqui? Você é que ia deixar ele ser...

— Ele sabe — interrompi depressa.

— Ele sabe? — ecoou. — Tipo... sabe sabe?

— Ele sabe — repeti, séria.

— Bem — disse Paul, intrigado. — O que provocou essa pequena mudança de idéia? Eu pensei...

— Isso era antes — falei rapidamente.

— Antes de quê? — Paul encontrou um pedaço de feno no cabelo e tirou.

— Antes de eu vê-lo — falei baixinho, sem olhar para nenhum dos dois.

Paul não disse nada — o que, para ele, era incomum. Jesse, claro, não sabia do que estávamos falando. Ainda estava furioso com Paul por ter me amarrado.

— Não sei se no tempo do qual vocês vieram é normal deixar mulheres amarradas e amordaçadas — disse ele com severidade. — Mas

neste lugar e nesta época, posso garantir que esse comportamento faria um cavalheiro ir parar na cadeia.

Jesse disse a palavra cavalheiro como se fosse a última coisa que pensasse de Paul.

Paul apenas o encarou.

— Sabe, acho que gosto mais do seu fantasma.

Achei sensato mudar de assunto.

— Ele está aqui — disse a Paul. — Quero dizer, Felix Diego.

— Eu sei. Eu o segui até aqui.

— Achei que você ia se livrar dele!

— É, bem, eu não podia simplesmente ir até ele e arrancar sua alma na frente de todo mundo.

— Por que não?

— Porque teriam atirado em mim, por isso.

— Mas você poderia simplesmente se deslocar de volta para o futuro...

— Ah, e deixar você amarrada no celeiro da Sra. O'Neil? Acho que não. Eu teria de voltar para resgatar você. — Seu olhar foi na direção de Jesse. — Não sabia, claro, que o Príncipe Encantado aqui viria fazer isso por mim.

— Então o que você vai fazer? — perguntei. Paul olhou para Jesse.

— Bem. O que o Menino Prodígio quer?

— Menino Prodígio? — Jesse olhou ameaçadoramente na direção de Paul. — Este sujeito é meu amigo no futuro? — perguntou a mim.

— Não. — Ao Paul, falei: — Eu tentei convencê-lo a ir embora, mas ele não quer.

Paul olhou para Jesse.

— Cara — disse ele. — Não estou dizendo isso porque gosto de você. acredite. Mas se ficar aqui, você vai pro bebeléu. Simples assim. Sabe o tal de Diego? Ele está a fim de pegar pesado.

— Não tenho medo dele — disse Jesse como se fôssemos idiotas em não acreditar.

— Está vendo o que eu quis dizer? — falei ao Paul.

— Fantástico. — Paul sentou-se no fardo de feno, parecendo sentir dor. — Isso é fantástico. Então quando Diego vier matá-lo pode fazer o mesmo com você e comigo.

Abri a boca para insistir que isso não aconteceria, mas Jesse interrompeu.

— Se acha que eu deixaria você sozinho com ela de novo — disse com o olhar jamais se afastando do rosto de Paul —, não me conhece nem um pouco neste futuro do qual fala.

— Não se preocupe — respondeu Paul, levantando a mão, cansado. — Eu não esperaria outra coisa de você, Jesse. Bem, então é isso. — Paul se recostou no feno, ficando mais confortável. — Vamos esperar. E se Diego voltar, achando que você dormiu e ele pode fazer o serviço aqui, nós o pegamos.

— Não. — O queixo de Jesse estava travado. Não levantou a voz. De jeito nenhum. Mas o tom era de aço. — Eu vou pegá-lo.

— Ah, sem ofensa, mas Suze e eu viemos aqui especialmente para...

— Eu disse que farei isso — interrompeu Jesse na mesma voz gelada, a que eu havia aprendido a reconhecer como a voz que Jesse só usava quando estava realmente com raiva de alguma coisa. — Sou eu que ele veio matar. Sou eu que vou impedi-lo.

Paul e eu trocamos olhares. Então Paul suspirou, levantou a manta de cavalo e se esticou no feno, num canto escuro do jirau.

— Ótimo — disse ele. — Me acorde quando for a hora de ir para casa.

E, para a minha incredulidade absoluta, fechou os olhos e pareceu cochilar.

Olhei para Jesse e vi que ele estava observando Paul com nojo. Quando notou a direção do meu olhar, perguntou com voz menos dura do que antes.

— Vocês dois são amigos no lugar de onde vieram?

— Ah... Na verdade, não. Somos mais como... colegas de trabalho. Nós temos o mesmo... acho que você poderia chamar de dom.

— De viajar no tempo.

— É. E... outras coisas.

— E quando eu matar Diego — notei que ele disse quando e não se — vocês vão voltar para o lugar de onde vieram?

— Sim — respondi tentando não pensar em como esse momento seria incrivelmente difícil para mim.

— E você quer me ajudar — disse ele, tão baixinho quanto eu havia falado — porque...

Percebi que eu ainda não havia respondido à pergunta na primeira vez em que ele a fizera. Ao brilho suave do lampião — Jesse havia baixado a chama para garantir que Diego pensasse que ele estava realmente adormecido, para pegá-lo desprevenido —, Jesse nunca havia parecido tão lindo. Porque, claro, nunca tinha estado vivo nas outras ocasiões em que o vira. Seus olhos castanhos eram suaves, os cílios em volta escuros como as sombras no jirau. Seus lábios — aqueles lábios fortes e macios que não tinham beijado os meus nem de longe tantas vezes quanto eu gostaria e, com toda a probabilidade, nunca mais beijariam — exerciam uma atração hipnótica. Precisei fazer força para afastar o olhar e mantê-lo numa parte puída dos meus jeans.

— Porque é isso que eu faço — falei, só que alguma coisa estava acontecendo na minha garganta, fazendo as palavras saírem mais roucas do que eu pretendia.

Tossi.

— E você faz isso... — Jesse parecia estar falando da viagem no tempo para alertar potenciais vítimas de assassinato — para todos que morrem antes da hora?

— Ah, não exatamente. O seu caso é meio... especial

— E todas as jovens da sua época — continuou ele pensativo, aparentemente sem notar meu fascínio por sua boca — são como você?

— Como eu? Tipo... são mediadoras?

— Não — Jesse balançou a cabeça. — Destemidas, como você. Corajosas, como você

Dei um sorriso meio triste.

— Não sou corajosa, Jesse.

— Você está aqui — disse indicando o jirau. — Mesmo sabendo, ou pensando que sabe, que uma coisa terrível vai acontecer.

— Bem, claro. Porque esse é o motivo de eu ter vindo. Para garantir que não aconteça. Se bem que, para ser sincera... — Lancei um olhar cauteloso na direção de Paul, para o caso de ele estar escutando (como certamente estava) — Na verdade eu vim aqui para impedi-lo. Quero dizer, o Paul. De impedir o Diego. Porque, veja bem, se você não morrer esta noite, você e eu, no futuro, de onde eu venho, nunca vamos nos conhecer. E eu não podia suportar que isso acontecesse. E você, no

futuro, até disse que não queria que isso acontecesse. Só... só... que aqui estou eu, deixando acontecer. Portanto, veja, não sou nem um pouco corajosa.

Duvido que ele tenha entendido uma palavra do que eu disse. Mas não importava. Era o mais próximo de um pedido de desculpas que o Jesse que eu conhecia e amava iria receber. E senti que lhe devia um... pedido de desculpas. Pelo que havia feito.

Que era destruir tudo que tínhamos juntos.

— Acho que você está errada — disse Jesse, falando sobre minha coragem.

Mas o que ele sabia disso, na verdade?

Apenas sorri para ele.

E foi então que escutei.

Capítulo 18

Não pergunte como. Não nasci com superaudição nem nada. Simplesmente... escutei.

A porta do celeiro rangendo.

E Jesse, perto da escada, se imobilizou. Tinha ouvido também. Um segundo depois, vi Paul se sentar empertigado. Não estivera dormindo. Nem um pouco.

Esperamos num silêncio tenso, cada um mal ousando respirar.

Então ouvi outro som fraco. Desta vez era uma bota num degrau de madeira.

Diego. Tinha de ser. Diego vinha matar Jesse.

Jesse devia ter sentido minha inquietação, já que levantou a mão para mim, com a palma para fora, no sinal universal de “fiquei aí”. Queria que Paul e eu deixássemos Diego para ele.

É. Certo.

E então vi — a cabeça e os ombros de Diego, enormes e negros, sobressaindo na escuridão menos intensa do resto do celeiro. Sua cabeça estava virada na direção da forma deitada de Jesse... ele não via nada além disso.

Devagar, obviamente com medo de acordar a presa, Diego subiu no jirau, os passos abafados pelo feno. À medida que ele se esgueirava mais para perto — agora estava a um metro e meio... um e vinte... um metro —, me inclinei para a frente, pronta para atacar. Não tinha idéia do que iria fazer para impedi-lo. Ele não era um homem pequeno e eu não sou faixa-preta. Mas me deslocar veio definitivamente ao pensamento.

Agora Paul estava com a mão em mim, segurando a manga da minha jaqueta de motoqueiro, mantendo-me firme para dar a Jesse a chance de cuidar do problema sozinho. Era engraçado como, nessa coisa, Paul estava do lado de Jesse, quando nunca havia ficado do lado dele em nenhuma outra ocasião.

Um pé. Agora Diego estava a trinta centímetros da forma supostamente adormecida de Jesse. Levou a mão para pegar alguma coisa na cintura — o cinto. Vi o brilho da fivela... a mesma fivela que, no meu tempo, de algum modo fora parar no sótão.

Então, no instante que Diego havia enrolado as duas pontas do cinto em cada punho e esticado a parte do meio, para usar como uma espécie de garrote, a voz de Jesse, fria e tranqüila, cortou o silêncio.

Em espanhol. Ele disse alguma coisa em espanhol.

Por quê? Por que eu tinha escolhido estudar francês e não espanhol?

Apanhado totalmente desprevenido, Diego deu um passo atrás.

Não agüentei.

— O que ele disse? — sussurrei para Paul.

Não parecendo muito satisfeito em bancar o tradutor, Paul respondeu:

— Ele disse: “Então é verdade.” Agora feche a matraca para eu ouvir.

Mas Diego se recuperou lindamente. Não baixou as mãos que seguravam o cinto. Em vez disso falou alguma coisa.

Em espanhol.

Desta vez Paul não precisou ser instigado.

— Ele disse: “Então você sabe. Sim, é verdade. Vim aqui para matar você.”

Jesse falou outra coisa. A única palavra que reconheci foi um nome.

— Ele disse: “Maria mandou você?”

Diego riu. Depois confirmou com a cabeça. Depois saltou para a frente.

Não acho que gritei. Sei que suguei uma tonelada de ar e ia soltá-lo num guincho. Mas me peguei prendendo o fôlego, em vez disso. Porque Jesse, em vez de rolar de baixo de Diego, como eu teria feito, levantou-se para enfrentar o agressor.

Os dois oscilaram perigosamente na beira do jirau, pertinho da queda de três metros até o chão. Era difícil ver exatamente o que estava acontecendo na semiescuridão, mas uma coisa era certa: Diego tinha a vantagem, em termos de peso.

Agora Paul e eu estávamos de pé, completamente despercebidos pelos dois homens que lutavam na beira do jirau. Tentei correr para ajudar, mas de novo Paul não deixou.

— É uma luta justa — disse ele.

Mas quando, um segundo depois, os dois se separaram, e Diego jogou o cinto de lado com um risinho, vi que não havia nada justo na luta. Porque de repente Diego estava com uma faca. Ela brilhava, maligna, à luz do lampião que estava no piso do celeiro a pouca distância deles.

Agora o ar nos meus pulmões saiu num jorro.

— Jesse! — gritei. — Faca!

Diego girou.

— Quem está aí? — perguntou em inglês.

A distração deu a Jesse tempo suficiente para tirar sua própria faca da bota... a que ele havia usado para me soltar das cordas de Paul.

— Certo, chega — falei quando vi isso. — Alguém vai...

— É isso que nós queremos — disse Paul, me segurando com mais força do que nunca. — Desde que seja o cara certo.

Não dava para entender o que Paul estava fazendo, o que estava pensando. Jesse e Diego giravam um ao redor do outro, cautelosamente, de vez em quando chegando a centímetros da borda do jirau. Nós poderíamos acabar com isso. Poderíamos acabar facilmente. Por que ele...

Então percebi. Será que Paul estava do lado de Diego? Será que essa coisa toda era uma espécie de armação estranha? Será que ele realmente não tinha conseguido encontrar Diego durante o dia ou teria simplesmente fingido ir procurá-lo, para ter o prazer de ver Jesse morrer mais tarde? Porque esse poderia ser o único motivo para ele ter feito algo tão elaborado. Para ver Jesse morrer...

Soltei-me dele.

— Você quer que Jesse morra — gritei. — Você quer que ele morra, não é?

Paul me olhou como se eu fosse doida.

— Está brincando? Todo o motivo de eu ter voltado era garantir que ele não morresse.

— Então por que não está ajudando?

— Não preciso... — Jesse se abaixou enquanto Diego girava golpeando — ... de ajuda nenhuma.

— Quem são essas pessoas? — rosnou Diego, atacando de novo.

— Ninguém — respondeu Jesse. — Não preste atenção a elas. Isso é entre nós dois.

— Está vendo? — disse Paul, não sem alguma indignação. — Quer ficar fria?

Mas como poderia ficar fria, ali, parada, vendo meu namorado — certo, ele não era exatamente meu namorado ainda — lutando pela vida? Fiquei imóvel, o coração na boca, mal conseguindo respirar, olhando o brilho do metal frio enquanto os dois circulavam...

E então aconteceu. Subitamente Diego levou a mão atrás e, num átimo...

Me agarrou.

Fui apanhada tão desprevenida que não pude sequer pensar. Só soube que num minuto estava parada perto de Paul, praticamente incapaz de ver o que estava acontecendo, de tanto medo...

...e no outro estava no meio daquilo, com um braço me esmagando o pescoço enquanto Diego me segurava, com a ponta da lâmina prateada na minha garganta.

— Largue a faca — disse ele a Jesse. Estava tão perto de mim que eu podia sentir sua voz reverberando pelo corpo. — Ou a garota morre.

Vi Jesse empalidecer. Mas não hesitou nem por um segundo. Largou a faca.

Paul gritou:

— Suze! Desloque!

Demorei um segundo para perceber o que ele queria. Diego estava me tocando. Eu só precisava visualizar aquele corredor que tanto odiava — aquela estação entre duas existências — e ele e eu seríamos transportados para lá...

...e nos livraríamos dele para sempre.

Mas antes que eu pudesse ao menos fechar os olhos, Diego me jogou para longe e saltou na direção de Jesse. Tentei gritar enquanto caía, mas minha garganta estava ardendo tanto por causa da força com que ele havia me segurado, que nada saiu.

Mas não caí do jirau. Em vez disso bati contra algo de metal — e vidro. Algo que se quebrou sob meu peso. Algo que encharcou a palha embaixo de mim.

Algo que irrompeu em chamas.

O lampião. Eu havia caído no lampião e ele se quebrou, incendiando o feno.

As chamas saltaram mais depressa do que eu poderia imaginar. De repente estava separada dos outros por uma parede laranja. Dava para vê-

los do outro lado, Paul me olhando num horror perplexo, enquanto Jesse e Diego...

Bem, Jesse estava tentando impedir que Diego enfiasse uma faca no seu coração.

— Paul — gritei. — Ajude! Ajude o Jesse!

Mas Paul só ficou ali parado, me olhando por algum motivo. Foi Jesse que finalmente se soltou de Diego. Foi Jesse que torceu o braço que segurava a faca até que Diego, com um grito de dor, soltou-a. E foi Jesse que deu um soco na cara de Diego, um soco que o mandou girando...

Por cima da borda.

Ouvi o corpo bater no piso do celeiro, ouvi o estalo inconfundível de ossos se partindo... ossos do pescoço.

Os cavalos também escutaram. Soltaram relinchos agudos e escoicearam as portas das baias. Sentiam cheiro da fumaça.

E percebi que os O'Neil também. Ouvi gritos vindos de fora do celeiro.

— Você conseguiu — gritei, olhando para Jesse que ofegava, através da fumaça e do fogo. — Você o matou!

— Suze. — Paul ainda estava me olhando. — Suze.

— Ele conseguiu, Paul! — Não dava para acreditar. — Ele vai sobreviver. — Para Jesse, falei cheia de alegria: — Você vai viver!

Mas Jesse não pareceu feliz com isso. Disse:

— Suzannah, fique onde está.

Então vi o que ele queria dizer. O fogo havia me separado totalmente do resto do celeiro. Até mesmo da borda. Eu estava cercada por chamas. E fumaça. Uma fumaça que estava ficando tão densa que eu mal podia vê-los.

Não era de espantar que Paul estivesse me olhando. Eu estava numa armadilha de fogo.

— Suze — disse Paul. Mas sua voz saiu débil. Então gritou: — Jesse, não...

Mas era tarde demais. Porque a próxima coisa que eu percebi foi um objeto grande, lançado através das chamas e da fumaça — me acertar, na verdade me derrubar no chão. Demorei um segundo para perceber que o objeto era Jesse, que havia se enrolado na manta de cavalo em que eu tinha dormido na noite anterior...

Uma manta de cavalo que agora estava pegando fogo.

— Venha — disse ele, jogando longe a manta, depois pegando minha mão e me puxando de pé. — Não temos muito tempo.

— Suze! — ouvi Paul gritando. Não podia mais vê-lo, de tão densa que era a fumaça.

— Desça — gritou Jesse para Paul. — Desça e ajude o pessoal com os cavalos.

Mas Paul parecia não estar escutando.

— Suze — gritou ele. — Se desloque! Faça isso agora! É sua única chance!

Jesse havia se virado e estava chutando as tábuas da parede mais próxima. Elas estremeceram sob o ataque.

Deslocar? Minha mente parecia estar funcionando num atoleiro, talvez devido a tanta fumaça. Mas eu não parecia capaz de me deslocar naquela hora. E Jesse? Não podia deixar Jesse. Não tinha tido tanto trabalho para salvá-lo de Diego só para ele morrer num celeiro incendiado.

— Suze! — gritou Paul de novo. — Desloque-se! Eu vou também. Encontro você do outro lado!

Outro lado? Do que ele estava falando? Estava doido?

Ah, certo. Era o Paul. Claro que ele era doido.

Ouvi um estalo. Então Jesse segurou minha mão.

— Teremos de pular — disse ele com o rosto muito perto do meu.

Senti uma coisa fria lambeu meu rosto. Ar. Ar puro. Virei a cabeça e vi que Jesse havia chutado tábuas suficientes na parede do celeiro para uma pessoa passar espremida. Estava escuro através do buraco. Mas levantando o rosto um pouco para sentir melhor a brisa deliciosa vi estrelas no céu noturno.

— Está entendendo, Suzannah? — O rosto de Jesse estava muito perto do meu. O suficiente para me beijar. Por que não me beijava? — Vamos pular juntos, no três.

Senti ele me segurar pela cintura, puxando-me para perto. Bem, assim era melhor. Muito melhor para beijar...

— Um...

Senti seu coração martelando com força contra o meu. Mas como era possível? O coração de Jesse havia parado de bater há cento e cinquenta anos.

— Dois...

Chamas quentes lambiam meus calcanhares. Eu estava no maior fogo. Por que ele não me beijava logo?

— Três...

E então estávamos voando. Não porque ele me beijou, percebi. Não: porque estávamos voando mesmo.

E, como se o vento frio limpasse a fumaça do meu cérebro, percebi o que estava acontecendo. Jesse e eu estávamos indo para o chão, que parecia extremamente distante.

Então eu fiz a única coisa que podia. Grudei-me nele, fechei os olhos e pensei em casa.

Capítulo 19

Caí com tanta força que todo o ar saiu dos meus pulmões. Foi como ser acertada nas costas por um dormente de estrada de ferro — o que já havia acontecido antes, de modo que eu sabia como era. Fiquei ali, totalmente atordoada, incapaz de respirar, incapaz de me mexer, incapaz de fazer nada além de sentir dor.

Então, lentamente, a consciência voltou. Podia mexer as pernas. Era um bom sinal. Podia mexer os braços. Bom, também. A respiração voltou — dolorosamente, mas mesmo assim estava ali.

Então escutei.

Grilos.

Não os relinchos dos cavalos protestando contra serem arrastados das baias em chamas. Nem o rugido do fogo ao redor. Nem mesmo minha respiração difícil.

Mas grilos cantando como se não tivessem coisa melhor a fazer.

Abri os olhos.

E em vez de fumaça, fogo e celeiro em chamas, só vi estrelas, centenas, brilhando frias a milhões de quilômetros.

Virei a cabeça.

E vi minha casa.

Não a pensão da Sra. O'Neil. E sim minha casa. Eu estava no quintal dos fundos. Dava para ver o deque construído por Andy. Alguém havia deixado as luzes da minipiscina acesas.

Em casa. Eu estava em casa.

E estava viva. Por pouco, mas estava.

E não estava sozinha. De repente alguém se ajoelhou ao meu lado, bloqueando a visão das luzes da piscina e dizendo meu nome:

— Suze? Suze, você está bem?

Paul estava me cutucando, me puxando em lugares que doíam. Tentei bater nas suas mãos, mas ele só ficava fazendo isso até que finalmente eu disse:

— Paul, pára!

— Você está bem. — Ele se deixou afundar na grama ao meu lado. Seu rosto ao luar estava pálido. E aliviado.

— Graças a Deus. Antes você não estava se mexendo.

— Estou bem.

Então me lembrei que não estava. Porque... Jesse... eu havia perdido Jesse. Nós o tínhamos salvado para que eu pudesse perdê-lo para sempre. Uma dor — muito pior do que a dor que senti ao bater no chão frio e duro — me apertou como um torno.

Jesse. Ele havia sumido. De vez.

Só que...

Só que, se fosse verdade, por que eu ainda me lembrava dele?

Apoiei-me nos cotovelos, ignorando a pontada de dor que veio das costelas.

Foi então que o vi. Estava deitado de barriga para baixo, na grama, a pouco mais de um metro, totalmente imóvel, totalmente não...

Brilhando.

Jesse não estava brilhando.

Olhei para Paul. Ele piscou de volta para mim.

— Não sei — disse ele como se as palavras fossem arrancadas. — Certo, Suze? Não sei como aconteceu. Estavam os dois aí quando eu apareci agora mesmo. Não sei como aconteceu...

E então eu estava de quatro, me arrastando pela grama molhada na direção dele. Acho que estava chorando, não sei bem. Só sei que, de repente, era difícil enxergar.

— Jesse! — cheguei ao lado dele.

Era ele. Era ele mesmo. O Jesse de verdade. O Jesse Vivo.

Só que nesse momento não parecia vivo. Encostei a mão e procurei uma pulsação em sua garganta. Havia — minha respiração saiu entrecortada quando senti —, mas era fraca. Ele estava respirando, mas debilmente. Senti medo de tocar nele, de movê-lo...

Mas senti mais medo ainda de não fazer isso.

— Jesse! — gritei, rolando-o e sacudindo-o pelos ombros. — Jesse, sou eu, Suze! Acorde. Acorde, Jesse!

— Não adianta, Suze — disse Paul. — Eu já tentei. Ele está aí... mas não está. Não de verdade.

Eu estava com a cabeça de Jesse nos meus braços. Aninhei-a, olhando-o. Ao luar, ele parecia morto.

Mas não estava. Não estava morto. Eu saberia.

— Acho que fizemos besteira, Suze — disse Paul. — Você não deveria... não deveria trazê-lo na volta.

— Foi sem querer. — Minha voz estava tão fraca que era praticamente abafada pelos grilos. — Não foi de propósito.

— Eu sei. Mas... acho que talvez você precise levá-lo de volta.

— Levá-lo de volta aonde? — perguntei, furiosa. Agora minha voz estava muito mais alta do que os grilos. Na verdade estava tão alta que os grilos se espantaram e ficaram quietos. — Para o meio daquele incêndio?

— Não. Eu só... só não acho que ele possa ficar aqui, Suze, e... sobreviver.

Continuei aninhando a cabeça de Jesse, pensando furiosamente. Não era justo. Ninguém tinha nos alertado sobre isso. O Dr. Slaski não havia dito uma palavra. Só havia dito para visualizar na cabeça o momento e o local em que eu queria estar e...

E não tocar em nada que eu não quisesse trazer através do tempo.

Gemi e baixei o rosto pero do de Jesse. A culpa era minha. Era tudo minha culpa.

— Suze. — Paul encostou a mão no meu ombro. — Deixe eu tentar. Talvez eu consiga levá-lo de volta...

— Não pode. — Levantei a cabeça, a voz fria como a lâmina que Diego havia encostado na minha garganta. — Isso vai matá-lo. Ele não é como nós. Não é mediador. Ele é... é humano.

Paul balançou a cabeça.

— Então talvez fosse para ele morrer, Suze. Como você disse. Talvez a gente não devesse ter mexido com essas coisas, como você me alertou.

— Fantástico. — Soltei um risinho amargo. — É simplesmente fantástico, Paul. Agora você concorda comigo?

Paul só ficou ali parado, ansioso. Nesse ponto, se eu fosse capaz de sentir qualquer coisa que não fosse desespero, teria sentido ódio por ele.

Mas não podia. Não podia odiá-lo. Não podia pensar em nada além de Jesse. Dizia a mim mesma que não poderia tê-lo salvado só para vê-lo morrer.

— Vá até a garagem e entre na casa pela porta que tem lá dentro. Eles nunca se lembram de trancá-la. Num gancho, perto da porta, estão as chaves do carro da minha mãe. Pegue e depois volte para me ajudar a levá-lo até o carro.

Paul me olhou como se eu fosse maluca.

— O carro? — Ele pareceu em dúvida. — Você vai... levá-lo a algum lugar?

— Vou, seu idiota — rosnei. — Ao hospital.

— Ao hospital. — Paul balançou a cabeça. — Mas Suze...

— Faça isso!

Paul fez. Sei que ele achava inútil, mas fez. Pegou as chaves, voltou e me ajudou a carregar Jesse até o carro da minha mãe. Não foi fácil, mas nós conseguimos. Eu o teria arrastado até lá sozinha, se fosse necessário.

Então estávamos na rua, Paul dirigindo enquanto eu continuava a segurar a cabeça de Jesse no colo. No momento não achei inútil o que estava fazendo. Ficava pensando que talvez o hospital pudesse salvá-lo. A medicina havia feito muitos avanços nos últimos cento e cinquenta anos. Por que não poderia salvar um homem que tinha acabado de viajar para outro tempo, através de outra dimensão? Por que não poderia?

Só que não podia.

Ah, eles tentaram. No hospital. Saíram correndo com uma maca quando Paul foi dizer que estávamos com um homem inconsciente no carro. Puseram uma máscara de oxigênio em Jesse enquanto o médico da emergência me interrogava. Ele havia tomado drogas? Tinha bebido muito? Teve um ataque? Uma dor de cabeça? Reclamado de dor no braço?

Não havia explicação médica para o coma em que Jesse estava. Foi isso que o médico veio me dizer, horas depois. Nenhuma causa que ele pudesse ter determinado até agora. Uma tomografia poderia dizer mais. Será que por acaso eu sabia qual era o tipo de seguro saúde de Jesse? Seu número da previdência social, talvez? Um telefone para contatar os parentes?

Às seis da manhã eles o internaram. Às sete liguei para minha mãe e contei onde estava — no hospital com um amigo. Às oito liguei para a única pessoa em que pude pensar e que talvez tivesse alguma idéia do que fazer.

O padre Dominic tinha voltado de São Francisco na noite anterior. Ouviu o que contei sem dizer nada.

— Padre Dominic, eu... eu acho que fiz uma coisa horrorosa. Não queria, mas... Jesse está aqui. O Jesse de verdade. O vivo. Estamos no hospital. Venha por favor.

Ele veio. Quando vi sua figura alta e forte se aproximando da dura cadeira de plástico em que eu estivera sentada durante horas, quase desmoronei de novo.

Mas não. Fiquei de pé e, um segundo depois, estava nos braços dele.

— O que você fez? — murmurava ele, repetidamente. E não estava falando só comigo. Paul também estava lá. — O que vocês dois fizeram?

— Uma coisa ruim — respondi, desencostando o rosto manchado de lágrimas de sua camisa. — Mas não foi de propósito.

— Estávamos tentando salvá-lo — disse Paul sem graça. — A vida dele. Quase conseguimos...

— Até que eu o trouxe de volta — falei. — Ah, padre Dominic...

Ele me fez ficar quieta e foi até o quarto onde Jesse estava deitado, totalmente imóvel, com o cobertor em cima, mal se mexendo a cada respiração. Agora percebi que o Jesse Fantasma teria uma aparência melhor — mais viva — que a do Jesse Vivo.

O padre Dominic fez o sinal-da-cruz, de tão espantado com o que viu. Havia uma enfermeira lá, tomando a pulsação de Jesse e anotando os resultados numa prancheta. Deu um sorriso triste ao ver o padre Dominic, depois saiu do quarto.

O padre Dominic olhou para Jesse. Pela primeira vez notei que as lentes de seus óculos estavam meio embaçadas.

Não falou nada.

— Eles querem saber que tipo de seguro saúde Jesse tem — falei amargamente — antes de fazer outros exames.

— Sei — respondeu o padre Dominic.

— Não sei o que os outros exames vão dizer a eles — disse Paul.

— Você não sabe — falei rispidamente, brigando com Paul porque não podia brigar com quem mais merecia... eu mesma. — Talvez haja alguma coisa que eles possam fazer. Talvez haja...

O padre Dominic perguntou ao Paul:

— Seu avô não está aqui, em algum lugar?

Paul ergueu o olhar da forma inconsciente de Jesse.

— Tá. Quero dizer, sim, senhor. Acho que sim.

— Talvez você devesse lhe fazer uma visita. — A voz do padre Dominic estava calma. Sua presença, tive de admitir, era tranquilizadora. — Se ele estiver consciente, talvez possa lhe dar algum conselho.

O queixo de Paul se projetou com truculência.

— Ele não vai falar comigo. Mesmo que esteja acordado...

— Acho que, se há uma lição a ser tirada de tudo isso — disse o padre Dominic em voz baixa —, é que a vida é curta e que, se há cercas a consertar, é melhor consertar depressa, antes que seja tarde demais. Vá consertar as coisas com seu avô.

Paul abriu a boca para protestar, mas o padre Dominic lançou-lhe um olhar que fez seus lábios se fecharem. Com um olhar final para mim, Paul saiu do quarto, irritado.

— Não fique com muita raiva dele, Suzannah. Ele achou que estava fazendo a coisa certa.

Eu estava cansada demais para discutir. Demais.

— Paul achou que estava tirando Jesse de mim. Até a lembrança dele.

O padre Dominic deu de ombros.

— No fim, Suzannah, talvez isso fosse mais gentil, não acha? Pelo menos mais do que isto. — Ele assentiu na direção da forma inconsciente de Jesse.

Bem, era verdade.

— Ele teria de ir embora de qualquer modo, Suzannah. Um dia.

— Eu sei. — O nó na minha garganta latejou.

E foi então que me lembrei. Houvera um fantasma na vida do padre Dom, também. O fantasma de uma garota que ele amou, talvez tanto quanto eu amava Jesse.

— Eu... — Eu mal podia falar, porque o nó em minha garganta havia se apertado em proporções gigantescas. — Desculpe, padre Dominic. Eu tinha esquecido.

O padre Dom simplesmente deu um sorriso triste e tocou meu braço.

— Não seja muito dura com ele — disse, falando de Paul. Então, com um último olhar para Jesse, falou: — Não há muita coisa em que eu consiga pensar. Mas na questão do seguro saúde acho que posso dar um jeito. Volto logo. Posso lhe trazer alguma coisa? Você comeu?

A idéia de tentar engolir alguma coisa, passando pelo nó na garganta, era tão ridícula que eu ri um pouquinho.

— Não, obrigada.

— Certo. — O padre Dominic foi saindo do quarto. Mas na porta parou e olhou para trás.

— Sinto muito, Suzannah — disse baixinho. — Sinto muito por não estar lá quando... aconteceu. E lamento mais do que posso dizer por ter de terminar assim.

E em seguida foi embora.

Fiquei ali um momento, sem fazer nada, sem pensar em nada. Então entendi o verdadeiro significado de suas palavras.

E eu perdi a cabeça.

Porque o padre Dominic estava certo. Este era o fim. Eu podia negá-lo o quanto quisesse, mas era. Jesse estava morrendo bem diante dos meus olhos, e não havia nada, nada na Terra que eu pudesse fazer.

E a culpa era minha. Era minha culpa Jesse estar me deixando. Claro, eu poderia me reconfortar pensando que, onde quer que ele estivesse, devia ser melhor do que a meia vida que tivera comigo.

Mas isso não diminuía a dor.

Caí na cadeira ao lado da cama. Não podia enxergar, de tanto que chorava. Não alto. Não queria que uma enfermeira viesse correndo com um monte de tranqüilizantes nem nada. O que eu realmente queria, percebi, era minha mãe. Não, não minha mãe. Meu pai. Onde estava meu pai agora, quando eu realmente precisava dele?

— Suzannah.

Pensei na sepultura de Jesse, a que era marcada com a lápide paga pelo padre Dominic e por mim. O que haveria naquela sepultura agora, se o corpo de Jesse estava aqui? Nada. Estava vazia.

Mas não por muito tempo. Não, não por muito tempo.

— Suzannah.

E no tempo dele? O que o Sr. e a Sra. O'Neil estariam fazendo agora? Provavelmente remexendo o entulho do que havia sido seu celeiro. Iriam encontrar um esqueleto, sem dúvida. Mas saberiam que não era de Jesse? Será que a família de Jesse sentiria alívio ou ficaria imaginando para sempre o que havia acontecido com o filho e irmão amado?

Não. Eles não tinham como saber que o corpo era de Diego. Pensariam que era de Jesse. Os Silva teriam um enterro. Mas com o homem errado.

Senti uma mão no ombro. Fantástico. Havia alguém ali. Alguém estava me olhando enquanto eu abria o maior berreiro. Legal. Deixe a garota ter mais um tempinho para lamentar, por favor.

— Vá embora — falei ríspidamente, levantando a cabeça. — Não vê que estou...

Foi então que notei que a figura ao lado estava brilhando.

Capítulo 20

Devo ter pulado mais ou menos um quilômetro no ar, de tão espantada. Sei que pulei da cadeira, tão depressa que a derrubei. Fiquei ali parada, o peito arfando, os olhos subitamente secos e fixos.

Porque, parado perto da cama, olhando para o corpo deitado de Jesse, estava...

Jesse.

Olhei de um Jesse para o outro, não acreditando direito no que via. Mas era verdade. Havia dois Jesses, o morto e o vivo.

Ou acho que seria mais correto dizer o morto e o agonizante.

— J... Jesse? — Enxuguei as lágrimas que cobriam minhas bochechas com as costas da manga cheirando a fumaça.

Mas Jesse não estava olhando para mim. Estava olhando... bem, para si mesmo, na cama.

— Suzannah — sussurrou ele. — O... o que você fez?

Fiquei tão feliz ao vê-lo que não conseguia pensar direito. Fui até ele e segurei sua mão.

— Jesse, eu fui. Quero dizer, de volta no tempo — falei feito uma idiota.

Ele afastou os olhos da figura na cama e concentrou todo aquele olhar intenso e escuro em mim. Não parecia muito feliz.

— Você foi? — ele me encarou. — Foi atrás do Slater? Depois de eu ter dito que poderia cuidar de mim mesmo?

Ele estava furioso. Mas fiquei tão feliz em ver aquela fúria que soltei uma pequena gargalhada. No momento não percebi o que significava estar vendo-o ali no hospital.

— Você cuidou de si mesmo — garanti. — Eu... eu contei a você, ao você do passado, sobre Diego, e ele não matou você, Jesse. Você o matou. Mas então... então... houve um incêndio. — Engoli em seco, sem mais vontade de rir. — No celeiro. No celeiro dos O'Neil.

Os olhos dele se estreitaram.

— Os O'Neil — murmurou. Parecia estar tão atordoado quanto eu. — Lembro-me deles.

— É. Houve um incêndio, e Jesse... Jesse, você me salvou. Ou pelo menos tentou. Mas... mas...

Minha voz ficou no ar. Jesse havia largado minha mão. Estava chegando mais perto da cama, olhando o corpo ali deitado, praticamente sem respirar.

— Não entendo — disse ele. — Como isso aconteceu?

Mordi o lábio. Não havia tempo para explicações. Não quando, a qualquer minuto, eu sabia que teríamos de dizer adeus...

— Eu fiz isso — falei bruscamente. — Não foi de propósito. Queria salvar você, Jesse, e não... não isso. Mas ainda estava tocando você quando me desloquei de volta para o futuro, e você... você simplesmente foi arrastado.

Finalmente Jesse me olhou como se estivesse me enxergando de verdade, talvez pela primeira vez desde que havia entrado no quarto.

— Você realmente voltou? — Ele me encarou. — Ao passado? Ao meu passado?

Assenti de novo.

Ele balançou a cabeça.

— E Paul? Fui à basílica procurá-lo, mas ele havia sumido. Você o seguiu?

Confirmei com a cabeça.

— Eu queria evitar que ele não deixasse você morrer. Mas no fim... não pude, Jesse. Não estava certo. O que Diego fez. Não podia deixar isso acontecer de novo. Por isso contei a você. E você o matou. Matou Diego. Mas então houve o incêndio e... — Olhei para a figura na cama. Não pude conter um soluço. — E agora acho que é adeus. Desculpe, Jesse. Eu sinto muito, muito.

Minha visão se nublou de novo com as lágrimas. Não podia acreditar que isso estava acontecendo. Sempre pensei que meu “dom” era uma maldição, mas nunca, nunca o havia odiado tanto como naquele momento. Desejei nunca ter ouvido falar em mediadores. Desejei nunca ter visto nenhum fantasma. Desejei nunca ter nascido.

Então senti a mão de Jesse no meu rosto.

— Hermosa — disse ele.

Em seguida pôs a outra mão na cama para se equilibrar enquanto se inclinava sobre ela para me beijar. Um último beijo antes de ser

arrancado de mim para sempre. Fechei os olhos, antecipando a sensação daqueles lábios frios nos meus. Adeus, Jesse. Adeus.

Mas sua boca mal havia tocado a minha quando o ouvi ofegar. Ele afastou a cabeça e olhou para baixo.

Sua mão havia tocado a perna de seu corpo vivo.

Algo pareceu atravessá-lo como um raio. Ele brilhou mais forte por um segundo, com o olhar mais intenso no meu do que nunca, em todo o tempo em que eu o havia conhecido.

E então foi sugado para o corpo, como fumaça puxada por um ventilador.

E sumiu.

Ah, seu corpo ainda estava ali. Mas o fantasma de Jesse — o fantasma que eu amei — havia sumido. Em seu lugar havia...

Nada. Estendi a mão, desesperada para pegar algum pedacinho dele, mas só consegui segurar o ar.

Jesse havia sumido. Sumido de verdade. Estava de volta ao corpo que havia deixado há tanto tempo... o corpo que, enquanto eu observava, estremeceu inteiro como se quisesse rejeitar a alma que acabara de entrar nele...

E então ficou imóvel como a morte.

Então eu soube o que havia acontecido. O corpo de Jesse havia se adiantado no tempo, sim. Mas não sua alma, porque a mesma alma não podia existir duas vezes na mesma dimensão. O corpo de Jesse estivera sem alma assim como, por tantos anos, a alma de Jesse estivera sem corpo.

Agora os dois estavam unidos finalmente...

Mas tarde demais. E agora eu perderia os dois.

Não sei quanto tempo devo ter ficado ali, segurando a mão de Jesse, olhando-o em desespero absoluto. Por tempo suficiente, sei, para o padre Dominic voltar e dizer:

— Não se preocupe Suzannah, está tudo resolvido. Jesse vai fazer os exames de que precisa.

— Não importa — murmurei, ainda segurando a mão... a mão fria.

— Não perca a esperança, Suzannah — disse o padre Dominic. —

Nunca perca a esperança.

Soltei um riso amargo.

— E por quê, padre D.?

— Porque é só isso que temos, você sabe. — Ele pôs a mão no meu ombro. — Você fez o que fez porque o amava, Suzannah. Amava o bastante para deixá-lo ir. Não há presente maior que poderia lhe dar.

Balancei a cabeça, com a visão ainda turva de lágrimas.

— Não é assim que se diz, padre Dominic.

— O quê, Suzannah? — perguntou ele gentilmente.

— O ditado. Deve ser: se você ama alguma coisa, deixe-a livre. Se tiver de ser, ela voltará para você. Não sabe? Nunca leu?

Quando me virei para o padre Dominic para ver o que achava disso, vi que ele nem estava me olhando. Estava olhando Jesse na cama. Notei que os olhos azuis do padre Dominic estavam tão cheios de lágrimas quanto os meus.

— Suzannah — disse ele com voz embargada. — Olhe.

Olhei. E enquanto movia a cabeça, senti que os dedos da mão que eu estava segurando apertaram subitamente os meus.

A cor que não estivera ali há um minuto inundou o rosto de Jesse. Seu rosto não era mais da mesma cor dos lençóis. Sua pele tinha o mesmo tom moreno de quando o vi pela primeira vez no celeiro dos O'Neil.

E não era só isso. O peito subia e descia visivelmente embaixo do cobertor. Uma pulsação latejava no pescoço.

E enquanto eu estava ali parada, olhando-o, suas pálpebras se abriram...

...e eu estava caindo, como sempre caía quando ele me olhava, nos poços fundos e escuros que eram os olhos de Jesse... olhos que não estavam simplesmente me vendo, mas que me conheciam. Conheciam minha alma.

Ele ergueu a mão que eu não estava apertando, puxou de lado a máscara de oxigênio que estivera cobrindo seu nariz e sua boca e disse apenas uma palavra.

Mas era uma palavra que fez meu coração cantar.

— Hermosa.

Capítulo 21

— Suze!

Ouvi minha mãe chamando do andar de baixo.

— Suze!

Eu estava sentada em frente à penteadeira, admirando a chapinha que tinha feito no cabelo. Cee Cee e eu havíamos passado a tarde fazendo cabelos e unhas. Cee Cee não precisou fazer chapinha... seu cabelo branco-louro é liso por natureza. Mas ela havia feito um coque, depois passou a tarde inteira se incomodando porque ele não iria ficar firme.

Mas minha chapinha parecia ter poder de permanência, porque o cabelo parecia escuro e brilhante desde que eu tinha saído do salão.

— Suze! — minha mãe gritou pela terceira e última vez.

Olhei o relógio. Tinha o feito esperar quase cinco minutos. Parecia o bastante.

— Estou indo — gritei, pegando a bolsa e a estola branca e finíssima que acompanhava o vestido.

Fui à porta do quarto e abri. Subindo a escada que eu ia descer estava Jake, carregando uma pesada mochila cheia de livros. Da biblioteca.

— O inferno congelou? — perguntei enquanto ele passava por mim, indo para seu quarto.

— Não enche, vou ter de fazer prova final — rosnou ele. Então, no instante em que ia entrar no quarto, virou-se e, com toda a aparência de sinceridade, disse: — Belo vestido — e desapareceu nos confins de sua caverna de solteiro.

Não pude deixar de sorrir. Era o primeiro elogio que eu conseguia arrancar de Jake.

Desci a escada com uma das mãos levantando a bainha do vestido. Era exatamente a escada, percebi, pela qual a Sra. O’Neil havia me expulsado há... bem... uns cento e cinqüenta anos. Imaginei se, com a roupa atual, ela teria me considerado uma dama da noite. De algum modo, duvidei.

É bom termos uma escada assim, pensei. Uma escada pela qual uma garota pode realmente fazer uma bela entrada. Cheguei ao último patamar, aquele que basicamente servia como palco para as garotas que

iam ao seu primeiro Baile de Inverno darem um pivô e mostrar o vestido às pessoas que esperam na sala, e parei, preparando-me exatamente para fazer isso.

Mas não adiantou. Logo percebi. Meu padrasto estava correndo com uma colher cheia de alguma coisa verde, insistindo para que todo mundo provasse, só provasse. Minha mãe estava tentando deduzir como sua nova câmera digital funcionava, mas não fazia muitos progressos. Meu meio-irmão mais novo, David, falava a um quilômetro por minuto com meu acompanhante sobre alguns novos avanços em aeronáutica que tinha visto no Discovery Channel.

E Max, o cachorro da família, estava com o nariz enfiado na frente da calça do smoking do meu acompanhante.

Acho que era uma cena de família bastante típica, que tenho certeza que acontece em milhões de casas toda noite.

Então por que as lágrimas brotaram nos meus olhos quando vi?

Ah, não o Andy com sua colher, mamãe com a máquina fotográfica ou David e sua completa convicção de que alguém queria ouvir a transcrição integral do programa ao qual ele havia assistido.

Não, foi o fato de o cachorro da família ficar enfiando o nariz em lugares inadequados do meu acompanhante e ele ter de empurrar Max para longe que fez as lágrimas brotarem.

Porque Max sentia o cheiro do meu acompanhante. Max finalmente conseguia sentir o cheiro de Jesse.

David foi o primeiro que me notou no patamar. Sua voz parou e ele ficou sem assunto, apenas ali parado, olhando. Depois de um minuto todo mundo estava olhando.

Afastei as lágrimas rapidamente. Em especial quando Max veio correndo e tentou enfiar sua grande cabeça peluda embaixo da minha saia.

— Ah, Suzie — cantarolou minha mãe e, para surpresa de todo mundo, especialmente dela, conseguiu tirar uma foto. — Você está linda.

Andy, vislumbrando outra vítima, levantou a colher para mim, mas minha mãe cortou seu caminho.

— Andy, não chegue perto dela com esse negócio enquanto ela estiver com esse vestido.

Isso me fez sorrir. Quando olhei para Jesse, vi que ele também estava sorrindo. Um sorriso secreto, só para mim — mesmo que agora, claro, todo mundo pudesse ver também.

Mesmo assim me deixou sem fôlego, como sempre.

— Então — falei o mais casualmente que pude, com um nó gigante na garganta. Mas este era de alegria. — Vejo que vocês conheceram Jesse.

Andy resumiu a apresentação em duas palavras, antes de voltar para cozinha com sua colher.

— Ele serve.

Minha mãe estava rindo de orelha a orelha.

— É um prazer enorme conhecê-lo — disse ao Jesse. — Agora venha cá, quero tirar uma foto dos dois juntos.

Desci o resto da escada e fui para perto de Jesse, diante da lareira. Ele estava tão alto e bonito no smoking que eu mal podia suportar. Nem me importava que minha mãe estivesse me fazendo pagar o maior mico na frente dele. Acho que esse tipo de coisa não importa realmente quando você quase perde a razão de viver e depois a recupera, contra todas as chances.

— Isto é para você — disse Jesse quando cheguei suficientemente perto. Ele me entregou uma coisa que estivera segurando. Era uma orquídea branca, do tipo que a gente só costuma ver em enterros. Ou em sepulturas.

Peguei na mão dele com um sorriso maroto. Só ele e eu sabíamos o significado da flor. Para minha mãe, que veio correndo prendê-la no meu vestido antes de tirar a foto, era apenas um adereço.

— Agora digam xis — disse ela e tirou a foto, felizmente sem exigir que nós a víssemos.

Andy voltou da cozinha, desta vez sem a colher, e começou a bancar o pai.

— Bom, traga-a para casa à meia-noite, entendeu, rapaz? — disse, claramente gostando de ser pai de uma garota, e não de um garoto, para variar.

— Farei isso, senhor — respondeu Jesse.

— Uma — falei ao Andy.

— Meia-noite e meia — contrapôs Andy.

— Meia-noite e meia — concordei. Só havia discutido porque, bem, é isso que a gente faz. Não importava realmente a que horas Jesse precisaria me trazer para casa. Não quando tínhamos toda a vida juntos pela frente.

— Suze — sussurrou minha mãe enquanto ajustava minha echarpe.
— Nós gostamos dele, não entenda mal. Mas ele não é um pouquinho... bem, velho para você? Afinal de contas, ele está na faculdade, é da idade do Jake.

Se ao menos ela soubesse!

— Isso nos deixa empatados — garanti. — As garotas amadurecem mais rápido do que os garotos.

Brad escolheu esse momento para vir com tudo da sala de TV, onde estivera jogando videogame. Quando viu que ainda estávamos na porta, seu rosto se retorceu de irritação.

— Vocês ainda não saíram? — perguntou, e voltou rapidamente para a cozinha.

Olhei para minha mãe.

— Entendo o que você quis dizer — concordou ela, e me deu um tapinha nas costas. — Divirtam-se.

Lá fora, no ar fresco da noite, Jesse olhou por cima do ombro garantindo que meus pais não estivessem olhando. Depois pegou minha mão.

— Entre fazer isso de novo e passar uma eternidade no fogo do inferno — disse ele —, prefiro o fogo do inferno.

— Bem, você nunca mais terá de fazer isso — falei rindo. — Agora que eles conhecem você. E, além disso, gostaram.

— Sua mãe não gostou.

— Gostou sim. Ela só acha você um pouquinho velho para mim.

— Se ao menos ela soubesse — disse Jesse, verbalizando, como acontecia com frequência, exatamente o que eu pensava.

— Seu padrasto, por outro lado, me convidou para jantar amanhã à noite.

— Jantar de domingo? — fiquei impressionada. — Ele realmente deve gostar de você.

Tínhamos chegado ao carro de Jesse — bem, na verdade era o carro do padre Dom. Mas o padre D. havia emprestado a Jesse para a ocasião. Não, claro, que ele tivesse carteira. O padre Dom ainda estava batalhando para conseguir uma certidão de nascimento... e um cartão do seguro social... e boletins escolares, para que ele pudesse começar a se candidatar a faculdades e crédito educativo.

Mas, como garantiu o bom padre, não seria difícil.

— A igreja tem meios — disse ele.

— Senhorita — disse Jesse abrindo a porta do carona para mim.

— Ah, obrigada — respondi e entrei.

Jesse foi para o banco do motorista, sentou-se e depois estendeu a chave para a ignição.

— Tem certeza de que sabe dirigir essa coisa? — perguntei, só para garantir.

— Suzannah — Jesse ligou o motor. — Eu não fiquei parado comendo bombons nos 150 anos em que fui fantasma. Fiz algumas observações de vez em quando. E definitivamente sei dirigir. — Ele começou a dar marcha-a-ré pela entrada de veículos.

— Certo. Só estou verificando. Porque eu poderia pegar a direção, se você precisar...

— Você vai ficar aí sentada onde está — Jesse entrou na Pine Crest Drive sem quase acertar a caixa do correio, algo que até eu, motorista com carteira, raramente conseguia fazer — e pareça bonita, como deve ser uma jovem dama.

— Espera aí, que século é esse?

— Ajude-me um pouco — disse ele, aparentando sofrimento. — Estou fazendo isso por você, nesta roupa de macaco.

— De pingüim.

— Suzannah.

— Só estou dizendo. É assim que a gente chama. Você precisa se atualizar com as gírias se quiser se encaixar.

— É isso aí — disse ele numa imitação tão perfeita de... bem, de mim, que fui obrigada a lhe dar um soco de brincadeira no braço.

Fiquei sentada parecendo bonita durante o resto dos três quilômetros até a Missão. Quando chegamos, até esperei e deixei que ele viesse abrir a porta do carro para mim. Jesse agradeceu, mencionando que seu ego masculino havia levado muitos golpes na semana anterior.

Eu sabia o que ele queria dizer, e não o culpei nem um pouco por se sentir assim. Ele basicamente havia saído do hospital de Carmel como um homem renascido, sem passado. Pelo menos um passado que o ajudasse neste século, sem família — a não ser eu, claro, e o padre Dominic — e sem um centavo. Se não fosse o padre Dominic, na verdade, quem sabia o que poderia ter acontecido? Ah, acho que mamãe e Andy poderiam deixar que ele fosse morar com a gente...

Entretanto não adorariam a idéia. Mas o padre Dominic havia encontrado um apartamento pequeno — mas limpo e legal — para o Jesse, e ele estava procurando emprego. A faculdade viria depois, assim que ele estudasse e fizesse o vestibular.

Mas quando encontramos o padre D. na entrada do baile — que estava acontecendo no pátio da Missão, transformado para a ocasião num oásis iluminado pela lua, com luzinhas piscando em volta de cada palmeira e gelatinas multicoloridas sobre os refletores da fonte —, ele fingiu que estava conhecendo Jesse naquele momento, por causa da irmã Ernestine, que estava ali perto.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse o padre Dominic, apertando a mão de Jesse.

Jesse não conseguia afastar o sorriso do rosto.

— O prazer é meu, padre.

Depois de a irmã Ernestine sair dando uma fungadela na direção do meu vestido — acho que ela estivera esperando que eu chegasse com um decote até o umbigo, e não o recatado modelito Jessica McClintock branco —, o padre Dominic abandonou o fingimento e falou ao Jesse:

— Tenho boas notícias. Apareceu um emprego.

Jesse ficou empolgado.

— Verdade? O que é? Quando começo?

— Na segunda de manhã. E, ainda que o salário não seja grande coisa, é algo para o qual você leva muito jeito: fazer palestras sobre a antiga Carmel no museu da Sociedade Histórica. Acha que agüenta isso por um tempo? Pelo menos até conseguirmos colocá-lo na faculdade de medicina?

O riso de Jesse pareceu — pelo menos para mim — mais brilhante do que a lua.

— Acho que sim — disse ele.

— Excelente. — O padre Dominic ajustou os óculos no nariz e sorriu para nós. — Tenham uma ótima noite, crianças.

Jesse e eu garantimos que teríamos, depois fomos para o baile.

Não era nenhum baile de meados do século XIX nem nada. Mas mesmo assim foi bem legal. E, certo, também havia um DJ e uma máquina de fumaça, mas é isso aí. Jesse pareceu estar se divertindo, especialmente quando Cee Cee e Adam chegaram até nós e ele pôde apertar a mão dos dois e dizer:

— Ouvi falar muito de vocês.

Adam, que não fazia idéia da existência de Jesse, fez uma careta.

— Acho que não posso retribuir o cumprimento.

Mas Cee Cee, que tinha ficado pálida como seu vestido quando me ouviu falar o nome de Jesse, foi mais amigável. Ou pelo menos entusiasmada.

— M... mas — gaguejou ela, desviando o olhar do rosto de Jesse para o meu e depois de volta. — Você... você não é...

— Não mais — falei. E mesmo ainda confusa, ela sorriu.

— Bem — disse ela. E depois mais alto: — Bem! Isso é maravilhoso!

Foi então que notei sua tia ali perto, batendo papo com o Sr. Walden.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntei a Cee Cee.

Adam riu e, antes que Cee Cee pudesse dizer uma palavra, explicou:

— O Sr. Walden foi designado para vigiar o baile. E adivinhe quem ele trouxe como acompanhante?

— Eles não estão juntos — insistiu Cee Cee. — São só amigos.

— Certo — disse Adam rindo.

— Suze. — Cee Cee puxou sua echarpe de renda mais para cima dos ombros. — Vamos ao toailete?

— Já volto — falei ao Jesse.

— Como... — começou Cee Cee assim que me arrastou ao banheiro feminino.

Mas não conseguiu dizer mais nada, porque um bando de calouras risonhas entrou e se apinhou em volta do espelho sobre a pia, verificando o cabelo.

— Um dia eu conto — falei rindo.

Cee Cee franziu o rosto.

— Promete?

— Se você contar como vão as coisas com Adam.

Cee Cee suspirou e verificou o próprio reflexo.

— Um sonho — disse ela. Depois me olhou. — Para você também. Dá para ver pela sua cara.

— Sonho é uma boa palavra.

— Foi o que pensei. Bem, venha. Não dá para saber o que Adam pode estar dizendo a ele.

Viramo-nos para sair no instante em que a porta do banheiro se abriu e Kelly Prescott entrou. Lançou-me um olhar absolutamente sujo, que não entendi até que ela foi seguida pela irmã Ernestine, com uma fita métrica na mão. Foi então que vi a fenda no vestido de Kelly. Era muito mais alta do que a regulamentar altura dos joelhos.

Cee Cee e eu passamos pela freira e saímos rindo na passagem coberta.

Pelo menos eu estava rindo, até que vi Paul.

Ele estava parado na sombra, parecendo bonito e tranqüilo em seu smoking. Obviamente esperava Kelly sair com a fenda ajustada. Ficou empertigado ao me ver.

— Ah, diga ao Jesse que já estou indo, certo, Cee? — pedi.

Cee Cee confirmou com a cabeça e voltou ao baile. Fui até onde Paul estava encostado numa coluna de pedra e disse:

— Oi.

Paul tirou as mãos do bolsos.

— Oi.

Então nenhum de nós dois pareceu capaz de pensar em nada para falar.

Por fim ele disse:

— Encontrei o Jesse lá fora.

Levantei as sobrancelhas.

— Encontrei a Kelly lá dentro.

— É. — Paul lançou um olhar para a porta do banheiro feminino.

Então disse: — Eu... o meu avô perguntou por você.

— Verdade? — Eu tinha ouvido dizer que o Dr. Slaski havia voltado para casa. — Ele está...

— Está melhor. Muito melhor. E... e você estava certa. Ele não é maluco. Bem, é, mas não como eu pensava. Na verdade sabe um monte de coisas sobre... gente como a gente.

— É. Bem, diga que mandei lembranças.

— Vou dizer. — Paul parecia incrivelmente desconfortável. Na verdade eu não poderia culpá-lo. Era a primeira vez que ficávamos a sós desde o incêndio... e do hospital. Eu o tinha visto na escola na semana seguinte, mas ele parecia fazer todo o possível para me evitar. Agora parecia com vontade de sair correndo.

Mas não fez isso. Porque, por acaso, ainda tinha algo a dizer.

— Suze. Sobre... o que aconteceu...

Sorri.

— Está tudo bem, Paul. Eu já sei.

Ele pareceu confuso.

— Sabe? O quê?

— O dinheiro. Os dois mil dólares que você doou anonimamente ao fundo das famílias necessitadas da igreja, destinados especialmente aos Gutierrez. Eles receberam e, segundo o padre Dominic, ficaram tremendamente agradecidos.

— Ah. — E Paul ficou vermelho. De verdade. — Isso. Não é o que eu quis dizer. O que eu quis dizer é... você... você estava certa.

Pisquei.

— Estava? Com relação a quê?

— Meu avô. — Ele pigarreou. Dava para ver o quanto custava admitir aquilo. Também dava para ver que ele precisava falar, muito. — Bem, não só sobre o meu avô, mas sobre... bem, tudo.

Levantei as sobrancelhas. Isso era mais do que eu jamais ousei esperar.

— Tudo? — ecoei, esperando que ele estivesse falando do que eu imaginava.

Parecia que sim.

— É. Tudo.

— Mesmo sobre... — eu precisava ter certeza — você e eu?

Ele confirmou com a cabeça, mas não estava muito feliz.

— Eu deveria saber o tempo todo — disse Paul lentamente, como se as palavras estivessem sendo pressionadas para fora por alguma força invisível. — Quero dizer, como você se sentia com relação a ele. Você me disse muitas vezes. Mas eu não... não saquei de verdade até a noite no celeiro, quando você... você disse a ele. O motivo de a gente estar lá. O fato de que você preferia deixar que ele vivesse...

— Não precisamos falar disso — respondi, porque só pensar naquela noite fazia meu peito se apertar. — Verdade.

— Não. — Os olhos azuis de Paul se cravaram nos meus. — Você não entende. Eu preciso. Nunca... Suze, eu nunca senti isso por ninguém. Nem mesmo por você. E você, bem... provavelmente notou. Quando não fui exatamente ao seu resgate. Durante o incêndio e coisa e tal.

— Mas depois você foi ótimo — falei defendendo-o, porque senti que alguém deveria. — Tipo, me ajudando a levar Jesse ao hospital.

Ele deu de ombros, arrasado.

— Não foi nada. O que Jesse fez, pular atravessando o fogo... e ele mal conhecia você...

— Tudo bem, Paul. Verdade.

Ele não parecia convencido.

— Verdade?

— Verdade — respondi a sério. Depois assenti na direção da porta do banheiro feminino. — Além disso, sempre achei que vocês dois combinavam muito mais.

— É — disse Paul seguindo meu olhar. — Acho que sim.

Então para minha surpresa, ele estendeu a mão direita.

— Sem ressentimentos, Simon?

Olhei para a mão dele. Parecia incrível, mas realmente não tinha nenhum. Quero dizer, ressentimentos com relação a ele. Agora, não. Não mais.

Cruzei os dedos nos dele.

— Sem ressentimentos — falei.

Então a porta do banheiro se abriu num estrondo e Kelly saiu, o passo consideravelmente alterado, porque a irmã Ernestine havia costurado a fenda do seu vestido logo acima do joelho.

Kelly tinha algumas coisas bem desagradáveis para falar sobre a freira, quando se aproximou.

— Mas pelo menos ela não fez você ir para casa trocar de roupa — interrompi observando.

Kelly simplesmente piscou para mim.

— Quem é aquele cara? — perguntou.

Olhei por cima do ombro. Jesse estava se aproximando pela passagem coberta. Meu coração, como sempre quando eu o via, se revirou no peito.

— Ah, ele? — falei em tom casual. — É só o Jesse. Meu namorado.

Meu namorado. Meu namorado.

Os olhos de Kelly se arregalaram ao máximo enquanto Jesse parava no poço de luar que estávamos e segurava minha mão.

— Paul — disse ele, cumprimentando com a cabeça.

— Oi, Jesse — respondeu Paul, desconfortável. Então, lembrando de Kelly, fez as apresentações, sem jeito.

— Muito prazer em conhecê-la. — Jesse apertou a mão de Kelly.

Mas ela pareceu perplexa demais para responder. Só estava encarando Jesse como se tivesse visto.

Bem, não um fantasma, exatamente. Mais como se fosse algo que ela não podia entender direito. Quase pude ouvi-la pensando. O que um cara desses está fazendo com Suze Simon?

Ei, ela não sabe o que eu havia passado pelo cara... nem o que ele havia passado por mim.

Tentando não ser presunçosa demais, segurei o braço de Jesse e falei:

— Bem, vejo vocês por aí. — E o levei à pista de dança.

— As coisas com o Paul estão...? — Jesse levantou as sobrancelhas interrogativamente enquanto eu envolvia seu pescoço com os braços.

— Ótimas — respondi.

— E você sabe disso porque...?

— Ele disse.

— E você acredita?

— Sabe de uma coisa? — Levantei a cabeça, que estava encostada no ombro de Jesse. — Acredito.

— Sei. — Jesse ficou parado enquanto eu balançava ao ritmo da música. — Suzannah? O que está fazendo?

— Dançando com você.

Jesse olhou para nossos pés, mas não podia vê-los porque minha saia comprida balançava acima deles.

— Não sei dançar isso — disse ele.

— É fácil. — Soltei seu pescoço, peguei suas mãos e coloquei na minha cintura. Então voltei a passar os braços por seu pescoço. — Agora balance.

Jesse balançou.

— Está vendo? — disse eu. — Você conseguiu.

A voz de Jesse no meu ouvido pareceu meio estrangulada.

— Como se chama essa dança?

— Lenta. O nome é dança lenta.

Jesse não falou muita coisa depois disso. Realmente estava pegando rápido os costumes sociais do século XXI.

Não sei quanto tempo depois levantei a cabeça e vi meu pai ali parado.

Desta vez não pulei fora da pele. Meio esperava vê-lo.

— Oi menina — disse ele.

Parei de dançar e falei com Jesse.

— Poderia me dar licença um minuto? Tem alguém com quem eu preciso... é... trocar uma palavrinha.

Jesse sorriu.

— Claro.

Com o coração inchado de adoração por ele, fui até a palmeira atrás da qual meu pai espreitava.

— Ei — falei meio sem fôlego. — Você veio.

— Claro que vim. O primeiro baile de verdade da minha menininha? Acha que eu iria perder?

— Não é por isso que estou feliz por você ter vindo — falei pegando sua mão. — Eu queria agradecer.

— Agradecer? — Papai ficou perplexo. — Pelo quê?

— Pelo que você fez por Jesse.

— Por Jesse? — Então a ficha caiu e ele pareceu que ia soltar minha mão, sem graça. — Ah. Aquilo.

— É, aquilo — confirmei segurando seus dedos com mais força. — Papai, Jesse me contou. Se você não o tivesse feito ir ao hospital eu o teria perdido para sempre.

— Bem — disse ele, parecendo que desejava estar em outro local, qualquer local. Na verdade parecia... bem, quase como se já estivesse em outro local. Muito menos opaco do que normalmente. — Quero dizer, você estava chorando. E me chamando. Quando deveria estar chamando Jesse.

— Achei que Jesse tinha ido embora. Por isso chamei você. Porque você sempre esteve presente quando eu realmente precisava. E esteve presente naquele momento. Você o salvou, papai. E eu só queria deixar claro o quanto isso significou para mim. Especialmente porque sei que você não concordou com a minha ida, você sabe, desde o começo.

Meu pai ajeitou minha orquídea. Mas por algum motivo, em vez de conseguir segurá-la, seus dedos pareceram atravessar direto as pétalas finas. De repente, percebi o que estava acontecendo. E não havia nada a fazer, a

não ser ficar ali parada, olhando-o, com lágrimas se juntando embaixo das pálpebras.

— É, desculpe isso — continuou papai, falando de nossa discordância com relação à volta no tempo para “salvar” Jesse. Ele estava ficando fisicamente mais e mais fraco a cada palavra. E não só porque eu o estava olhando através de uma cortina de lágrimas. — Só que, se você voltasse e salvasse minha vida, seria como... bem, como se eu tivesse morrido e ficado por aí nos últimos dez anos em troca de nada.

— Não foi em troca de nada, papai — falei, segurando com o máximo de força a mão que, enquanto falava, eu podia sentir escapando. — Foi pelo Jesse. E por mim. Por isso você está finalmente pronto para ir adiante. Veja você mesmo.

Papai olhou para si mesmo e depois para mim, claramente perplexo.

— Tudo bem, papai — falei, enxugando com a mão livre as lágrimas do meu rosto.

Agora era quase impossível vê-lo... só um fraco brilho de cor e luz e uma leve pressão na minha mão. Mas dava para ver que ele estava rindo. Rindo e chorando ao mesmo tempo. Como eu.

— Vou sentir saudade.

— Cuide da sua mãe por mim — disse ele rapidamente, como se tivesse medo de ser levado antes de conseguir falar as palavras.

— Vou cuidar — prometi.

— E seja boa.

— Alguma vez não fui? — perguntei com a voz embargando.

Então, com um tremor, ele desapareceu.

Para sempre.

Demorou muito até eu poder voltar aonde Jesse estava parado. Precisei chorar um pouco atrás de uma palmeira, depois consertar os danos causado pelas lágrimas usando a maquiagem da bolsa. Quando finalmente voltei para o lado de Jesse, ele me olhou e sorriu.

— Ele foi embora? — perguntou.

— Foi — respondi automaticamente. Depois fiquei boquiaberta.

— Jesse... — Encarei-o. — Você consegue... você...

— Se eu vi você conversando com seu pai? — perguntou ele, com os cantos dos lábios se retorcendo um pouco. — Vi.

— Então você consegue... — Eu estava completamente atarantada.
— Você consegue...

— Ver e falar com fantasmas? — Jesse riu ao luar. — Parece que sim. Por quê? É um problema?

— Não. Só que... isso significa... — eu mal conseguia acreditar no que ia dizer. — Significa que você é...

— Mi hermosa — disse ele, puxando-me. — Vamos apenas dançar.

Mas eu ainda estava pasma demais para pensar em outra coisa. Jesse — o meu Jesse — não era mais um fantasma. Era um mediador.

Como eu.

— A única coisa que eu não entendo — estava dizendo Jesse, com o hálito quente no meu ouvido — é por que ele demorou tanto tempo.

Balancei nos braços de Jesse, mal registrando o que ele dizia. Jesse é um mediador, era tudo que conseguia pensar. Agora Jesse é um mediador.

— O seu pai — disse ele. — Quero dizer, o fato de ele ir adiante. Por que agora?

Passei os braços pelo seu pescoço. O que mais poderia fazer?

— Tem certeza de que não sabe? — perguntei.

Ele negou balançando a cabeça.

Sorri, porque senti meu coração a ponto de explodir de alegria.

FIM

Disponibilizado por:

[HTTP://WWW.TOCADACORUJA.NET/](http://www.tocadacoruja.net/)

Revisado e reformatado por:

FabyTS

[HTTP://WWW.4SHARED.COM/U/PPVMZPTQ/95B9C46F/FABYTS](http://www.4shared.com/u/ppvmzptq/95b9c46f/fabyts)

Sobre a digitalização deste livro

Este livro foi digitalizado para proporcionar, gratuitamente, o prazer de sua leitura àqueles que não podem comprá-lo. Dessa forma, a venda deste e-book é totalmente proibida.

Portanto: **Distribua este livro gratuitamente!**

Se você gostar desta obra, considere a possibilidade de adquirir o original.

Onde encontrar E-books:

[HTTP://WWW.TOCADACORUJA.NET/](http://www.tocadacoruja.net/)

[HTTP://WWW.4SHARED.COM/NETWORK/SEARCH.JSP](http://www.4shared.com/network/search.jsp)

[HTTP://WWW.ESNIPS.COM](http://www.esnips.com)

[HTTP://EBOOKSGRATIS.COM.BR](http://ebooksgratis.com.br)

[HTTP://WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR](http://www.portaldetonando.com.br)

[HTTP://WWW.LIVROSPARATODOS.NET](http://www.livrosparatodos.net)

Comunidade Tradução de Livros

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=25399156](http://www.orkut.com.br/main#community.aspx?cmm=25399156)

Comunidade Digitalizações de Livros

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=34725232](http://www.orkut.com.br/main#community.aspx?cmm=34725232)

Participe da Comunidade: A Mediadora

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=1043373](http://www.orkut.com.br/main#community.aspx?cmm=1043373)